

DIVALDO FRANCO & CEZAR BRAGA SAID



Cartas de Yvonne

A amizade entre Divaldo Franco e Yvonne do A. Pereira

Allan Kardec



O EVANGELHO
SEGUNDO
O ESPIRITISMO

Divaldo Franco
E
CEZAR BRAGA SAID

CARTAS DE YVONNE

- A AMIZADE ENTRE DIVALDO FRANCO
E YVONNE DO A. PEREIRA-



Salvador
1 ed.- 2016

©(2016) Centro Espírita Caminho da Redenção — Salvador. HA l.ed.-2016 5.000 exemplares

Revisão: Prof. Luciano de Castilho Urpia

Lívia Maria Costa Sousa

Adriano Mota Ferreira

Editoração eletrônica: Ailton Bosco Capa: Cláudio Urpia

Coordenação editorial: Prof. Luciano de Castilho Urpia Produção gráfica:

LIVRARIA ESPÍRITA ALVORADA EDITORA Telefone: (71) 3409-

8312/13 - Salvador, BA Homepage: <www.mansaodocaminho.com.br>

E-mail: <leal@mansaodocaminho.com.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Catalogação na fonte)

Biblioteca Joanna de Ângelis

F825 FRANCO, Divaldo Pereira.

Cartas de Yvonne — A amizade entre Divaldo Franco e Yvonne do A. Pereira. 1. ed. / Divaldo Pereira Franco e Cezar Braga Said. Salvador: LEAL, 2016.

192 p.

ISBN: 978-85-8266-139-0

1. Espiritismo 2. Mediunidade 3. Cartas 4. Amizade I. Franco, Divaldo II. Said, Cezar III. Título.

CDD: 133.90

DIREITOS RESERVADOS: todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados, única e exclusivamente, para o Centro Espírita Caminho da Redenção. Proibida a sua reprodução parcial ou total, por qualquer meio, sem expressa autorização, nos termos da Lei 9.610/98.

Impresso no Brasil

Presita en Brazilo

Agradecimentos:

Ana Paula Hornbostel (CEEAK, Suíça)

Cássio Leonardo Carrara (O Clarim)

Clara Betânia de Souza (Federação Espírita Brasileira) Iracy SantAnna
(Mansão do Caminho)

Maria Helena Marcon (Federação Espírita do Paraná) Rose Muzzi (Mansão
do Caminho)

Washington L. N. Fernandes (Mansão do Caminho)

“Obrigada, meu Deus, pela bênção da mediunidade que me concedeste como ensejo para a reabilitação do meu Espírito culpado. A chama imaculada que do Alto me mandaste, com a revelação dos pontos da tua Doutrina, a mim confiados para desenvolver e aplicar, eu a⁽¹⁾ devolvo, no fim da tarefa cumprida, pura e imaculada conforme a recebi: amei-a e respeitei-a sempre, não a adulterei com ideias pessoais porque me renovei com ela a fim de servi-la; não a conspiruei, dela me servindo para incentivo às próprias paixões, nem negligenciei no seu cultivo para benefício do próximo, porque todos os meus recursos pessoais utilizei na sua aplicação. Perdoa, no entanto, Senhor, se melhor não pude cumprir o dever sagrado de servi-la, transmitindo aos homens e aos Espíritos menos esclarecidos do que eu o bem que ela própria me concedeu. ”

Yvonne

(Introdução do livro *Recordações da mediunidade*, publicado pela FEB
— Federação Espírita Brasileira.)

Deus o abençoe, Divaldo, pela sua grande dedicação ao trabalho de Jesus. Vê-se que o seu compromisso com a Doutrina foi firmado na vida espiritual mesmo, não é “arranjo” aqui da Terra. Sua obra literária mediúnica é legítima e tem esclarecido e consolado muita gente.

Yvonne do A. Pereira

(Trecho de uma carta enviada por Yvonne para Divaldo em 18 de março de 1969.)

Esclarecimentos

Este livro pretende desvelar a relação fraterna, delicada, sincera e cheia de gentilezas que Yvonne do Amaral Pereira teve com o médium Divaldo Franco.

Para tal, trazemos a lume a correspondência que ela manteve com o médium baiano ao longo dos anos em que esteve entre nós.

Várias facetas de Yvonne se apresentam nas missivas enviadas a Divaldo e suas cartas nos oferecem farto material de análise doutrinária ao mesmo tempo em que revelam detalhes de sua vida como médium, irmã, tia e amiga.

Médium equilibrada, estudiosa e zelosa dos princípios espíritas, ela soube como poucos converter o seu sofrimento, a sua expiação, numa fecunda missão.

Com suas cartas, orações e conversas, Yvonne agregou experiências, conselhos e ponderações importantes para que Divaldo não parasse e tivesse a certeza de que estava no rumo certo.

Foi mais um anjo anônimo em seu caminho de lutas e dificuldades.

No episódio ocorrido no ano de 1962, quando uma campanha difamatória tentou desacreditá-lo perante os espíritas e diante da opinião pública, lá estava Yvonne, na contramão desse movimento, afirmando com todas as letras e com as credenciais de sua vida ilibada, sempre assistida em suas tarefas por Espíritos veneráveis, que a mediunidade de Divaldo era legítima, que seus esforços em prol de um mundo melhor eram verdadeiros

e que ele não buscava nenhum tipo de holofote, queria apenas ser mais um servidor, nada mais almejando, absolutamente nada, além do prazer de servir.

A carta escrita por Yvonne no intuito de apoiá-lo permaneceu oculta por mais de 50 anos, guardada nos arquivos de Divaldo, assim como as demais que agora apresentamos ao público espírita.

Por que resolvemos trazer tal correspondência ao conhecimento de todos?

O que a possibilidade de conhecê-la pode agregar ao nosso movimento doutrinário?

Primeiramente para ressaltar a excelente contribuição dada por Yvonne com suas cartas, sempre ricas de reflexões, ensinamentos e ponderações, podendo assim contribuir para preservar também a sua memória. Num segundo momento, tornar conhecidos os estímulos fraternos trazidos a um jovem médium que principiava suas tarefas na seara espírita.

Ela já intuía, vislumbrava o universo de compromissos que Divaldo tinha pela frente, sabia quanto ele era bem-assistido, dedicado e bem-intencionado. Não poupou, portanto, apoio, carinho e orientação ao moço amigo quem muitas vezes chamou e tratou como um filho.

Estas cartas também oferecem material para análises, comparações, roteiro seguro para quem jornadaia no campo mediúnico e nos labores espíritas de um modo geral, quando lidas com o respaldo da Codificação e, particularmente, de *O Livro dos Médiuns*.

Há em Yvonne, além da costumeira simplicidade e sobriedade, a caridade em suas múltiplas expressões, juntamente com um zelo

extraordinário pela boa literatura espírita, especialmente os autores clássicos ainda hoje tão desdenhados em face da nossa avidez por novidades.

Nesta correspondência, percebemo-la fazendo defesa exemplar dos livros da Codificação, espantando-se com o fato de o espírita não estudar Kardec como deveria e, conseqüentemente, não conhecer nem praticar de maneira correta a mediunidade.

Apoiada no estudo permanente do Espiritismo, Yvonne atuou em algumas instituições como expositora, trabalhou como médium receitista, escreveu cartas que esclareceram e consolaram, visitou enfermos, psicografou e também escreveu livros sob inspiração. Costurou para inúmeras pessoas carentes, animando quem a visitasse, sempre convivendo com a saudade e a falta de seu grande amor, o Espírito Roberto de Canalejas.

Neste movimento de autossuperação, recebeu ajuda direta dos Espíritos Bezerra de Menezes (1831-1900), Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), Bittencourt Sampaio (1834-1895) e Léon Denis (1846-1927), além da constante orientação espiritual de Charles, amigo e protetor de Yvonne, alma ligada ao seu coração por laços reencarnatórios.

Conhecer as suas dificuldades e lutas é de alguma maneira encontrar estímulos para não desistirmos daquelas que travamos na intimidade da nossa própria alma, na busca de sermos o que ainda não somos.

Podemos conhecer Yvonne lendo as obras que escreveu, lendo o que foi escrito sobre ela e lendo-a, já desencarnada, por meio das mensagens psicográficas que tem enviado pela mediunidade de alguns tarefeiros,

inclusive Divaldo.

Em relação ao que já foi escrito sobre ela, destacam-se a bela e doutrinária trilogia escrita por Pedro Camilo, escritor baiano, publicada pela Editora Lachâtre: *Yvonne Pereira: uma heroína silenciosa* (2004)-, *Pelos caminhos da mediunidade serena* (2006) e *Devassando a mediunidade* (2009). Além do livro *Yvonne do Amaral Pereira — O voo de uma alma*, publicado pelas Edições CELD e escrito pelo querido e saudoso amigo Augusto de Freitas, fundador do Centro Espírita Yvonne Pereira em Rio das Flores, Rio de Janeiro.

É importante salientar que nas cartas aqui apresentadas, a grafia original não pôde ser integralmente conservada, tendo em vista a época em que foram escritas e a norma culta vigente, fazendo-se necessário, portanto, alguns ajustes ortográficos mínimos, pequenas adequações, de modo a dar uma fluência e atualidade maior ao texto, sem comprometer o estilo, o sentido e o conteúdo do que Yvonne desejava veicular.

Quando necessário e dispondo de informações, inserimos notas de rodapé a fim de esclarecer quem são alguns dos vultos ou fatos aos quais ela alude, ajudando o leitor a situar-se melhor ante tais referências.

Após cada carta, inserimos breves comentários, um pequeno trecho de *O Livro dos Médiuns* e sempre a sugestão de leitura de um bom livro que aborde a temática mediúnica, seja ele de Yvonne, Divaldo, Chico, Raul Teixeira ou algum outro autor encarnado. Livros que nos oferecem diretrizes seguras para o exercício consciente e espírita das nossas faculdades.

Todo o livro contém aqui e ali citações retiradas das obras de Léon Denis, que sempre foi uma referência amiga e doutrinária em todo o

trabalho realizado por Yvonne, além de ser considerado por ela como o grande continuador de Allan Kardec. Tais citações têm o propósito de fazer um convite ao leitor para um estreitamento de laços com o apóstolo de Tour,^{2} que soube divulgar o Espiritismo com profundidade e rara beleza.

Que este acervo de cartas contribua, à semelhança de outros, para preservar a substantiva contribuição dada por Yvonne ao nosso Movimento e que a sua vida de renúncias e devotamento ao bem siga inspirando-nos, dia após dia, na sucessão do tempo, a sermos verdadeiros espíritas consoante o que propõe Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo dezessete, item quatro, quando afirma que o verdadeiro espírita se reconhece (...) *pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.*

Nova Iguaçu, 11 de julho de 2015.

PREFÁCIO DE YVONNE

Sempre gostei de escrever. Escrevia por qualquer motivo. Ora, um dos mais gratos trabalhos que exerci à luz do Espiritismo foi através de cartas. Sólidas amizades criei e mantive, a distância, escrevendo e recebendo cartas. Estas eram, geralmente, doutrinárias, mas fraternas e amigas, quer de parte dos correspondentes, quer da minha parte, mas não cheguei a conhecer pessoalmente a maior parte dos meus correspondentes. Jamais deixei de responder a uma carta que recebesse, e eram muitas, a não ser que o correspondente se excedesse, exigindo de minha mediunidade investigações pessoais que os códigos doutrinários e o senso da razão não permitiam. Mesmo assim, muitas vezes, a essas impertinências eu respondia esclarecendo sobre as inconveniências de certas indagações aos Espíritos, que poderiam redundar em mistificações e, portanto, em alquebramento da própria mediunidade.

Orientações doutrinárias, conselhos para a solução de problemas pessoais, esclarecimentos para o bom uso da mediunidade — às vezes, para isso, recorrendo aos amigos espirituais — é trabalho que mantenho há vinte e cinco anos, desde que saiu a público o meu primeiro livro mediúnico. Mantive correspondência doutrinária mesmo com sacerdotes católicos, os quais, não raro, recorriam a mim para a

compreensão e solução de problemas, muitas vezes dolorosos, de seus paroquianos. Esses sacerdotes eram espíritas convictos, conhecedores da Doutrina Espírita. Mantiveram-se irmãos distintíssimos, dignos da minha estima e do meu apreço. Esse trabalho de correspondência foi dos mais gratos que desempenhei, trabalho que dilatou o círculo de minhas relações de amizade, o que muito confortou o meu coração sempre sedento de afetos e expansões.

Yvonne

(Trecho do livro *ALuz do Consolador*, publicado pela FEB.)

PERFIL DE YVONNE

Era dessas pessoas que inspiram respeito. Não que ela o impusesse, longe disso. Era cordial com todos, simples, desarmada, espontânea, ainda que inflexível na defesa dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, que estudava incessantemente. A severidade era consigo, não com os outros. Não se empenhava em polêmicas e debates inúteis nem em longas dissertações teóricas. Era a primeira a examinar com atento olhar crítico o seu próprio trabalho.

Por muito tempo, sua produção mediúnica foi escrita em papel de embrulho, de tamanho, cor e textura diferentes. Sem dinheiro para adquirir material novo, ela recolhia todo o papel de embalagem aproveitável, passava-o a ferro, recortava-o e usava-o na psicografia, que fazia com caneta - creio que esferográfica -, porque o traço do lápis era pouco legível no papel pardacento. Isto salvou os preciosos originais, como revelaria a João Antero de Carvalho, em *Obreiros do Bem* (agosto de 1975), porque a tinta resistiu bem à passagem dos anos de espera.

Yvonne Pereira separou com nitidez a produção mediúnica dos escritos de sua própria autoria. Deixou em ambos importante bagagem. Em ambos produziu textos doutrinariamente corretos e sóbrios, como ela própria o foi. Não dizia Buffon que o estilo é o homem (no caso, a mulher)? A linguagem é simples e desataviada, como a própria

Yvonne (nunca a vi maquiada, enfeitada, com joias e roupas

sofisticadas). Em *Devassando o invisível* e em *Recordações da mediunidade*, ela se expôs no depoimento pessoal, partilhando com os leitores da sua ampla experiência no longo e proveitoso exercício da mediunidade responsável, a serviço do próximo. Ela me falou, certa vez, de originais seus ainda inéditos. Por que não foram publicados? Por onde andariam? Com quem ficaram? De que tratavam? Seria ainda possível resgatá-los?^[3]

Estou certo de que ela não gostaria de qualquer tipo de exaltação à sua obra ou à sua pessoa, nem precisaria disso. Eis por que devo mandar-lhe, daqui, um recado, assim:

“Você me desculpe, Yvonne. Procurei respeitar a sua modéstia, mas aí está o mínimo que poderia dizer pelo muito que ficamos todos a dever-lhe pelos escritos próprios e alheios, mas também pelo exemplo de sua vida de renúncias e dedicação à tarefa que lhe foi confiada. Além do mais, tenho com você um ponto mais sensível na saudade. Hei de me lembrar da funda emoção com a qual ouvi você dizer-me, certa vez, ao telefone, que o meu recém-lançado *Diálogo com as Sombras* era, no seu entender, o livro que Kardec não escreveu. Lembra-se? Para o escritor ainda temeroso de voos mais audaciosos, aquele foi um marco luminoso, num momento mágico que a sua generosidade criou. Nunca mais me faltaria disposição para continuar escrevendo.

“Deus a abençoe, querida amiga e companheira de jornada evolutiva.”

Hermínio C. Miranda

(Prefácio do livro *Cânticos do Coração*, vol. 1, Edições CELD)

O PRIMEIRO CONTATO

Eu a conheci no mês de junho de 1957, quando fiz a minha primeira palestra de televisão em Belo Horizonte. Foi a primeira palestra espírita televisada, na TV Acaiaca, graças a um homem notável, o Senhor Abreu, que era chamado ‘Abreu das Canetas’, porque na Avenida Afonso Pena ele possuía uma casa só de canetas. Era casado com uma médium admirável, quase cega, Dona Dolores Abreu.

Eu era hóspede do Senhor Abreu e Dona Dolores. Ele então me convidou para visitar Dona Yvonne, que morava no bairro Sagrada Família. Quando lá chegamos, ela estava com o braço quebrado. Ela houvera publicado “Memórias de um Suicida”. E então disse:

- Ai, meu filho! Os obsessores, desejando vingar-se de mim, empurraram-me da escada e eu arrebentei o braço.

Era uma sexta-feira. “Seu” Abreu convidou-nos para ir a Pedro Leopoldo, porque era o dia da reunião. Fomos. E ela também. Eu ouvi da boca de Chico Xavier:

- Yvonne, “Memórias de um Suicida” é a maior obra da mediunidade dos últimos cinquenta anos e será a maior obra da mediunidade dos próximos cinquenta anos, palavras de André Luiz. Escreva, pague o preço?⁽⁴⁾

Mais tarde, ela transferiu-se para o Rio de Janeiro, residindo no bairro da Piedade, onde eu a visitava todos os anos quando lá retornava. Mantivemos uma larga correspondência. Na época do meu testemunho, em 1962, ela psicografou para mim uma belíssima mensagem de conforto de Manoel Vi arma de Carvalho.

E nós a acompanhamos até a desencarnação. Ouvimos as suas lindas

confidências sobre o Esperanto, sobre Charles, sobre Chopin, a quem ela amava. Um dia Chopin lhe disse:

— Como eu invejo este tempo. No passado tocava piano na corte para cem pessoas. Eu tenho pedido a Deus para vir na época do rádio e tocar para milhões e agora na televisão!

Ela tinha uma foto muito bonita de Chopin e colocava, sempre, uma rosa vermelha em sua homenagem.

Foi a mais notável médium de desdobramento consciente. Ela reclinava na cadeira e desdobrava-se. Fazia as chamadas viagens astrais lúcidas. Desencarnou aureolada de glórias, lamentavelmente muito esquecida no Movimento Espírita.



(Depoimento de Divaldo a Luciano Klein Filho, inserido no livro *Recordações de um Apóstolo*, publicado pela Federação Espírita do Estado do Ceará.)

CARTAS DE YVONNE

1

PRIMEIRA CARTA

(...) os laços entre as almas são como os que existem entre as estrelas. Através dos séculos e dos lugares celestes, subiremos juntos para Deus, o grande foco de amor que atrai todas as criaturas.

Léon Denis

(O grande enigma: Deus e o Universo, segunda parte - Cap. XI)

Belo Horizonte, 18 de novembro de 1957.

Divaldo, querido irmão do coração:

Paz em Jesus.

Recebi seu lindo postal vindo pelo nosso amigo José Jobim Medeiros. Venho agradecer a você as expressões fraternas e carinhosas com que me brindou, as quais muito bem fizeram à minha alma. No entanto, nada tem que me agradecer. Eu é que sou imensamente grata por ter-se lembrado de minha humilde pessoa e de ter-me visitado em meu pobre domicílio. Infelizmente eu me achava ausente quando o rapaz esteve aqui, de forma que não tive o prazer de conhecê-lo, o que muito me pesa.

Seu postal veio avivar as saudades que eu já sentia da sua pessoinha querida e das palestras evangélicas com que só você sabe enternecer e reerguer, para a fé e o amor espiritual, a alma dos ouvintes. Que Deus o abençoe e ilumine sempre, nessa tarefa sublime de apresentar a Boa-nova do Senhor.

Divaldo, tenho me lembrado muito de você, porque estou trabalhando, agora, somente em torno do Evangelho, numa adaptação para crianças maiores de dez anos. Agora é que estou aprendendo a descobrir nessas páginas de luz os verdadeiros encantos que antes me passavam despercebidos. Não tenho méritos

passados para me tornar bom instrumento dos guias para tão avultada responsabilidade, mas faço o possível para merecer a assistência necessária. Ora por mim, querido filho, pois sei que seus pedidos chegarão facilmente ao seio de Jesus.

O Arnon Moreno emprestou-me “Jesus no seu tempo”, de Daniel-Rops^[5] livro esse que você nos recomendou. E muito erudito, profundo e belo, e enaltece o coração. Comecei a ler ontem “Vida de Jesus”, de Plínio Salgado; arrancou-me lágrimas de encantamento espiritual. E uma dádiva do céu, não acha? Poético e lindo, um livro completo! Você me prometeu um desses, dizendo que possui em duplicata, e não me esqueci. Procurei aqui e disseram que está esgotado.

Demorei a escrever porque estive em viagem. Fui visitar dois parentes doentes. Um faleceu. O outro continua atado a urna provação dolorosa.

Envio o beijo fraternal de minha alma para a sua, com muitas saudades, na súplica a Jesus para que o abençoe e conduza sempre na rota sublime do Evangelho. Minha sobrinha e os filhinhos enviam recomendações.

Aqui se despede a irmã e serva humilde que não o esquece e que muito bem lhe deseja.

Yvonne

Jovem, com cerca de 30 anos, Divaldo recebe essa primeira carta de Dona Yvonne repleta de espírito fraterno, gratidão, carinho e incentivo. Era um rapaz bem-intencionado e de coração puro que já se dedicava de corpo e alma ao Espiritismo, Doutrina que abraçou nos verdes anos da sua juventude.

Gratidão à amizade, ao bem querer, carinho pelo moço em quem reconhecia talentos e estímulos para que as potências da sua alma pudessem desabrochar e florescer, ofertando frutos a quem dele se acercasse. Incentivo para que ele prosseguisse na tarefa da exposição doutrinária, na qual sempre procurou apresentar Jesus como Guia e Modelo, um Cristo descrucificado, amoroso, humano e amigo de todos nós.

Desejoso de aprender com as experiências dela, Divaldo não se sentia pronto, não tinha a arrogância dos que supõem tudo saber e percebia quanto os conselhos de Yvonne, seu bom senso, sua visão de mundo, do Espiritismo e do Movimento Espírita poderiam algo acrescentar à sua jornada de aprendiz. Por outro lado, queria também oferecer amizade, ser-lhe igualmente solidário e afetuoso em meio às inúmeras lutas que, conforme sua intuição, certamente deveria ela travar no recesso do coração.

Ambos médiuns, e Yvonne já com livros psicografados e publicados, o que somente ocorreria com Divaldo em 1964, por ocasião da publicação de *Messe de Amor*, primeira obra ditada pelo Espírito Joanna de Angelis.

Yvonne menciona quanto vinha aprendendo com o estudo do Evangelho, estava ampliando de maneira considerável seus conhecimentos a ponto de preparar um livro destinado ao público infantil. Este opúsculo não chegou a ser publicado na época, embora tenha sido enviado à FEB

(Federação Espírita Brasileira) e passado por uma avaliação criteriosa juntamente com outras obras de sua autoria.

Segundo Gerson Sestíni, amigo e posteriormente biógrafo de Yvonne, ela teria enviado cinco obras, os títulos de três delas são mencionados em seu belo livro *Yvonne, a médium iluminada*, no qual narra alguns dos seus encontros e conversas com a médium.

Este livro, inspirado no Evangelho e voltado para o público infantojuvenil, chama-se *O Evangelho aos simples*.^{6}

Yvonne afirmava que toda a sua obra mediúnica recebia supervisão direta do Dr. Bezerra de Menezes, sendo ele, inclusive, quem a impediu de queimar os primeiros livros psicografados que foram recusados, sem ser lidos por Manuel Quintão, dirigente da FEB, quando ela os levou até ele para serem analisados.

A razão dessa recusa ela só compreenderia mais tarde, quando, mais madura, entendeu que as obras precisavam ser revistas e melhor fundamentadas, além de datilografadas, pois estavam todas manuscritas. Naquela ocasião, ela não tinha recursos nem para comprar papel, quanto mais ter uma máquina de datilografia.

Yvonne não criava ilusões quanto à presença da mediunidade em sua vida, pois reconhecia quanto era endividada e quanto deveria trabalhar para se reconciliar com sua própria consciência.

Por isso recusava qualquer endeusamento à sua pessoa, nunca deixando passar uma oportunidade de esclarecer quem a elogiasse ou a julgasse um Espírito superior. E desejava que fosse essa a postura do espírita diante dos médiuns, e dos médiuns diante de todos, sendo avessa a

qualquer tipo de idolatria.

Pede ao amigo que ore por ela, tratando-o de “querido filho” e deixando claro que em sua casa ele seria sempre bem recebido e de fato sempre o foi, nas inúmeras vezes em que a visitou no Rio de Janeiro, desfrutando, naturalmente, do cafezinho e do bolo gostoso feito por sua irmã, Dona Amália, que também se correspondia com Divaldo.



No cap. XVI de *O Livro dos Médiuns*, intitulado *Dos médiuns especiais*, Allan Kardec apresenta um quadro sinóptico das diferentes espécies de médiuns e no item 197 ele aborda o tema *Bons médiuns*. Nesta análise, em que conta com o apoio dos Espíritos Erasto e Sócrates, o codificador informa que os referidos médiuns se subdividem em: *Médiuns sérios, modestos, devotados e seguros*.

Médiuns sérios: os que unicamente para o bem se servem de suas faculdades e para fins verdadeiramente úteis. Acreditam profaná-las, utilizando-se delas para satisfação de curiosos e de indiferentes, ou para futilidades.

Médiuns modestos: os que nenhum reclamo fazem das comunicações que recebem, por mais belas que sejam. Consideram-se estranhos a elas e não se julgam ao abrigo das mistificações. Longe de evitarem as opiniões desinteressadas, solicitam nas.

Médiuns devotados: os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando necessário, sacrificar gostos, hábitos, prazeres, tempo e mesmo interesses materiais ao bem dos outros.

Médiuns seguros: os que, além da facilidade de execução, merecem toda a

confiança, pelo próprio caráter, pela natureza elevada dos Espíritos que os assistem; os que, portanto, menos expostos se acham a ser iludidos. Veremos mais tarde que esta segurança de modo algum depende dos nomes mais ou menos respeitáveis com que os Espíritos se manifestem.

Podemos afirmar que Chico Xavier, Dona Yvonne, Divaldo e outros tantos anônimos, cada qual com sua singularidade, são uma combinação destas categorias pela maneira como lidaram ao longo de toda a vida com a mediunidade recebida do Mais-alto.



Sugestão de leitura:

No invisível- Léon Denis - Editora FEB.

2

SEGUNDA CARTA

O bom êxito da experimentação, no que ela tem de belo e grandioso - a comunhão com o mundo superior não o obtém o mais sábio, mas o mais digno, o melhor, aquele que tem mais paciência e consciência e mais moralidade.

Léon Denis
(*No invisível* — Introdução)

Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1959.

Querido Divaldo, dedicado e bom irmão em Jesus:

Paz e prosperidade são os meus votos para você e todos os bem-amados que vivem ao seu lado.

Tenho em mãos sua gentil cartinha de 22 de julho, a qual muitas alegrias trouxe^[2] a mim e aos meus, com suas boas notícias. Já estávamos com saudades, e eu me preparava para lhe escrever, conforme havia prometido, mas os muitos afazeres da Doutrina não me têm deixado ocasião para a correspondência aos amigos queridos. Estimo que o querido irmãozinho continue sob as bênçãos do Céu, amparado no prosseguimento da magnânima obra que encetou sob o pálio do nosso Divino Mestre. Não nos esquecemos de rogar a Deus por si. Tanto eu como Amália e as meninas o fazemos de todo coração e com máximo fervor. Pode crer, Divaldo, que você possui aqui amigos desinteressados, corações sinceros que muito lhe querem e admiram a sua obra e o seu talento. Pena que não lográssemos mais ocasiões para gozarmos da sua companhia, tão desejada sempre por todos... Mas esperamos, que

o Céu nos conceda a satisfação de ainda podermos tê-lo aqui por mais tempo, para trocarmos ideias. As meninas descobriram uns retratos seus em revistas antigas da L.B. V.^{8} e estão organizando um pequeno álbum. Creio que um deles irá para um quadro, que terá ao lado uma jarra com flores permanentes... Ao que parece, você é o bijuzinho das meninas... que tal? ...

Divaldo, o Reformador publicou este mês a comunicação de Inácio Bittencourt^{9} a respeito das festividades nos Centros Espíritas. Recebi outra, do Espírito de César Gonçalves^{10}, antigo orador do Espiritismo, dedicado e entusiasta, sobre o mesmo assunto, típica e original, que entregarei amanhã à FEB. Nosso querido Bezerra de Menezes prometeu-me dar outra, e Anália Franco^{11} parece que se dirigirá às mães. Têm-se passado coisas estranhas, Divaldo! Dr. Bezerra disse-me tratar-se, essa confusão nos Centros Espíritas, de uma falange das trevas, organizada pelos Jesuítas do Espaço para desacreditar o Espiritismo através dos próprios espíritas desavisados. Esta noite consegui ver três deles! São da pior espécie, tipo obsessores.

Todos de negro, com capuz, como envolvidos em longos sudários negros e manto ocultando o rosto, e outros como que trajando um dominó preto. Disseram-me tudo quanto foi imoralidade, nomes feios, com raiva porque os estou denunciando! Respondi-lhes que nada neste mundo me fará ter raiva deles, que lhes quero muito bem e vou pedir a Jesus que os ajude a poderem ser felizes. Então eles me viraram as costas e cuspiram no chão, para mim, e foram embora. O chefe é um terrível mistificador que toma o nome de Bezerra de Menezes e anda por aí dizendo coisas absurdas! Por isso se vê tanta bobagem em Centros, e quando se chama a atenção para isso, respondem que foram Dr. Bezerra ou André Luiz que mandaram. Ora por mim, Divaldo, pois esses obsessores costumam instigar meus próprios

parentes contra mim e me deixarem em situação crítica. Já fiquei certa vez, aqui no Rio, vagando um dia inteiro pelas ruas sem ter aonde entrar, por causa disso, no ano de 1954. Tenho, porém, fé que nada sucederá e por causa disso não deixarei de cumprir o meu dever. Os guias já me instruíram sobre o que deverei fazer, isto é, o modo de orar e vigiar.

Há dias, antes de Deolindo Amorim^[12] começar a falar em certo Centro para o qual foi convidado, puseram uma vitrola a tocar e duas moças começaram a dançar Roch^[13] (não sei se é assim que se escreve, mas você entenderá), acompanhadas pelo próprio pai! Isso não é obsessão? O Deolindo nada disse, mas eu acho que ele deveria ter protestado, não é? Pois é autoridade! No dia seguinte foi que ele disse as últimas à mentora da mocidade do referido Centro. E tudo isso houve com a solenidade já aberta em nome de Deus! Enfim, os guias acham a situação muito grave e estão me pressionando para fazer alguma coisa. Dr. Bezerra mandou-me escrever aos meus amigos, em seu nome, convidando-os a ajudá-lo num movimento de moralização nos Centros Espíritas. Já escrevi a vários. Tive até de viajar para isso. E já obtive adesões. Se nada conseguir, ao menos terei obedecido aos meus guias e cumprido o meu dever de médium, que é transmitir. A você eu já havia convidado, não é? Reitero o convite, agora, em nome de nosso querido Dr. Bezerra. O artigo de Inácio parece que já buliu com alguém. Veio aqui, ontem, uma moça da Mocidade A., e disse-me ela que virão outros moços de lá. Parece que a carapuça serviu... Mas já estou instruída do que precisarei dizer-lhes. Espero me tornar até odiada. Mas que hei de fazer? ... Como hei de bajulá-los, conforme estão habituados, se os Espíritos além de só falarem em tese, nunca bajulam ninguém? ... A mim eles sempre disseram as mais duras verdades! E como eu as agradeço! ...

Divaldo, você ainda não sentiu inspiração para escrever nada a respeito? Se

não sentir, não faz mal. Peço-lhe, então, que escreva ao Dr. Wantuil^[14] animando-o sobre a publicação das comunicações, pois ele tem certo receio. Eu disse a ele que você era da opinião que há necessidade de reações, pois tem presenciado muita coisa imprópria em Centros Espíritas.

Passei uns dias em Volta Redonda e em Barra Mansa. Todos se referem à sua pessoa com muito carinho e admiração. Esperam que você fale em Barra Mansa da próxima vez que vier por aqui. Respondi que tenho sua promessa de ir até lá. Está bem? ...

Muito agradeço, querido amigo, as boas palavras da sua carta. Sei, no entanto, que não as mereço. Aquilo tudo é a bondade da sua almazinha de anjo... alma igual à do meu Fred^[15] bem-amado... (como gosto de poder me referir a ele assim). Eu sou uma pobre coitada, Divaldo, que muito sofre, que não tem direito a nada neste mundo, nem a se queixar de uma dor, porque ninguém me ouvirá... A bondade é sua, meu filho, que vê o bem por toda parte... Se eu pudesse, iria mesmo visitar a Mansão do Caminho. Mas é impossível! Contento-me em rogar a Jesus que a cubra com a sua proteção de sempre e com as suas bênçãos.

Tornei a ver meu querido Fred! Ele disse-me tanta coisa! Pediu-me para não ler nada sobre o que escreveram dele. Não gosta! Regressou ao passado e queixou-se de tanta coisa! Contou-me aspectos a respeito da doença dele que me fez chorar! A grande dor da minha vida, Divaldo, foi a ausência desse Espírito! Não compreendo como pude viver sem ele e nem por que estou separada dele! Quando o vejo, passo dias e dias amargurada e chorando, mas me sinto feliz. Coitadinho! Desce da sua grandeza espiritual até a minha miséria afim de testemunhar sua afeição, consolar-me, ensinar-me música só para me reconfortar um pouco e reviver um passado que não sei onde foi nem o que foi!

Já escrevi demais. Perdoe-me a extensão desta. Felizmente para você isto não é frequente...

Que Jesus o abençoe e guarde são os meus votos, e que os mensageiros do Senhor assistam sempre os pequeninos da Mansão do Caminho para a conquista de um radioso futuro a serviço do bem e do amor.

Paz seja com todos.

Da irmã em Jesus e serva humilde que não o esquece,

Yvonne

P.S.: Interrompi esta para receber a visita de três pessoas da Mocidade A. Estão de pleno acordo com o Inácio e prometeram fazer o que for possível. Mas a maioria creio que resistirá. Segundo eu soube, estão muito vaidosos graças aos elogios que recebem.



Ativa e laboriosa, não havia tempo ocioso para Dona Yvonne, a não ser quando ficava enferma, e assim mesmo ficamos a pensar se ela não dava um jeito de algo fazer de modo a aproveitar as horas de maneira produtiva, embora as limitações que qualquer enfermidade traga.

Sempre carinhosa, envolve Divaldo em ondas de ternura próprias de um coração sensível, afável e doce, mas não se eximia de ser franca, direta e até dura se fosse necessário agir assim em defesa dos postulados espíritas.

A informação de que um retrato dele seria feito a partir de um recorte de revista e emoldurado para ser posto numa parede ou estante junto de um vaso de flores, dá dimensão da importância que aquele rapaz tinha para o

coração sincero daquela médium amadurecida e sofrida com seus 59 anos.

Ao dizer que o coração de Divaldo era puro e semelhante ao do seu amigo Fred, Dona Yvonne menciona também sua amizade com o músico polonês e as venturas experimentadas nos colóquios que vez por outra mantinham, da mesma forma que diz da saudade que sentia quando este se ausentava e não podia vir ao seu encontro.

Sempre que a visitava e quando era possível, Divaldo levava rosas vermelhas para a amiga e a via colocar algumas num vaso de flores junto a uma foto de Chopin.^{16}

Ao mesmo tempo em que externa e envia vibrações fraternais em direção ao jovem baiano, não deixa de abordar questões palpitantes da Doutrina Espírita, procurando trocar impressões acerca do assunto *Centro Espírita*, que na ocasião era alvo de grande preocupação de sua parte.

Menciona a ação de uma falange das trevas, Espíritos que possuíam conhecimentos sobre o Espiritismo, mas que procuravam criar embaraços ao nosso Movimento, atuando diretamente nos Centros Espíritas marcados possivelmente pela ausência do estudo e da reflexão séria, conseguindo ascendência sobre trabalhadores invigilantes e inexperientes no trato com a mediunidade.

Desvela-nos a existência de processos obsessivos nos quais Entidades inferiores tomam nomes venerandos com o intuito claro de confundir, desagregar, fascinando e subjugando pessoas e grupos inteiros.



Allan Kardec apresenta um estudo bem elucidativo sobre o flagelo da

obsessão no capítulo XXIII de *O Livro dos Médiuns*, classificando as várias modalidades de fenômenos obsessivos. Na mesma obra, no capítulo X da 2ª parte, também ensina a distinguir as comunicações grosseiras, frívolas daquelas que são sérias e ao mesmo tempo instrutivas.

A preocupação do Dr. Bezerra de Menezes aludida por Dona Yvonne manifestar-se-á especialmente num livro que o médico dos pobres enviará por intermédio da sua psicografia, *Dramas da Obsessão*, publicação da Federação Espírita Brasileira.

Nesta obra, especificamente no capítulo três, observamos Dr. Bezerra fazendo uma distinção entre “clubes recreativos” e Centros Espíritas, no intuito de sensibilizar-nos para os exageros e deturpações que nossos Centros sofriam e ainda sofrem nos dias atuais, com grandes e honrosas exceções.

Leiamos na íntegra a advertência desse Espírito amadurecido e tão querido por todos nós:

Um Centro Espírita onde as vibrações dos frequentadores, encarnados ou desencarnados, irradiem de mentes respeitadas, de corações fervorosos, de aspirações elevadas; onde a palavra emitida jamais se desloque para futilidades e depreciações; onde, em vez do gargalhar divertido, pratique-se a prece; em vez do estrépito de aclamações e louvores indébitos, emitam-se forças telepáticas à procura de inspirações felizes, e ainda onde, em vez de cerimônias ou passatempos mundanos, cogite o adepto da comunhão mental com os seus mortos amados ou os seus guias espirituais, um Centro assim, fiel observador dos dispositivos recomendados de início pelos organizadores da filosofia espírita, será detentor da confiança da Espiritualidade esclarecida, a qual o elevará à dependência de

organizações modelares do Espaço, realizando-se então, em seus recintos, sublimes empreendimentos, que honrarão os seus dirigentes dos dois planos da Vida. Somente esses, portanto, serão registrados no Além-túmulo como casas beneficentes, ou templos do Amor e da Fraternidade, abalizados para as melindrosas experiências espíritas, porque os demais, ou seja, aqueles que se desviam para normas ou práticas extravagantes ou inapropriadas, serão, no Espaço, considerados meros clubes onde se aglomeram aprendizes do Espiritismo em horas de lazer.

CLUBES

- . Aprendizes do Espiritismo em horas de lazer.
- . Normas e práticas extravagantes ou inapropriadas.
- . Cerimônias ou passatempos mundanos.
- . A frivolidade e a inconsequência, a maledicência e a intriga, o mercantilismo e o mundanismo, o ruído e as atitudes menos graves.
- . Para a agremiação que tais coisas permitem, atrairá bandos de Entidades hostis e malfeitoras do invisível, que virão a influir nos trabalhos posteriores, a tal ponto que poderão adulterá-los ou impossibilitá-los, uma vez que tais ambientes se tornarão incompatíveis com a Espiritualidade iluminada e benfazeja.

CENTROS ESPÍRITAS

- . Templos do Amor e da Fraternidade.
- . Onde a palavra emitida jamais se desloque para futilidades e depreciações.
- . Em vez do gargalhar divertido, pratique-se a prece.
- . Vibrações irradiadas de mentes respeitosas, corações fervorosos com

aspirações elevadas.

. Em vez do estrépito de aclamações e louvores indébitos, emitam-se forças telepáticas à procura de inspirações felizes.

. Em vez de cerimônias ou passatempos mundanos, cogite o adepto da comunhão mental com os seus mortos amados ou os seus guias espirituais.

. Será detentor da confiança da Espiritualidade esclarecida, a qual o elevará à dependência de organizações modelares do Espaço. Serão registrados no Além-túmulo como casas beneficentes, ou templos do Amor e da Fraternidade.

Não se pretende com tais advertências extinguir a alegria e a espontaneidade das casas espíritas. Sendo um espaço, sobretudo de Espíritos reencarnados, não deve assumir ares de uma sacralidade que o distancie do burburinho natural de qualquer instituição humana, especialmente no tocante à fraternidade.

Ninguém deseja banir abraços e sorrisos, nem mesmo aqueles decorrentes de uma anedota edificante, de casos cômicos e situações inusitadas que ocorram dentro e fora de uma Instituição Espírita, mas que tenhamos cuidado com os excessos e exageros, pois tentados a “naturalizar” e “normalizar” certas falas e comportamentos, acabamos desfigurando nossos centros, distanciando-nos de uma conduta genuinamente espírita nesse espaço maravilhoso de convivência fraternal.

Foi Leopoldo Machado, espírita baiano que se radicou em Nova Iguaçu, cidade do estado do Rio de Janeiro, um grande incentivador do movimento das mocidades espíritas, amigo de Lins de Vasconcellos e

outros espíritas unificacionistas, quem lançou o repto *Espiritismo de Vivos*.^{17}

Sua proposta baseava-se na alegria de estarmos juntos, estudando e confraternizando-nos no Centro e fora dele, nas obras sociais, na evangelização da criança e do jovem e também nas apresentações artísticas que divulgassem o belo, o bom e o bem.

Frisava que o Movimento Espírita não deveria se fechar para o salutar intercâmbio com os Espíritos, mas a ênfase das nossas ações e relações deveria recair sobre os encarnados, que ele chamava de *vivos*, e não sobre os *mortos*, isto é, os desencarnados.

Afirmava que quanto mais e melhor evangelizados fossem os encarnados, menos trabalho teríamos com os desencarnados e eles conosco.



Sugestão de leitura:

Dimensões Espirituais do Centro Espírita — Suely Caldas Schubert -
Editora FEB.

3

TERCEIRA CARTA

O médium sincero, leal, desinteressado - como dizíamos - pode estar seguro da assistência dos bons espíritos; mais se ele se deixar invadir pelo amor ao lucro, ou pelo orgulho, os Espíritos Guias se afastam e deixam o caminho aos espíritos fracos e atrasados. Então, aumentam os enganos e as fraudes. Aparecem mensagens firmadas com nomes pomposos de estadistas, reis, imperadores ou poetas célebres, porém, quando se passam essas comunicações pela peneira da razão e da reflexão, nos damos conta de que somos vítimas de uma fraude.

Léon Denis
(Espíritos e médiuns - Cap. IV)

Rio de Janeiro, 9 de abril de 1961.

Querido Divaldo, bom irmão e dedicado amigo:

Paz.

Venho agradecer o lindo postal e as fraternas e boas palavras que o seu amável coração me dirigiu pela Páscoa.

Só você mesmo, Divaldo, com essa alma gentil e iluminada, se lembraria de me testemunhar afetos nessa época. Deus o abençoe por esse gesto amigo, que calou em meu coração com um sabor de reconforto.

Há muito estou para escrever a você, mas as lutas diárias e alguns contratempos me impediram. Hoje, no entanto, aqui estou, desejando a você todo o amparo do Céu e a assistência dos guias, nessa luta em que você tão abnegadamente se movimenta. Atualmente estou envolvida na colaboração junto a um orfanato de meninas. Faço o que posso, Divaldo, mas não me envolvo muito lá dentro por ordem

dos guias, pois essas lutas agitam e deprimem muito o médium, dificultando os trabalhos espirituais. Movimento-me, porém, cá fora, angariando tudo o que for possível a bem da causa. E pouco. Mas é o que posso fazer, por enquanto.

Em janeiro, estive em Belo Horizonte, revendo os bons amigos de lá. Receberam-me com verdadeiro carinho, o que muito me sensibilizou. Tive, porém, o desgosto de encontrar meu irmão Dilermando obsedado. Está assim há um ano, sem um tratamento conveniente. Apenas passou vinte dias em Pedro Leopoldo, tomando passes duas vezes na semana, mas não obteve resultados satisfatórios. A família dificulta tudo e nem ao menos nos avisou de que ele estava assim. Agora, agravando-se o mal, foi internado na Casa de Saúde Santa Maria de lá, mas estamos vendo se a família nos permite transferi-lo para Cruzeiro, onde há um hospital espírita modelar, que tem recuperado muitos doentes. Peço a você, Divaldo, roga por ele em suas reuniões daí. O caso dele é um drama, e quando você nos visitar, eu contarei, se for possível. É espírita, pessoa boníssima... mas nunca seguiu meus conselhos relativamente às questões mediúnicas, nem confiou nas mensagens que eu recebia. E tudo quanto foi previsto sucedeu. Não poderia desenvolver a mediunidade. Mas meteu-se a desenvolvê-la na U.E.M.⁽¹⁸⁾ e ai está... Creio que há dois males, físico e espiritual. Enfim, entreguei-o a Jesus. Estou conformada com tudo.

Hoje almoçou conosco, passando o dia em nossa companhia, o Newton Boechat.⁽¹⁹⁾ Falamos muito em você, seu nome foi lembrado com todo carinho e admiração. A tarde, fomos ao orfanato e passamos horas felizes com as meninas e a diretora. A casa é muito pobre. Tenho procurado atrair bons amigos para ela.

Do Chico é que não consigo notícias. Não acusou nem o recebimento do livro que mandei — Nas voragens do pecado — e tampouco o Waldo responde as

cartas. Resolvi me retrair também, não desejo importuná-lo mais.

Divaldo, agradeço muito as palavras de incentivo que você mandou pela publicação de “Nas voragens do pecado”.^{20} Sua palavra é autorizada, e isso me satisfaz, pois vejo que meus esforços não foram vãos. Creio que o livro agradou. O noticiário que chegou até aqui foi satisfatório. Peço a vocês que orem por mim, pois muito necessitada eu me sinto desse auxílio precioso. Amália, César e filhos enviam abraços e sinceros votos de iluminação, auxílio celeste e prosperidades... O nosso “nenê” está um encanto! É viva e sabida, já imita até o cão perdigueiro da televisão e sabe “posar para a posteridade”. Mas dá um trabalho! Imagino você com os seus 80! Que Deus o ampare e proteja, Divaldo, é o que deseja a irmã humilde e agradecida, que o abraça muito fraternalmente,

Yvonne.

P.S.: Amália recebeu seu cartão e já respondeu. Pergunta se você recebeu.



Ativa como sempre, vinha colaborando com uma instituição que cuidava de crianças, sem se envolver nas questões administrativas que, de fato, são desgastantes e muitas vezes suscitam embate entre *egos*. Apesar disso, não deixava de fazer a sua parte, como, aliás, precisamos fazer a nossa à revelia dos problemas existentes em nossas instituições. Não somos perfeitos, nem encontraremos grupo perfeito e também os bons Espíritos não procuram trabalhadores especiais para a execução do plano divino na Terra, o que não quer dizer que não tenhamos que nos esforçar para nos transformar em Espíritos mais dúcteis à inspiração do Alto.

Vemos os dois extremos em nossas fileiras: de um lado os que se

acham prontos e de outro os que nunca se acham capazes de nada. No primeiro grupo temos a empáfia, a ilusão do próprio *ego* que se julga indispensável e no segundo, o subestimar das próprias forças e qualidades.

Nem uma nem outra coisa ocorriam com Yvonne.

Sabia-se imperfeita, mas era realizadora, pois escrevia para consolar, psicografava, fazia palestras, atendeu ao receituário mediúnico durante muito tempo, visitava instituições e recebia pessoas que iam até sua casa para serem esclarecidas ou mesmo confortadas ante as tragédias do cotidiano.

Quanto à obsessão sofrida pelo irmão, é categórica ao afirmar que ele não deveria se envolver com a prática mediúnica, provavelmente devido a alguma fragilidade orgânica, mental, que no caso específico dele obstasse a isso. Os passes recebidos devem tê-lo ajudado, sempre ajudam, mas não foram suficientes para evitar a sua internação.

Esta sensibilidade e este amadurecimento são muito importantes, pois muitas vezes a pessoa necessita de tratamento medicamentoso e se submete apenas a passes e água fluidificada. Em outros momentos recorre tão somente ao atendimento psiquiátrico quando poderia complementá-lo com recursos espirituais.

O papel do passe, da água fluidificada, da desobsessão, dos estudos doutrinários, do atendimento fraterno, a laborterapia, recursos terapêuticos genuinamente espíritas, não visam a substituir nenhum tratamento médico ou psicológico, mas os complementar.

Relata sua conformação com tudo, ou seja, obediência ao que planejou e lhe foi proposto pelos guias, além da resignação ante as provas e

expições que vivia. Entendia o caráter educativo delas em seu processo de resgate e, mesmo triste, muitas vezes convertia suas dores em pão, seus sofrimentos em flores, em experiências que ajudavam outros a carregarem seus fardos sem revolta contra Deus.

Agradece os estímulos e os comentários em torno de seu novo livro. Reconhecia em Divaldo, apesar de jovem, uma pessoa abalizada a avaliar sua produção mediúnica



Sobre a relação entre mediunidade e loucura, encontramos em *O Livro dos Médiuns*, no cap. XVIII, *Dos inconvenientes e perigos da mediunidade*, item 221, uma pergunta de Allan Kardec feita aos bons Espíritos sobre o assunto. Vejamo-la:

“Poderia a mediunidade produzir a loucura? Não mais do que qualquer outra coisa, desde que não haja predisposição para isso, em virtude de fraqueza cerebral. A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em gérmen; porém, existindo este, o bom senso está a dizer que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista, porquanto qualquer abalo pode ser prejudicial. ”



Sugestão de leitura:

Seara dos médiuns - Emmanuel (Espírito)/F. C. Xavier - Editora FEB.

4

QUARTA CARTA

Com o Espiritismo, coração e razão, tudo tem sua parte. O círculo dos afetos se dilata. Sentimo-nos mais bem amparados na prova, porque aqueles que em vida nos amavam nos amam ainda além do túmulo e nos ajudam a carregar o fardo das misérias terrestres. Não estamos deles separados senão em aparência. Na realidade, os humanos e os invisíveis caminham muitas vezes lado a lado, através das alegrias e das lágrimas, dos êxitos e reveses. O amor das almas que nos são diletas nos envolve, nos consola e reanima.

Léon Denis

{*No invisível*, primeira parte — Cap. XI)

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1961.

Caro amigo e irmão Divaldo:

Paz!

Recebi sua amável cartinha de 6 do corrente, a qual respondo rogando as bênçãos do Céu para o seu Espírito e a obra que seu generoso coração dirige. Recebi também as mensagens que as crianças da Mansão do Caminho enviaram. Apraz aos céus, caro amigo, que como os outros, também esse movimento em prol das criaturas necessitadas seja coroado de êxitos bons, pois se muitos desses nossos irmãos carecem de pão do corpo, todos, sem exceção, carecemos do pão da alma, e esse movimento da Mansão do Caminho será, com efeito, luz e pão espiritual para nós todos. Não me sinto à altura de nada sugerir, pois você é bastante assistido pelo Alto para necessitar de minhas pobres sugestões. Não obstante, eu me sentiria feliz se os seus bondosos amigos do Além lançassem advertências aos médiuns, cuja

irresponsabilidade perante a Doutrina está se tornando chocante. O animismo, a mistificação e a autossugestão imperam. Médiuns incultos e invigilantes fazem adeptos mal orientados e deturpam a Doutrina de modo desolador, pois ninguém estuda, e quando o faz, é aereamente, sem prestar verdadeira atenção no que estuda. Estou pensando em escrever artigos para o Reformador nesse sentido. Aliás, tais advertências são comuns, mas escritas vagamente, sem frisar o assunto com bastante veemência. Charles, Dr. Bezerra, outros amigos e até o nosso Victor Hugo prometem-me assistência e inspiração, dizendo, porém, que não deverá trazer caráter mediúnico e que, portanto, eu escolha um pseudônimo. Ainda não me decidi, porém, que acha disso? As mensagens que recebi, vindas daí, já distribuí entre os meus médiuns. E com todo prazer contribuiremos com os selos.

Senti muito não poder falar com você dessa vez. Havia vários pontos da Doutrina para trocarmos ideias. Mas tudo é quando pode ser, não é? Estive doente, sim, tive três gripes seguidas, piorei em Barra Mansa e no momento estou em tratamento, com um esgotamento profundo. Mas não há de ser nada.

Não sabíamos que você fazia campanha do inverno. Se soubéssemos teríamos contribuído. Guardamos um sortimento bom de roupas aqui para você, mas como não houve jeito de entregar-lhe, distribuímos com uns retirantes aqui mesmo, em casa, pois tenho um pequeno depósito de roupas. Nossos trabalhos no Centro vão bem. Temos obtido boas curas. Mas que fadiga para se conseguir dedicação dos médiuns! A obra é de Jesus, Divaldo, mas nem por isso devemos nos habituar ao comodismo, não acha? Já viu a Enciclopédia Espírita do Vittorio Orlandi? Recebi o primeiro volume, que só trata do Sul. Está bom e bem-feito. E impressionante. De certo você recebeu também. Todos daqui enviam abraços com saudades. A nossa menina está um encanto, fala tudo. Adeus, caro irmão. Que Jesus abençoe e proteja

sua formosa missão, eis os votos da irmã que não o esquece, sempre grata,

Yvonne.



Desejoso de propiciar alguns instantes de alegria e conforto para Yvonne, Divaldo envia mensagens das crianças da Mansão do Caminho, de modo a alentá-la em suas rudes, porém, proveitosas e educativas provações.

Ela, por sua vez, retribui com o mesmo carinho e deferência, afirmando que a obra pedagógica de Divaldo, Nilson, Joanna de Ângelis e tantos outros corações viria alimentar e iluminar todos aqueles que dela se acercassem com o propósito de servir.

Em sua humildade, Yvonne diz não ter nada a acrescentar nem a orientar, pois considerava Divaldo bem assistido espiritualmente para a tarefa que realizava. E se foi capaz de fazer tal afirmativa, baseava-se, naturalmente, em fatos, observações e possíveis revelações que os benfeitores lhe fizeram acerca do caráter do jovem baiano.

Faz uma crítica contundente à falta de compromisso dos trabalhadores da área mediúnica, mencionando o comodismo, a mistificação, o animismo, a autossugestão, enfatizando que a ausência de um estudo sério e contínuo da Codificação Espírita ajuda a explicar as razões deste quadro.

Para tentar melhorar esta situação, escreverá artigos para a revista *Reformador* da FEB, usando o pseudônimo de Frederico Francisco.

Artigos que até hoje permanecem atuais, pois há problemas de 50 anos atrás que continuam a se repetir com médiuns que desejam apenas ser intermediários para os fenômenos sem cogitarem da própria melhoria

íntima, do estudo contínuo e em grupo do Espiritismo e da fenomenologia mediúnica em particular.



Em alguns pequenos trechos de *O Livro dos Médiuns*, podemos perceber a importância que o codificador atribui ao estudo na formação da nossa consciência crítica como espíritas, quer sejamos ou não médiuns ostensivos. Vejamos três deles:

“A explicação dos fatos que o Espiritismo admite, de suas causas e consequências morais, forma toda uma ciência e toda uma filosofia, que reclamam estudo sério, perseverante e aprofundado.”

Cap. II - *Do maravilhoso e do sobrenatural*, parágrafo 7º, p. 28.

“(…) O estudo sério do Espiritismo leva precisamente o homem a se desembaraçar de todas as superstições ridículas.”

Cap. VI — *Das manifestações visuais*, nota da questão 18, p. 114.

“(…) Por isso é que indispensável se faz o estudo prévio da teoria, para todo aquele que queira evitar os inconvenientes peculiares à experiência.” Cap. XVII - *Da formação dos médiuns*, item 211, p. 213.



Sugestão de Leitura:

Médiuns e Mediunidades — Divaldo Pereira Franco/ Vianna de Carvalho (Espírito) - Editora LEAL.

QUINTA CARTA

O objetivo da evolução, a razão de ser da vida não é a felicidade terrestre, como muitos erradamente creem, mas o aperfeiçoamento de cada um de nós, e esse aperfeiçoamento devemos realizá-lo por meio do trabalho, do esforço, de todas as alternativas da alegria e da dor, até que nos tenhamos desenvolvido completamente e elevado ao estado celeste.

Léon Denis

(O problema do ser, do destino e da dor, primeira parte - Cap. IX)

Rio de Janeiro, 9 de julho de 1962.

Querido irmão Divaldo:

*A*ntes de mais nada, rogo a Jesus as Suas bênçãos para você e a protetora assistência dos nossos guias, tão dedicados sempre. O fim desta, caro irmão, é fazer-lhe uma visita, levando o meu abraço afetuoso no momento em que a provaçã⁽²¹⁾ punge o seu coração delicado. Não só eu, mas todos aqui de casa, inclusive meu cunhado César, estamos solidários com você nesse lamentável acontecimento, que veio provar que o Evangelho não foi ainda compreendido nem mesmo pelo coração de muitos que se dizem espíritas. Eu já soube de tudo, Divaldo! E confesso que chorei, avaliando quanto você deve estar sofrendo. Mas peço a você que não desanime nem deixe sua fé embalar. Acredito que uma fase mais luminosa surgirá para o seu Espírito depois disso tudo, pois vê-se que o que acontece é um testemunho que Jesus lhe pede. Se eu pudesse, iria a Salvador para visitá-lo e

conversarmos, mas infelizmente não posso por vários motivos. Então escrevo dizendo-lhe que eu também fui ferida e atacada por espíritas de renome, devido a Memórias de um Suicida,^{22} o qual, disseram, foi decalque de André Luiz, imitação, etc., e também devido à comunicação de Inácio Bittencourt. Por causa da última, tive uma desilusão profunda com uma pessoa que me escreveu uma carta ofensiva, dizendo-me até que eu “fizesse renúncias e praticasse a caridade”. Respondi à altura: “Não tinha que dar satisfações dos meus atos senão a Jesus, único a quem considerava Mestre” ... e também com altivez disse-lhe o que talvez ninguém tivesse a coragem de dizer, e não chorei nem lamentei, como você faz, porque tenho mais experiência de vida, talvez, do que você, que ainda é muito jovem, e também porque já sofri muito e vejo as coisas por prismas diversos. Seja, portanto, forte, não se entristeça, lembrando-se de que quem o persegue assim é que se acha fora do Evangelho e terá de prestar contas a Deus.

Isso é trabalho das trevas, meu filho, testemunho desses que o ofendem também, mau testemunho, porque nem no Evangelho nem na Doutrina não aprenderam a tratar assim o próximo, que dirá um irmão! Há muito tempo eu pressentia coisas desagradáveis no ar, Divaldo, em torno dos espíritas. Quando eu me isolo assim, trabalhando sozinha, não é por outro motivo. Deus queira que fique só nisso e que não tenhamos de ver nossa Doutrina ainda mais ferida, por coisas ainda piores. Console-se com Jesus, Divaldo, que também sofreu ultrajes e ataques de toda espécie. Console-se com nossos guias, sempre prontos a enxugar nossas lágrimas, e também comigo, a quem todos se acham no direito de criticar, censurar e ofender. Já fui atacada até em minha honra pessoal! Espíritas como D.A., C.I.; instituições como F.E.E.R.J.^{23} chamaram-me de mistificadora, mal-intencionada, hipócrita, intrujona! D.A. atacou-me da tribuna da L.E. e pelo Rádio, a par de

outros, noticiando novidades a respeito provindas da Seca e da Meca do Espiritismo no Brasil. Jornais como a Nova Era, O mundo Espírita, O Sul Fluminense, etc. levaram mais de dois anos me atacando sem piedade. Nem uma voz se levantou em minha defesa, a não ser no Conselho da FEB e o Jornal “O Nosso”, da Fraternidade Eclética Universal, e um Pastor protestante, que disse, da tribuna, não compreender como isso se dava entre os espíritas, que pretendiam pregar o Evangelho para os outros sem o aplicarem a si mesmos. Seja quem for que o ataque, Divaldo, seja superior! Não revide, não chore, não guarde rancor, não responda!

Apenas entregue tudo ao Senhor, único depositário de nossos valores e verdadeiro juiz. Espere confiante, porque Ele possui ainda muito para dar a você. E nem se acanhe diante de seus confrades. Você não é nenhum criminoso para curvar a cabeça diante de pecadores. Se houver razão para curvar a cabeça, curve-a somente diante de Jesus, no segredo de suas preces. Em tudo isso eu vejo que tenho cumprido bem certos deveres diante de trechos do Evangelho: eu sei de muitas coisas também! Muita fraude, muito animismo, muita mistificação, e, no entanto, jamais as revelei a alguém. A obra é de Jesus, e a mim só me cumpre uma coisa: amá-Lo, sofrer por Ele e trabalhar por Sua Doutrina naquilo que Ele achar que posso trabalhar!

Posso ser sua mãe, Divaldo. E pela idade, pela grande experiência que adquiri da alma humana, em mais de trinta anos de variados labores espíritas, pelo conhecimento que tenho das coisas do Invisível, eu lhe aconselharia o seguinte, se você necessitasse de meus conselhos: não mais converse sobre tal assunto. Repouse quanto puder. Não leia nada, não escreva nada. Quando melhorar, releia a Doutrina toda. Nova fase se delineará para você. E deixa de lado a admiração excessiva pelo próximo. E tenha por mestres apenas Jesus e Kardec, depois o futuro brilhará, meu

filho, e dirá o que havemos de fazer. Tudo isso e coisas ainda mais tristes aconteceram em minha vida e me encontraram sempre firme e fervorosa. Tão cedo eu mesma não virei a público apresentando novas obras.^{24} Tenho por hábito renunciar, quando compreendo que estou incomodando o próximo. E tenho diante de mim a Eternidade, para servir a Jesus através de escrita e livros.

Divaldo, peço que escreva o mais depressa possível, dando-me notícias de sua pessoa. Telefonei para D. Celeste sabendo de você, mas não havia ninguém em casa. E há dias falei com a Lena e mandei um recado a você. Ela deu? Você estava em São Paulo, segundo parece. Até agora, todos com quem tenho conversado são seus amigos e admiradores. E se alguém desejar menosprezá-lo em nossa presença, pode estar certo de que procuraremos levá-lo à compreensão do Evangelho.

Todos aqui de casa enviam afetuosos abraços para você, com os melhores votos a Deus pela sua paz e prosperidades materiais e espirituais. Que Jesus o abençoe pelo muito bem que tem feito ao próximo e também pelo muito que tem sofrido pela Doutrina. E aceite o coração amigo e fraterno da irmã em Jesus que muito o considera, admira e estima.

Yvonne

P.S.:

Divaldo, já com esta pronta para o correio, veio-me a ideia de solicitar algo dos guias para você. À hora do trabalho mediúnico, pedi ao Dr. Bezerra. Quando começou a escrever, pensei que fosse ele. Mas estranhei o estilo. Pensei no Charles e no Léon Denis, mas o estilo também não era. Ao assinar, ainda insisti em fazer o B... Mas a mão virou... e minha surpresa foi grande. É o que tenho para lhe mandar e mando. Repara que ele emendou o nome, acrescentando outro n.^{25}

UMA CARTA RESPOSTA DE DIVALDO

Salvador, 19 de julho de 1962.

D. Yvonne, minha devotada irmã,

Jesus conosco.

Nem é necessário dizer-lhe das lágrimas abundantes, nascidas na emoção, vertidas por mim, à hora em que recebi sua mensagem. Era como se os anjos afáveis me viessem trazer o rendilhado lenço do amor cristão para enxugar-me o suor de sangue e as feridas doridas do meu necessitado coração. Fui acometido, assim, de intraduzível emotividade. Deus a abençoe, para a felicidade de nós todos. Não tenho palavras para dizer-lhe nada. Estou de pé, orando, trabalhando e confiando. Sou amigo do tempo e o tempo, o grande justiceiro, fará a sua tarefa, renovando tudo, tudo modificando. Continuarei, minha irmã, como tenho continuado, desde a hora acérrima em que soube de tudo. Foi como se eu tivesse morrido e fosse necessário renascer em lugar abafado, sem luz, sem qualquer comodidade. Mas renasci... Não suspendi qualquer tarefa, não modifiquei, em nada, os meus hábitos cristãos e espíritas. Não há força, na Terra, que me faça modificar o roteiro: enquanto houver um par de ouvidos para escutar-me, conduzirei a Palavra do Senhor e enquanto um par de olhos se detiver a ler-me, escreverei com o auxílio dos Espíritos. Somente o não faria se eles, os excelsos imortais, não viessem ajudar...

Não sofro pelo que se diz, porquanto ninguém melhor do que eu sabe se justa ou não a campanha de descrédito. Tenho aprendido algo na comunhão com as criaturas. Dilacera-me quem o diz... E uma dor indescritível. São doze anos de confiança cega, de doação total, de afeto pleno que a realidade modifica, sem me afetar na consideração e no respeito que continuo votando. Acredito que desencarnarei sem entender o porquê disso tudo, a razão cruel deste ato. Mas, um

dia saberei. Tudo se sabe, aqui ou alhures, não?

Estou absolutamente silencioso, ligado ao dever. Respondi à ofensa com o trabalho, ao trabalho coloquei a oração; revidei ao ódio com o amor e à perversidade com o esquecimento. Não escrevi a ninguém sobre o assunto, não discuti a “campanha” e, sobretudo, não permiti se publicasse qualquer “defesa”. Todas as que me vieram ao conhecimento, proibi. Se os meus atos, 12 anos de vida pública, nada fizeram, não serão palavras e palavras... Era como se já estivesse psiquicamente em preparo para receber o ultraje dos lábios que me aplaudiram. Quantas vezes eu o disse, Deus meu! em palestras, esse conceito do velho Seabra sobre os beijos e as pedras? Mas nunca supus que recebesse uma “campanha” de tal natureza o sinete de corações mais experientes e, portanto, mais sábios. Seja, porém, feita a vontade de Deus, nosso Pai!

Dr. Wantuil foi-me como um pai. Compreendeu-me, ajudou-me, ofereceu-me a ternura do seu coração amigo. O Zêus,^[26] a quem prezo como a um irmão, silencioso e discreto, sem nada dizer, sentiu, acredito, o que eu sofri e procurei disfarçar para manter a linha doutrinária do equilíbrio. Mas, várias vezes, no lar desses amigos, estive a pique de chorar, deixando-me abater. O choque, querida amiga, foi vigoroso demais. Ninguém pode saber o fardo de angústia que me pesa na alma. Entrego, entretanto, a esperança ao portador do “fardo leve” e busco n`Ele o repouso de que necessito. Estou seguindo o compromisso que assumi e já era do meu programa, com o Dr. Wantuil. Nada direi, não responderei. Não há campanha que me quebre o silêncio nem tentação que me faça desvelar, na condição de algoz de quem quer que seja. Silêncio, oração, trabalho e olvido a todo o mal, com respeito a todo o bem, amando a todos, a todos desculpando e entendendo, eis o meu novo esquema.

A página do Vianna li-a tantas vezes que já está a estragar-se. Beijo-lhe as

santas mãos espirituais.

Recomende-me aos anjos desse lar e agradeça-lhes o carinho.

Com o coração encharcado na gratidão, o ósculo de puro reconhecimento,

Di

Não foi apenas Yvonne e sua afetuosa família quem se mostrou solidária a Divaldo nesse episódio tão delicado e sofrido da sua existência; outros corações amigos, conhecidos e anônimos, revelaram-se fiéis e cada qual, à sua maneira, tentou minimizar sua dor.

Dor que se estampa com todas as letras e tonalidades na carta que escreve para agradecer o carinho da devotada irmã de ideal.

Dor que lapida, purifica, disciplina, enobrece e ensina a cada de um de nós o que não devemos fazer aos nossos companheiros de caminhada.

As palavras afetuosas e sinceras de Yvonne, sua empatia e seu gesto acolhedor valeram muito para Divaldo, dando a ele forças para o prosseguimento em sua jornada.

A mensagem do Espírito Vianna de Carvalho, coração amigo da Espiritualidade que sempre inspirou suas conferências, trouxe estímulos novos, dando-lhe a certeza de que algo deveria ser aprendido com toda aquela constrangedora situação.

E tanto aprendeu que perdoou!

Aprendeu a não criar expectativas excessivas, a esperar tudo de todos, a desconstruir imagens idealizadas, a exercitar a caridade com aqueles que não nos compreendem, a dar a cada um o direito de pensar como deseja e seguir pensando, sentindo e agindo conforme a sua própria consciência.

O pesado testemunho foi dado sem revides, sem reações impulsivas e impensadas, sem justificativas públicas disso ou daquilo, sem deserção da tarefa abraçada, sem provocar divisionismo no Movimento Espírita. A *outra face* foi dada com trabalho e esforço de transformação íntima, esforço no qual prossegue até hoje.

Yvonne menciona os ataques que também recebeu ao longo de trinta anos de trabalho mediúnico (à época) e a maneira como reagiu a eles, desejando que Divaldo algo aprendesse com o seu exemplo amigo.

É importante lembrar que alguns desses vultos, cujos nomes aqui aparecem abreviados, tal como consta nos originais, tornaram-se depois amigos de Yvonne, visitando-a, defendendo-a, chancelando, muitas vezes, obras posteriores que ela veio a publicar. Sua consciência doutrinário-cristã, sua dedicação ao bem, a qualidade do que publicou e a sua fidelidade aos amigos foram alguns dentre os muitos fatores que atraíram para si o carinho e o respeito daqueles que, num primeiro momento, criticaram sua produção literária ou mesmo a sua pessoa, conforme ela deixa entrever nesta carta.

Indica Jesus, Kardec e os bondosos guias espirituais como fonte de consolo, dizendo taxativamente que apenas diante do Mestre ele deveria se curvar. Recordemo-la:

“E nem se acanhe diante de seus confrades. Você não é nenhum criminoso para curvar a cabeça diante de pecadores. Se houver razão para curvar a cabeça, curve-a somente diante de Jesus, no segredo de suas preces. ”

Finaliza dizendo ao amigo que se alguém tentasse denegrir sua imagem perto dela, seria chamado à compreensão do Evangelho, pois não

admitiria semelhante comportamento.

Que belo exemplo de fidelidade ao amigo e de fidelidade ao Evangelho.

No capítulo XXXI, item XX, da segunda parte de *O Livro dos Médiuns*, encontramos uma breve dissertação do Espírito Vicente de Paulo conclamando-nos a uma maior união e resistência contra os ataques dos adversários do bem, adversários que estão muito mais dentro do que fora de nós. Vejamos:

“A união faz a força. Sede unidos, para serdes fortes.

O Espiritismo germinou, deitou raízes profundas. Vai estender por sobre a Terra sua ramagem benfazeja. É preciso vos torneis invulneráveis aos dardos envenenados da calúnia e da negra falange dos Espíritos ignorantes, egoístas e hipócritas. Para chegardes a isso, mister se faz que uma indulgência e uma tolerância recíprocas presidam às vossas relações; que os vossos defeitos passem despercebidos; que somente as vossas qualidades sejam notórias; que o facho da amizade santa vos funda, ilumine e aqueça os corações. Assim resistireis aos ataques impotentes do mal como o rochedo inabalável à vaga furiosa”.

Sugestão de leitura:

Tendo em vista as particularidades das cartas apresentadas neste capítulo, optamos por não sugerir uma obra espírita específica, mas propor uma reflexão com mais vagar e atenção em torno do pertinente conteúdo da mensagem ditada por nossa querida Joanna de Ângelis (Espírito).

DEVERES AUSTREROS

Antes que reencarnasses para a atual jornada evolutiva, refletistes

demoradamente em torno da oportunidade feliz que te era facultada. Como consequência, entendeste os benefícios que poderias auferir caso firmasses um compromisso austero com a consciência.

Os teus guias espirituais apresentaram-te programas de reabilitação dos erros pretéritos, mediante as disciplinas morais, o estudo e o trabalho que te poderiam libertar das algemas escravizadoras dos vícios e das paixões asselvajadas, e concordaste de boa mente.

Discutiram contigo de forma que tivesses suficiente clareza mental para aceites ou não os deveres carregados de responsabilidade e de lutas.

Nada te ocultaram.

Informaram-te que o retorno à experiência carnal seria assinalado por problemas que deixaste pelo caminho e por enfrentamentos que deverias contornar, a fim de que não perdesse o precioso tempo em discussões inúteis e defesas pessoais injustificáveis.

Esclareceram que muitos candidatos à reabilitação, quando na neblina física, perdendo parte das lembranças, atemorizam-se e fogem, naufragando no desespero. A única segurança está na decisão firme de fazer o melhor, suportando os testemunhos com alegria e avançando sem olhar para a retaguarda.

No entusiasmo natural que te empolgava, anuíste em enfrentar as situações penosas, mesmo que a custo de sacrifícios e renúncias.

Por sua vez, eles comprometeram-se a ajudar-te no desempenho das tarefas abraçadas.

(...) E mergulhaste na roupagem material abençoado pela esperança e amparado pelo amor.

O programa existencial cuidadosamente elaborado proporcionou acontecimentos que direcionaram os teus passos para a fé religiosa, para algumas dificuldades que funcionaram como educadoras do teu processo evolutivo.

Coincidências e acasos trouxeram ao teu coração afetos generosos que te refrigeraram as horas ardentes e adversários vigorosos que passaram a assistir-te com flagelação no dia a dia da caminhada.

Conseguiste o encontro íntimo com Jesus e te deixaste fascinar por Ele e Sua doutrina.

Firmaste um contato íntimo com o Seu inefável amor, disposto a servi-LO na Sua seara e resolveste por entregar as tuas forças juvenis e toda a existência ao Seu serviço.

Tal compromisso torna-te membro da Sua família e aqueles que O acompanham, no mundo, por enquanto, ainda não encontram compreensão nem amizade.

São marginalizados, desacreditados pelos próprios companheiros que ainda vivem em competição doentia, longe da verdadeira fraternidade.

Desse modo, não te resta outra atitude senão a de prosseguir em júbilos e com paz interior.

Não poucas vezes os cardos dos caminhos difíceis cravam-se nas *carnes* da tua alma, dilacerando-a.

Noutras ocasiões, o ácido das acusações de muitos profíctes da tua fé queima-te os tecidos do coração.

Porque te dedicas com intensa firmeza, acusam-te de exibicionista.

Em face da tua perseverança profetizam para ti uma futura tormenta.

Desde que não recuas, és tido por fanático.

Como te renovas no trabalho abraçado, és considerado farsante...

Tentas avançar integérrimo, todavia ressumam do teu passado as heranças perniciosas de que ainda não conseguiste libertação, afligindo-te sem palavras.

Quando vences uma luta, nova batalha surge ameaçadora, convidando-te ao prosseguimento sob vigilância constante.

Rondam-te os sentimentos negativos, nalguns momentos o desânimo, noutros o cansaço e a amargura.

O sol da alegria que te iluminava antes o íntimo, nessas ocasiões, em face das nuvens borrascosas, apresenta-se como crepúsculo sombrio que te assusta.

Sentes a necessidade de avançar, mas o cerco de Entidades perversas em ambos os planos da Vida procura cercear-te os movimentos.

Não descoroçoos, porém.

Da mesma forma que essas conjunturas aflitivas se te apresentam, nunca deixaste de receber o apoio dos teus benfeitores espirituais que te auxiliam ternamente e te inspiram a melhor conduta a preservar.

Nenhuma ascensão é fácil.

A queda é sempre comum e quase natural, enquanto que o soerguimento moral constitui um esforço que não pode ser desconsiderado.

Porfia, pois, viajante querido, seguindo adiante, disposto e jovial, embora a chuva de doestos e as acusações que tombam sobre a tua cabeça, tentando levar-te ao descoroçoamento do ideal.

Não renasceste para a colheita de alegrias e bênçãos imediatas,

portanto, indevidas, mas para semeá-las com vistas ao teu futuro.

Assim, não recalцитres, não queixes, não lamentos.

Agradece a Deus a oportunidade e não te detenhas.

Fita os altiplanos espirituais e continua pelas veredas difíceis das baixadas.

E no vale que os rios alargam o leito, rumando na direção dos mares e oceanos.

Também aí conquistarás experiências e sabedoria até o momento em que alcançarás o Divino Oceano.

És o que almejas e coletas em espírito.

Desse modo, o que digam de ti não deve afligir-te.

Por mais se solicite à árvore frondosa que se enriqueça de frutos fora da estação adequada, ela não o conseguirá. De forma idêntica, se for amaldiçoada por isso, na quadra própria ei-la rica de dádivas, esparzindo abundância.

Jesus, acusado de charlatanismo desde os primeiros dias da Sua pregação, prosseguiu imbatível até o fim.

Dignificando os teus deveres austeros em relação ao trabalho, à alegria de viver e à irrestrita confiança em Deus, retornarás feliz após a tarefa cumprida, como vencedor das próprias imperfeições que é, em realidade, o que mais importa.

JOANNA DE ÂNGELIS

(Mensagem psicografada na sessão mediúnica de 20 de junho de 2005, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador (BA),

publicada, em 2006, no livro *Iluminação interior* da Editora LEAL).

6

SEXTA CARTA

O ciúme, suscitando rivalidades entre médiuns, torna-se muitas vezes motivo de desagregação para os grupos.

Léon Denis

(*No invisível*, primeira parte — Cap. VII)

Rio, 21 de junho de 1964.

Querido irmão Divaldo:

Muita paz, saúde e prosperidade é o meu sincero desejo, e que a inspiração do alto continue assistindo-o, para a felicidade de todos nós.

Envio-lhe, de todo coração, a minha contribuição às homenagens prestadas ao centenário do nosso livro áureo, “O Evangelho segundo o Espiritismo”. O nosso amado Tolstoi^[27] não encontrou em mim um veículo maleável, à altura da sua capacidade, por isso acredito que as páginas de “Ressurreição e Vida”^[28] não retratem tudo quanto ele queria dizer ao mundo. Mas foi o que pude fazer, querido irmão, e Deus e ele próprio sabem com que devoção e respeito eu me prestei a essa tentativa.

Ofereço-o a você com todo o carinho de irmã respeitosa, certa de que seu coração relevará as falhas da minha faculdade, que não conseguiu uma transmissão melhor.

Tenho orado diariamente em sua intenção, rogando ao Senhor amparo e

inspiração para o certame que sabemos, na vitória do qual acredito sinceramente. E faço votos para que o seu espírito se sinta revigorado frente a esse ideal, lembrando-se que “a fé transporta montanhas”. Às vezes, luta-se um pouco para atingir esse alvo. No que me diz respeito, lutei sem tréguas até agora.

Tenho gostado imensamente de “Messe de Amor”.^[29] Leio-o diariamente, à hora das minhas preces. Ele mesmo já é um livro de orações inteligentes e conselheiras. Deus o abençoe por essa formosa produção evangélica.

Amália e todos daqui enviam recomendações e votos de prosperidades.

Espero que a “Mansão do Caminho” continue próspera e iluminada pelos resplendores do Alto, e que os seus servidores continuem nas graças de Deus. E receba, caro irmão, as minhas respeitadas saudades e o abraço agradecido de sempre.

Da irmã em Jesus e serva que muito o estima e admira,

Yvonne.



Dona Yvonne frisa mais uma vez o desejo de que Divaldo continuasse sendo inspirado e amparado pelo Mais-alto. Acreditava em suas intenções e faculdades, sabia que ele era um verdadeiro e devotado, sincero e estudioso, médium de faculdades genuínas e belas que estavam sendo postas a serviço do Espiritismo, por isso dava a ele seu apoio e orava para que o amigo e filho pelo coração obtivesse êxito em suas tarefas.

Envia-lhe o livro de autoria do Espírito Leon Tolstói, *Ressurreição e Vida*, lamentando não ser a médium que gostaria para poder filtrar com maior pureza e maleabilidade o que o autor espiritual desejou ditar.

Era a avaliação que a sua modéstia, zelo e espírito criterioso fazia e

que faria muito bem a todos os que somos médiuns psicógrafos. Tudo passa pelo crivo da universalidade dos ensinamentos, tudo submetido ao bom senso e a opiniões abalizadas de companheiros serenos e estudiosos, capazes de fazer uma crítica sincera e doutrinária.

Crítica esta voltada para a preservação da boa literatura espírita e para a preservação do próprio medianeiro, de modo que a produção mediúnica por seu intermédio seja de boa qualidade e não ocorra com o fito de competir com nenhum outro médium, nem projetar seu nome nas livrarias ou dar conta de uma fantasiosa meta de que se deve publicar um número específico de obras.

Se, de um lado, envia um livro de sua lavra mediúnica, por outro, não deixa de mencionar suas impressões sobre o primeiro livro psicografado pelo amigo. Não ignora o esforço mediúnico do amigo ressaltando o seu, antes divide e compartilha as alegrias.



No item 329, do capítulo XXIX de *O Livro dos Médiuns*, vamos encontrar o codificador pontuando alguns aspectos importantes para todos os que lidamos com a fenomenologia mediúnica, de modo a nos prevenir contra as possíveis emboscadas armadas pelo Mundo espiritual inferior. Vejamos um trecho deste item:

“Constituem um dos grandes tropeços da mediunidade, como já tivemos ocasião de dizer, a obsessão e a fascinação. Eles, pois, podem iludir-se de muito boa-fé, com relação ao mérito do que alcançam e facilmente se concebe que os Espíritos enganadores têm o caminho aberto, quando apenas lidam com um cego. Por essa razão é que afastam o seu médium de toda fiscalização; que chegam mesmo, se for preciso, a fazê-lo tomar aversão a quem quer que o possa esclarecer. Graças ao insulamento e à fascinação, conseguem sem dificuldade levá-lo a aceitar

tudo o que eles queiram. Nunca será demais repetir: aí se encontra não somente um tropeço, mas um perigo; sim, verdadeiro perigo, dizemos. O único meio, para o médium, de escapar-lhe é a análise praticada por pessoas desinteressadas e benevolentes que, apreciando com sangue frio e imparcialidade as comunicações, lhe abram os olhos e o façam perceber o que, por si mesmo, ele não possa ver. Ora, todo médium que teme esse juízo já está no caminho da obsessão; aquele que acredita ter sido a luz feita exclusivamente em seu proveito está completamente subjugado. Se toma a mal as observações, se as repele, se se irrita ao ouvi-las, dúvida não cabe sobre a natureza má do Espírito que o assiste.

Temos dito que um médium pode carecer dos conhecimentos necessários para perceber os erros; que pode deixar-se iludir por palavras retumbantes e por uma linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas, tudo na maior boa-fé. Por isso é que em falta de luzes próprias, deve ele modestamente recorrer à dos outros, de acordo com estes dois adágios: quatro olhos veem mais do que dois e ninguém é bom juiz em causa própria. ”



Sugestão de leitura:

Mediunidade: desafios e bênçãos — Divaldo Pereira Franco/Manoel Philomeno de Miranda (Espírito) - Editora LEAL.

SÉTIMA CARTA

É deveras engraçado ver pessoas, cujo interesse por essas questões apenas data de ontem, darem regras a homens como Allan Kardec, por exemplo, que só se atreveu a publicar seus trabalhos ao cabo de anos de investigações laboriosas e de maduras reflexões, obedecendo nisso a ordens formais e bebendo em fontes de informação de que os nossos excelentes críticos nem sequer parecem ter ideia.

Léon Denis

(*O Problema do ser, do destino e da dor*, primeira parte - Cap. 11)

Rio, 26 de novembro de 1964. Caro irmão

Divaldo:

Paz em Jesus.

F *ação os melhores votos a Deus para que você e todos os que lhe são caros desfrutem boa saúde e tranquilidade, e que os serviços do Mestre, confiados à sua guarda, continuem prósperos e iluminados pela presença dos nossos maiores do Espaço. Quanto a mim, vou indo amparada pela misericórdia do Céu, um pouco abalada nas disposições físicas, mas continuando a fazer o que é possível. E os de casa vão bem, trabalhando sempre, fiéis ao mandato espiritual ... e sempre amigos devotados do Divaldo Pereira Franco.*

Envio-lhe o livro do Dr. Bezerra, publicado agora. É um pouco rude, a primeira história, castigando um pouco a grei clerical do passado. Talvez não agrade muito aos espíritas que ainda conservam saudades das sacristias. Não é feito meu criticar nenhuma instituição, mas o fato ali narrado não é ficção, foi

passado no Centro Espírita de Lavras, que você conhece, sendo eu um dos médiuns presentes, na minha juventude. Eu era recém-desenvolvida, e aquele “Roberto” que ali se vê, assistente do Dr. Bezerra, é o “de Canalejas. Como verá, não poderia mesmo ser o Sauer de Ponta Grossa, tão cheio de complexos como é este. O segundo caso também é verdadeiro e foi passado em Barra Mansa e não em cidade marítima. Quando estivermos juntos, narrarei tudo a você, pois são fatos excelentes para a oratória. Estou convencida, Divaldo, que os romances espíritas não são ficções. São verdadeiros, com modificações ligeiras para não identificar as personagens, como nesse que envio.^{30} O índio ali apontado é o célebre Jiqué, famoso na época pela intensidade dos trabalhos que realizava em torno de obsessores. Não pertencia à linha de Umbanda, era esclarecido^{31}.

Por aqui vai tudo na mesma. Projeta-se uma concentração de espíritas, mas parece que as perspectivas não são muito boas, pelo menos foi o que me disseram. Não estou bem-in formada, não tomarei parte em nada, mesmo porque não fui convidada, Newton Boechat também não, nem estará no Rio, pela ocasião.

Enfim, ouço rumores algo estranhos, mas nada posso afirmar com acerto. Partiu daqui uma caravana de três ou quatro ônibus, para Uberaba, chefiada pelo Geraldo de Aquino,^{32} disseram que foram convidar os dois médiuns de lá para a concentração, mas não sei ao certo, falam muitas coisas incertas. Que tudo se realize sob os auspícios da fraternidade legítima, são os meus votos. Na “Conclusão” de “Leonel e os Judeus”, chamo sua atenção para o que o Dr. Bezerra assinala sobre os movimentos nos Centros Espíritas. As opiniões dele sempre foram essas e daí a minha intransigência no caso.

Termino escusando-me pela longevidade desta. Recomendo-me aos seus queridos familiares e aos irmãos da Mansão. Todos daqui enviam saudades. E aqui

fica o abraço amigo da irmã em Jesus que muito o estima e considera,

Yvonne.



Embora com a saúde um tanto abalada e com sessenta e quatro anos, seguia produzindo como podia, fazendo a sua “melhor parte”, conforme aprendemos no episódio de Jesus junto a Marta e Maria.

Sempre amistosa e fraterna com o amigo, não deixa de enfatizar o quanto o queria bem e o quanto ele era querido também em seu lar.

Envia de presente para Divaldo o livro recém-psicografado e ditado pelo Espírito Bezerra de Menezes, *Dramas da Obsessão*, obra que mencionamos na 2ª carta, composto de duas novelas de excelente qualidade literária e doutrinária. Nele há um chamado viril para que os centros espíritas repensem suas atividades e mantenham-se fiéis à Doutrina que os inspira. Apesar do tempo, é um livro que permanece atual, sendo muito útil a sua leitura com seu cortejo de ponderações.

Em *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXXI, *Dissertações Espíritas*, item XVIII, o Espírito São Luís se refere à seriedade que nós, adeptos, devemos ter no trato com a fenomenologia de um modo geral, percebendo o quanto a mediunidade não é um fim, mas um meio de se comprovar a imortalidade e de unir o Mundo espiritual e o mundo físico.

Se, por um lado, devemos a desencastelar dos excessivos rigores que existem em certos centros espíritas e que acabam impedindo muitos tarefeiros de desenvolverem e educarem suas faculdades, por outro, precisamos de estudo e cuidado em sua prática de modo a não a banalizar, colocando-a a serviço das inteligências obscuras que tentam retardar a

marcha do bem na face do planeta. Diz-nos São Luís:

“Jamais terei por demasiado concitar-vos a que façais do vosso um centro sério. Que alhures se façam demonstrações físicas, que alhures se observe, que alhures se ouça: entre vós, compreenda-se e ame-se.

Que supondes sois, aos olhos dos Espíritos superiores, quando fazeis que uma mesa gire, ou se levante? Simples colegiais. Passa o sábio o tempo a repetir o a b c da ciência? Entretanto, ao ver-vos buscar as comunicações sérias, eles vos consideram como homens sérios, à procura da verdade”.

Sugestão de leitura:

Como ocorreu anteriormente, também aqui, dada a relevância e atualidade da mensagem enviada pelo Espírito Vianna de Carvalho, optamos por inseri-la na íntegra como um convite a uma reflexão mais demorada ao invés de sugerir uma obra mediúnica específica.

TERRORISMO DE NATUREZA MEDIÚNICA

Sutilmente se vai popularizando uma forma lamentável de revelação mediúnica, valorizando as questões perturbadoras que devem receber tratamento especial, ao invés de divulgação popularesca de caráter apocalíptico.

Existe um atavismo no comportamento humano em torno do *Deus* *temor* que Jesus desmistificou, demonstrando que o Pai é todo Amor, e que o Espiritismo confirma através das suas excelentes propostas filosóficas e ético-morais, o qual deve ser examinado com imparcialidade.

Doutrina fundamentada em fatos, estudada pela razão e lógica, não admite em suas formulações esclarecedoras quaisquer tipos de superstições,

que lhe tisonariam a limpidez dos conteúdos relevantes, muito menos ameaças que a imponham pelo temor, como é habitual em outros segmentos religiosos.

Durante alguns milênios o medo fez parte da divulgação do bem, impondo vinganças celestes e desgraças a todos aqueles que discrepassem dos seus postulados, castrando a liberdade de pensamento e submetendo ao tacão da ignorância e do primitivismo cultural as mentes mais lúcidas e avançadas...

O Espiritismo é ciência que investiga e somente considera aquilo que pode ser confirmado em laboratório, que tenha caráter de *revelação universal*, portanto, sempre livre para a aceitação ou não por aqueles que buscam conhecer-lhe os ensinamentos. Igualmente é filosofia que esclarece e jamais apavora, explicando, através da *Lei de Causa e Efeito*, quem somos, de onde viemos, para onde vamos, por que sofremos, quais são as razões das penas e das amarguras humanas... De igual maneira, a sua ética-moral é totalmente fundamentada nos ensinamentos de Jesus, conforme Ele os enunciou e os viveu, proporcionando a religiosidade que integra a criatura na ternura do seu Criador, sendo de simples e fácil formulação.

Jamais se utiliza das tradições míticas greco-romanas, quais as das Parcas, sempre tecendo tragédias para os seres humanos, ou de outras quaisquer remanescentes das religiões ortodoxas decadentes, algumas das quais hoje estão reformuladas na apresentação, mantendo, porém, os mesmos conteúdos ameaçadores.

De maneira sistemática e contínua, vêm-se tornando comuns algumas pseudorrevelações alarmantes, substituindo as figuras mitológicas de

satanás, do diabo, do inferno, do purgatório, por dragões, organizações demoníacas, regiões punitivas atemorizantes, em detrimento do Amor e da Misericórdia de Deus que vigem em toda parte. Certamente existem personificações do mal além das fronteiras físicas, que se comprazem em afligir as criaturas descuidadas, assim como lugares de purificação depois das fronteiras de cinza do corpo somático, todos, no entanto, transitórios, como ensaios para a aprendizagem do bem e sua fixação nos painéis da mente e do comportamento.

O Espiritismo ressuscita a esperança e amplia os horizontes do conhecimento exatamente para facultar ao ser humano o entendimento a respeito da vida e de como comportar-se dignamente ante as situações dolorosas.

As suas revelações objetivam esclarecer as mentes, retirando a névoa da ignorância que ainda permanece impedindo o discernimento de muitas pessoas em torno dos objetivos essenciais da existência carnal.

Da mesma forma como não se deve enganar os candidatos ao estudo espírita, a respeito das regiões celestes que os aguardam, desbordando em fantasias infantis, não é correto derrapar nas ameaças em torno de fetiches, magias e soluções miraculosas para os problemas humanos, recorrendo-se ao animismo de alguns povos e às suas superstições. No passado, em pleno período medieval, as crenças em torno dos fenômenos mediúnicos revestiam-se de místicas e de cerimônias cabalísticas, propondo a libertação dos incautos e perversos das situações perniciosas em que transitavam.

O Espiritismo, iluminando as trevas que permanecem dominando incontáveis mentes, desvela o futuro que a todos aguarda, rico de bênçãos e

de oportunidades de crescimento intelecto-moral, oferecendo os instrumentos hábeis para o êxito em todos os cometimentos.

A sua psicologia é fértil de lições libertadoras dos conflitos que remanescem das existências passadas, de terapêuticas especiais para o enfrentamento com os adversários espirituais que procedem do ontem perturbador, de recursos simples e de fácil aplicação.

A simples mudança mental para melhor proporciona ao indivíduo a conquista do equilíbrio perdido, facultando-lhe a adoção de comportamentos saudáveis que se encontram exarados em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, verdadeiro tratado de eficiente psicoterapia ao alcance de todos que se interessem pela conquista da saúde integral e da alegria de viver.

Após a façanha de haver *matado a morte*, o conhecimento do Espiritismo faculta a perfeita integração da criatura com a sociedade, vivendo de maneira harmônica em todo momento, onde quer que se encontre, liberada de receios injustificáveis e sintonizada com as bênçãos que defluem da Misericórdia Divina.

A mediunidade a serviço de Jesus é veículo de luz, de seriedade, dignificando o seu instrumento e enriquecendo de esperança e de felicidade todos aqueles que se lhe acercam.

Jamais a mediunidade séria estará a serviço dos Espíritos zombeteiros, levianos, críticos contumazes de tudo e de todos que não anuem com as suas informações vulgares, devendo tornar-se instrumento de conforto moral e de instrução grave, trabalhando a construção de mulheres e de homens sérios que se enlevem com o Espiritismo e tornem as suas

existências úteis e enobrecidas.

Esses Espíritos burlões e pseudossábios devem ser esclarecidos e orientados à mudança de comportamento, depois de demonstrado que não lhes obedecemos, nem lhes aceitamos as sugestões doentias, mentirosas e apavorantes com as histórias infantis sobre as catástrofes que sempre existiram, com as informações sobre o *fim do mundo*, com as tramas intermináveis a que se entregam para seduzir e conduzir os ingênuos que se lhes submetem facilmente...

O conhecimento real do Espiritismo é o antídoto para essa onda de revelações atemorizantes, que se espalha como um bafio pestilencial, tentando mesclar-se aos paradigmas espíritas que demonstraram desde o seu surgimento a legitimidade de que são portadores, confirmando o *Consolador* que Jesus prometeu aos Seus discípulos e se materializou na incomparável Doutrina.

Ante informações mediúnicas desastrosas ou sublimes, um método eficaz existe para a avaliação correta em torno da sua legitimidade, que é a *universalidade do ensino*, conforme estabeleceu o preclaro codificador.

Desse modo, utilizando-se da caridade como guia, da oração como instrumento de iluminação e do conhecimento como recurso de libertação, os adeptos sinceros do Espiritismo não se devem deixar influenciar pelo moderno terrorismo de natureza mediúnica, encarregado de atemorizar, quando o objetivo máximo da Doutrina é libertar os seus adeptos, a fim de os tornar felizes.

. *Vianna de Carvalho*

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, no dia 7 de dezembro de 2009,

durante o período de realização do XVII Congresso Espírita Nacional, em Calpe, Espanha. A mensagem foi, em 2014, publicada no livro *Compromissos de Amor*, de autores espirituais diversos.)

8

OITAVA CARTA

O Espiritismo será o que o fizerem os homens. *Similia similibus!* Ao contato da Humanidade as mais altas verdades às vezes se desnaturam e obscurecem. Podem constituir-se uma fonte de abusos. A gota de chuva, conforme o lugar onde cai, continua sendo pérola ou se transforma em lodo.

Léon Denis (*No invisível* — Introdução)

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus. Romanos VII — 28^[33]”

Rio, 19 de março de 1965. Querido amigo Divaldo: Paz e Saúde.

*V*enho trazer o meu fraterno abraço com a minha visita de solidariedade, porque fui informada de que você sofre nova crise de testemunhos. Uma carta do Licurgo Negrão informou-me do que pretendem fazer ainda, pois eu ignorava. Mas não se incomode, Divaldo. Permaneça no seu posto de discípulo da Luz e não preste atenção às trevas, porque elas não poderão atingi-lo. O que acontece é doloroso de ver entre a família espírita. Não há dúvida de que fomos surpreendidos com o maior ataque das trevas de todos os tempos. Venho sendo avisada dessas coisas há muitos anos e vejo que não fui enganada. Mas no que diz respeito a você, fique descansado, ore e vigie sem revidar as ofensas, e esteja certo de que você aparecerá “mais santo e mais belo” no final desse drama que estarrece os espíritas mais sinceros. Receba os ultrajes que lhe atiram com a dignidade com que o grande Paulo de Tarso e o

valoroso Pedro receberam as chicotadas na boca, por falarem ao povo as palavras celestes de que eram depositários. Há dias, durante preces que eu fazia, à noite, senti-me desolada com o estado de coisas no seio da Doutrina e chorava, rogando a Jesus orientações a respeito. Dr. Bezerra veio em meu socorro mais tarde, durante um desdobramento, vi-o e ele disse: — “Descansa e confia. Realiza a tua parte a mais perfeita possível, e deixa o resto. Os espíritas estão sendo chamados a testemunhos decisivos, provando os valores adquiridos. Há mais de um século que o céu derrama sobre eles, em dádivas inestimáveis. Agora é preciso que provem o adiantamento que fizeram. As falanges das trevas investem poderosamente contra os invigilantes. Mas só se afinarão com os que lhes permitirem acesso. E de lei. A Parábola das Virgens Loucas está em plena ação, não somente entre a grei espírita, mas principalmente entre ela. Que a tua lâmpada permaneça acesa, minha filha”.

Creio, Divaldo, que essa advertência serve para todos. E tenho observado que um dos fatores de tais acontecimentos foi a profanação dos templos espíritas com festas mundanas. Os verdadeiros guias espirituais se retiraram porque isso era contrário aos postulados da Doutrina, e os mistificadores se abancaram pregando deturpações. Em 42 fui avisada contra isso. Em 59, Inácio Bittencourt me disse que prestasse atenção, porque os Centros que assim procedessem seriam abandonados.

^[34] E foram, Divaldo! Passam-se coisas desoladoras, mas nós não podemos desanimar, temos que permanecer firmes e vigilantes, porque esse é o nosso dever. Peço a você, portanto, para sofrer com paciência e jamais revidar. Deixa que os outros defendam a sua causa e continua com Jesus. Recebo inúmeras cartas e visitas e todas favoráveis a você. Pessoas que eu julgava contra, são favoráveis. As simpatias, pois, são suas, e você vencerá, não tenho dúvidas. Lembre-se de que o próprio Jesus foi vítima da inveja. E continua na sua tarefa, caro irmão. Mas

cuidado com os ambientes heterogêneos, que poderão prejudicá-lo. E perdoa, por favor, este sermão. Não estou à altura de aconselhá-lo, mas às vezes sou intérprete de pensamentos bons do Invisível.

Quanto a mim, nada recebo no momento. Nunca estive tanto tempo parada. Parece que a época esta mesmo má para os médiuns. No entanto, tenho trabalhos escritos, outros apenas começados, aguardando assistência para revisão e prosseguimento, mas os guias não se apresentam para esse serviço. Não sei se se trata de esgotamento meu ou se houve súbita contraordem no Espaço⁽³⁵⁾. Leon Tostói escreveu um conto belíssimo, regionalíssimo, da Rússia. Mas até agora não voltou para continuar. Creio, Divaldo, que os Espíritos já concederam muito. Agora é tempo de testemunharmos escrevendo, de nós mesmos, o que aprendemos.

Estou ansiosa para podermos conversar, tantas são as novidades. Falei com Dr. Wantuil. Ele acha que nada atingirá você, porque você permanece dentro da lei. Quem o atacar, atacará a si próprio. Peço dizer ao Geraldo Guimarães que recebi a carta dele e responderei por estes dias. O assunto que ele propôs é grave e vou ver se obtenho algo do Espaço como orientação para ele. Pelo menos ficarei com a consciência tranquila.

Amália e os demais enviam abraços com a fraternidade e a solidariedade constantes, recomendo-me aos seus familiares queridos e todos os irmãos que o cercam na Mansão do Caminho. Que Deus o abençoe, querido amigo e irmão. Que Jesus o fortaleça para a realização da sua nobre tarefa, e que nossos guias e protetores o assistam e inspirem na hora do testemunho. São os votos sinceros da irmã em Jesus que muito o estima,

Yvonne.

P.S.: Sugiro a você a preparação também de um livro de Memórias. Escrito com arte, ficará muito agradável. O meu está pronto, mas não sei quando será publicado. Desejo conversar com você para acrescentar nele a sua obra e o “seu caso”.

*

Os tais testemunhos a que se refere a amiga foram e continuam sendo uma constante na vida de Divaldo, como são também comuns na vida de pessoas que assumem responsabilidades similares a estas abraçadas por esse peregrino do bem.

Em sua vida no mundo, dentro e fora da Mansão do Caminho, multiplicam-se os casos, até hoje, de situações e experiências às quais foi chamado a se posicionar com energia e doçura, firmeza e educação, dizendo não quando necessário e sim quando possível. E apesar da idade avançada, não nos iludamos quanto a facilidades, embora a misericórdia, o socorro e a assistência nunca tenham faltado no caminho de Divaldo.

Parece que os mais pesados testemunhos são exigidos nas relações mais próximas, mais dos chamados “amigos” do que propriamente dos inimigos. E, neste particular, quando pensamos já ter visto e vivido de tudo, há sempre uma “agradável novidade” que nos faz pensar que o ser humano no fundo é mais ignorante do que maldoso, que muitas vezes a boa intenção existe de fato, mas misturada com outros propósitos e sob as mais diversas influências.

Deste modo, podemos desfigurar todo um trabalho, desvirtuando um projeto, um programa, uma proposta pela ausência de vigilância e desconhecimento de nossas próprias *sombras*. Por isso Dr. Bezerra recorda a

Parábola das Virgens Loucas e reforça o sentido dela lembrando paternal e humilimamente a Yvonne:

“*Que a tua lâmpada permaneça acesa, minha filha.*”

Yvonne, enquanto pôde, esteve sempre ao lado do amigo Divaldo, dando a ele o incentivo necessário e solidarizando-se com suas dores.

Em se referindo ao Movimento Espírita brasileiro, classifica o episódio de 1962 com seus desdobramentos como o maior ataque das trevas de todos os tempos. Menciona, ainda, conversas com Wantuil de Freitas, presidente da FEB à época, junto a quem sempre instou na defesa da honra, do caráter e da veracidade da produção mediúnica de Divaldo.

Cita as figuras apostolares de Paulo de Tarso e Simão Pedro como exemplos nos quais Divaldo deveria se inspirar para não retribuir na mesma moeda e seguir intemorato em seu caminho.

Não se vê à altura de aconselhá-lo, mas, com extrema modéstia e simplicidade, diz que às vezes se torna intérprete de bons pensamentos oriundos do Mundo invisível.

Dizendo-se um tanto esgotada e sem novidades psicográficas, ainda escreveria excelentes livros, artigos, daria entrevistas memoráveis e seguiria ajudando muita gente com sua sabedoria e bom coração.

Sugere ao amigo escrever um livro de memórias, e já são inúmeras as obras biográficas que falam de Divaldo como *peregrino, semeador, moderno pregador, médium, gênio, alguém que escolheu o amor, um deflagrador do terceiro milênio, aquele que escolheu um caminho sagrado, um homem-fenômeno* e assim por diante.

O mais comovente é que mesmo diante de todos os adjetivos e

expressões encomiásticas, ele segue sendo e se vendo apenas um servidor e nada mais...

Nesta enciclopédia sobre mediunidade que é *O Livro dos Médiuns*, encontramos no cap. XX, itens 226 e 227, *Da influência moral do médium*, uma citação quanto à perfeição mediúnica. Nela, os Espíritos são categóricos em afirmar a sua inexistência, dada a nossa condição ainda imperfeita, portanto, falível. Reproduzi-la aqui é importante, pois não nos consta que Divaldo ou Dona Yvonne tenham almejado tal perfeição ou presunçosamente creram em algum momento tê-la atingido no exercício de suas respectivas faculdades.

“226. 9ª. Qual o médium que se poderia qualificar de perfeito?”

Perfeito, ah! hem sabes que a perfeição não existe na Terra, sem o que não estaríeis nela. Dize, portanto, bom médium e já é muito, por isso que eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos jamais ousassem uma tentativa de enganá-lo. O melhor é aquele que, simpatizando somente com os bons Espíritos, tem sido o menos enganado. ”

“227. (...) As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria. ”

Sugestão de leitura:

Transtornos Psiquiátricos e Obsessivos — Divaldo Pereira Franco/Manoel Philomeno de Miranda (Espírito) - Editora LEAL.

NONA CARTA

Parece, com efeito, que o invisível quer experimentar-nos, medir o nosso grau de perseverança, exigir uma certa maturidade de espírito, antes de entregar-nos os seus segredos. Todo o bem moral, toda a conquista da alma e do coração parece dever ser precedida de uma iniciação dolorosa.

Léon Denis (*O gênio céltico e o mundo invisível*, terceira parte - Cap. XI)

Rio, 1º de janeiro de 1966.

Caro amigo Divaldo:

Faço votos para que você tivesse um Bom Natal ao lado dos seus queridos pais e demais entes caros e amigos, e que o ano de 1966, que hoje iniciamos, seja portador de muitas prosperidades e realizações felizes. Recebi o seu lindo cartão de Boas-Festas e aqui estou agradecendo a gentileza, retribuindo os bons votos enviados. Recebi também o cartão de 5-9-65. Peço desculpas pela demora em respondê-lo. A falta, porém, não traduz desatenção ou esquecimento, mas atribulações, lutas contínuas, de que nos foi fértil o ano de 65. Quero agradecer também a oferta de “Filigranas de Luz”. Celeste demorou muito a trazê-lo; além disso eu estive o ano quase todo em Volta Redonda, só ultimamente regresssei, deixando o meu irmão bem melhor, mas ainda no hospital. Além dessa luta de dez meses, em Setembro faleceu a minha sobrinha por afinidade, a Zanete, esposa do

César Filho. Foi uma surpresa muito chocante para nós, pois ela morreu fulminada por uma injeção de penicilina, prescrita pelo médico. Felizmente, todos nós fomos bem amparados, ela, inclusive, e a conformidade com o inevitável suavizou a decepção em nossos corações. Ela está bem, pelo menos foi amparada pelos Guias imediatamente, mas peço as suas preces em intenção do Espírito dela. Chamava-se Zanete Lucena Lourenço.

Já li o “Filigranas de Luz” e gostei imensamente. Conheço bastante o estilo do autor e por isso considero-o autêntico, perfeito, ainda porque o característico é oriental por excelência. Dou-lhe, pois, os meus sinceros parabéns, com os votos para que você prossiga com outras tantas realizações, assim enriquecendo o nosso patrimônio literário. Quanto a mim, quase nada produzi este ano, para a Doutrina. Apenas realizei trabalhos de recuperação moral entre os necessitados do Espírito, inclusive ao meu próprio irmão Paulo, de Volta Redonda. Nem um artigo para Reformador pude escrever. Agora é que estou concluindo um volume no gênero de “Devassando o invisível”. Mas não sei se será aceito... Tenho esperanças de vitória, em vista de alguns que ultimamente tem aparecido...

Fui informada de que em janeiro você virá ao Rio. Peço que não deixe de me visitar. Temos muitas ideias a trocar, as novidades são numerosas e importantes... Além disso, sempre reconforta nossas almas a presença de um amigo em quem confiamos, não acha? E ultimamente tenho necessitado de reconforto. Sinto-me esgotadíssima e doente, creio que a minha tarefa está a terminar. Mais três livros... e poderei regressar à verdadeira pátria. É tempo, pois já me sinto triste neste mundo, desambientada, sem entusiasmo para nada, e isso é o sinal característico. Só o trabalho mediúnico ainda me anima.”{36}

Dia 7 casar-se-á, aqui, a minha sobrinha Elizabeth. Felizmente, parece que

escolheu bem. O moço é espírita convicto, muito culto, professor da Escola Superior de Química. O casal dá-se muito bem e parece se adorar.

Perdoa a extensão desta. É a primeira carta que escrevo no ano de 66. Que ela o encontre com saúde, animado para os serviços da Seara Divina, são os meus votos.

Amália e todos de casa agradecem os cumprimentos e enviam abraços. Recomendo-me a todos os seus e sou a irmã em Jesus e amiga de sempre,

Yvonne.

*

Amável e fraterna, escreve ao amigo no início de mais um ano fazendo votos para que a sua lida fosse repleta de bênçãos. Também não deixa de agradecer a lembrança carinhosa de Divaldo que lhe enviara um cartão de natal.

Faz menção ao belo e profundo livro *Filigranas de Luz* de Rabindranath Tagore (1861-1941), escritor, poeta, músico, pintor, ensaísta, teatrólogo, educador, pacifista e humanista indiano, que recebido por sua psicografia foi publicado em 1965 pelo *Grupo de Estudos Spiritus*.

A história registra que ao receber o comunicado da academia sueca de que fora laureado com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1913, Tagore, ainda encarnado, regressava de uma excursão com seus discípulos e simplesmente colocou o telegrama no bolso deixando para lê-lo depois. Não acreditava na possibilidade de ser contemplado, tendo em vista os grandes nomes da literatura mundial que participavam da lista de premiados. Por insistência do funcionário dos correios, abre o envelope e surpreso com a premiação afirma com humildade que aquela honraria não era para si e sim

para a Índia.

Amigo de Gandhi, condenava o imperialismo de certas nações sobre outras e recriminava igualmente o excesso de nacionalismo do seu próprio povo, dizendo:

“Tudo o que é grande e verdadeiro na humanidade está à nossa porta, como um hóspede pronto a ser convidado. Não lhe devemos perguntar de que país vem; devemos apenas acolhê-lo e oferecer-lhe o que possuímos de melhor.”

Dona Yvonne chancela com sua credibilidade a obra mediúnica do amigo médium, dizendo conhecer o estilo oriental de Tagore. No entanto, quantos criticaram, duvidaram, escarneceram, ignoraram? Mas também quantos leram, acreditaram, enriqueceram-se, apoiaram, sensibilizando-se com o retorno do grande poeta?

O fato é que Divaldo seguiu, tomou da flauta de bambu, citada por Tagore, e saiu a cantar em sua dor e soledade, podendo verificar com surpresa, como sugere o poeta, *que o amor, quanto mais se doa mais se enriquece, e quanto mais se esvazia mais se embebeda de amplidão...*^{37}.

Menciona que está prestes a concluir uma nova obra, um volume do gênero de *Devassando o invisível*, livro publicado no ano de 1964. Mas não sabia se ele seria aceito.^{38} O que ela queria dizer? Aceito para publicação ou aceito pelo público?

Duas coisas boas ocorreram, o livro foi duplamente aceito tanto pela editora quanto pelo público, tornando-se um dos marcos da boa literatura espírita.

Pede ao amigo que não deixe de visitá-la, pois a visita de um amigo sincero deixa o coração em festa, traz reconforto para a alma e alento para

seguirmos adiante. E tinha em Divaldo um coração conhecedor das suas lutas e em sintonia com o seu, assim como ela também acompanhava seus dramas e dificuldades dentro do Movimento espírita.

Dizia-se cansada e esgotada, desejosa mesmo de retornar à Pátria espiritual, mas só o fará no tempo certo, deixando-nos seu legado de esforços, renúncias e exemplos de que é possível, mesmo com dor e sem termos as condições ideais, dar o melhor em nossas tarefas e relações.



Embora a carta de Yvonne não se refira a nenhuma perda, sugere-nos certa suspensão da capacidade da sua produção escrita, tendo em vista o seu estado orgânico, pois declara-se “exausta e esgotada”. Apesar disso, produziria ainda bastante nos anos que teria pela frente.

Tal suspensão, a nosso ver, ocorreu neste momento com o objetivo de propiciar-lhe um refazimento, uma reorganização das energias, tendo em vista o quanto se dava de corpo e alma em suas tarefas.

No cap. XVII, item 220, de *O Livro dos Médiuns*, especificamente em alguns parágrafos, Allan Kardec aborda o assunto *perda e suspensão da mediunidade*.

Analisemos com o codificador estes singelos trechos, a fim de nos enriquecermos um pouco mais sobre o tema e tentemos compreender o que possivelmente tenha ocorrido com Dona Yvonne:

“4ª (...) Em suma, a interrupção da faculdade nem sempre é uma punição; demonstra às vezes a solicitude do Espírito para com o médium, a quem consagra afeição, tendo por objetivo proporcionar-lhe um repouso material de que o julgou necessitado, caso em que não permite que outros Espíritos o substituam”

“5ª Veem-se, no entanto, médiuns de muito mérito, moralmente falando, que nenhuma necessidade de repouso sentem e que muito se contrariam com essas interrupções, cujo fim lhes escapa. Servem para lhes pôr a paciência à prova e para lhes experimentar a perseverança. Por isso é que os Espíritos nenhum termo, em geral, assinam à suspensão da faculdade mediúnica; é para verem se o médium descoroça. E também para lhe dar tempo de meditar as instruções recebidas. Por essa meditação dos nossos ensinamentos é que reconhecemos os espíritas verdadeiramente sérios. Não podemos dar esse nome aos que, na realidade, não passam de amadores de comunicações. ”

“8ª A suspensão da faculdade não implica o afastamento dos Espíritos que habitualmente se comunicam?

De modo algum. O médium se encontra então na situação de uma pessoa que perdesse temporariamente a vista, a qual, por isso, não deixaria de estar rodeada de seus amigos, embora impossibilitada de os ver. Pode, portanto, o médium e até mesmo deve continuar a comunicar-se pelo pensamento com seus Espíritos familiares e persuadir-se de que é ouvido. Se é certo que a falta da mediunidade pode privá-lo das comunicações ostensivas com certos Espíritos, também certo é que não o pode privar das comunicações morais. ”

“9ª Assim, a interrupção da faculdade mediúnica nem sempre traduz uma censura da parte do Espírito?

Não, sem dúvida, pois que pode ser uma prova de benevolência. ”

Por outro lado, não percamos de vista que tal perda ou suspensão também possa decorrer do uso indevido que o medianeiro faça da faculdade de que seja portador, o que, felizmente, não foi o caso de Yvonne.

Sugestão de leitura:

Estudando o Livro dos Médiuns — Equipe do Projeto Manoel Philomeno de Miranda - Editora LEAL.

DÉCIMA CARTA

Os Espíritos superiores leem o que em nosso íntimo se passa, conhecem as nossas intenções e dão muito pouco apreço às nossas fantasias e caprichos. Para atender aos nossos chamados e prestar-nos assistência, exigem da nossa parte uma vontade firme e perseverante, uma fé elevada, um veemente desejo de nos tornarmos úteis.

Léon Denis

(*No invisível*, segunda parte — Cap. V)

Rio, 05 de agosto de 1966.

Caro irmão Divaldo:

Paz!

Recebi sua carta de 17 de Julho, e antes de qualquer assunto, peço desculpas pela demora na resposta, temos tido hóspedes até agora, e nessas ocasiões não consigo o necessário sossego para o intercâmbio entre nós e o espaço. Ontem, graças a Deus, consegui me harmonizar com o nosso amado Denis, e aí segue o recado que ele envia a você. Eu não tenho dúvidas, caro Divaldo, que ele lhe conceda, ou que concederá, qualquer ensinamento doutrinário. Porque não poderia conceder, se você, pela dedicação à Doutrina e boa vontade em servir e progredir, tem feito jus a esse prêmio? Aliás, em um de seus livros, Denis promete àqueles que apelassem para o seu Espírito, após a sua desencarnação, que os auxiliaria em tudo quanto pudesse, referência feita ao labor doutrinário, e eu sou testemunha de que ele

cumpra a promessa, pois tenho apelado para ele e sou sempre assistida, de modo insofismável. E se ele me atende e dá comunicações a outro médium, porque não daria a você, que também tem feito jus?

*

Refere-se Yvonne à importância da tranquilidade, silêncio e recolhimento para obter um intercâmbio fecundo com o Mundo espiritual superior. Embora tenha tratado deste intercâmbio com a maior seriedade possível, não se esquivava de receber os amigos e parentes em sua casa. Vivia “antenada” com a Espiritualidade maior, mas colocava seus pés no chão para ouvir, consolar, esclarecer quem requisitasse seus préstimos recorrendo à sua experiência de vida.

Menciona a presença de Léon Denis, este Espírito amigo, que de maneira anônima, discreta e silenciosa tem envidado todos os esforços possíveis para a disseminação dos conteúdos espíritas. Já se empenhava quando encarnado e depois de liberto do corpo físico ampliou ainda mais a sua ação.

Yvonne diz a Divaldo que certamente o *apóstolo de Tour* estava colaborando com seus estímulos para o prosseguimento dele em suas tarefas doutrinárias. Ressalta que a boa vontade e dedicação de Divaldo lhe conferiam o benefício desta presença amiga e que o próprio Denis havia escrito que, tendo permissão dos seus superiores, viria auxiliar quem lhe solicitasse algum tipo de apoio.

*

Em diversas passagens de *O Livro dos Médiuns* o codificador nos alerta para a importância do silêncio e do recolhimento, ressaltando o quanto os

ambientes influenciam os médiuns, dificultando ou facilitando as comunicações.

No capítulo XXXI, item 23, há uma breve dissertação do Espírito São Luís, enfatizando a importância destes dois elementos, o silêncio e o recolhimento, serem cultivados pelos médiuns no exercício das suas faculdades mediúnicas.

Vejamos a mensagem citada:

“O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para todas as comunicações sérias. Nunca obtereis preencher essas condições os que somente pela curiosidade sejam conduzidos às vossas reuniões. Convidai, pois, os curiosos a procurar outros lugares, por isso que a distração deles constituiria uma causa de perturbação. Nenhuma conversa deveis tolerar, enquanto os Espíritos estão sendo questionados. Recebeis, às vezes, comunicações que exigem de vós uma réplica séria e respostas não menos sérias da parte dos Espíritos evocados, aos quais muito desagradam, crede-o, os cochichos contínuos de certos assistentes. Daí, em consequência, nada obterdes por completo, nem de verdadeiramente sério. Também o médium que escreve experimenta distrações muito prejudiciais ao seu ministério. ”

São Luís

Não queremos aqui defender o isolamento do medianeiro, que antes de ser médium é um ser humano que naturalmente tem suas obrigações familiares e profissionais, e para dar conta delas precisa interagir, ir ao supermercado, enfrentar filas bancárias, fazer a feira, passear com os filhos, descansar, ir a médicos para se tratar, em suma, tentar estar no mundo sem

ser do mundo consoante a proposta evangélica. Por outro lado, todos necessitamos em nossas vidas de relação, num grau qualquer e num momento específico, de um pouco de recolhimento e de silêncio. Elementos que, cultivados, ajudam-nos a encontrar maior harmonia para enfrentar os desafios da existência, permitindo-nos ouvir a consciência e a própria Espiritualidade amiga tentando nos dar melhor direcionamento aos passos, escolhas e dilemas cotidianos.

Sugestão de leitura:

Diálogo com as sombras — Hermínio C. Miranda - Editora FEB.

DÉCIMA PRIMEIRA CARTA

Uma espécie de misantropia, de lassidão moral afasta, às vezes, os bons Espíritos do resto da Humanidade. É preciso reagir contra essa tendência para o isolamento, considerando tudo o que há de grande e belo no ser humano, lembrando-se de todos os sinais de afeição, todos os atos benevolentes, dos quais fomos objeto. No que se transforma o homem separado dos seus semelhantes, privado da família e da pátria? Um ser inútil e infeliz. Suas faculdades estiolam-se, suas forças amesquinham-se, a tristeza invade-o. Não se progride sozinho. E preciso viver com os homens, neles ver companheiros necessários. O bom humor é a saúde da alma. Deixemos nosso coração abrir-se para as impressões sãs e fortes. Amemos para sermos amados!

Léon Denis

(*Depois da morte*, quinta parte — Cap. XL1X)

Rio, 30 de dezembro de 1966.

Querido irmão Divaldo: Paz!

Venho agradecer os seus bons votos de Boas-Festas de Natal e Ano-Novo, enviados da Venezuela. De todo o coração agradeço a gentileza de se lembrar de mim, igualmente desejando que o ano de 1967 lhe seja propício em bênçãos e forças espirituais para o prosseguimento da sua nobre tarefa no seio do Consolador.

Amália, César e filhos igualmente agradecem e retribuem os seus cumprimentos, desejando-lhe todo o bem do Céu e da Terra.

De saúde não passo muito bem, e por essa razão tenho limitado os trabalhos doutrinários. Tenho de ser operada da vesícula, pois o médico acha que é o único meio de recuperação da saúde. Mas faço tratamento prévio no momento, talvez só em fevereiro tratarei da operação.

Caro Divaldo, quero felicitá-lo, abraçando-o pelo belo trabalho que está desenvolvendo na América do Sul^[39] a bem da expansão do nosso Consolador. Jesus o abençoe e fortaleça, querido irmão, para o prosseguimento da tarefa de verdadeiro paladino do Amor e da Fé, da Ciência e da Fraternidade. Você está alegrando também os seus amigos, que veem na sua pessoa a prova de que o mundo encerra também valores que o enchem de esperanças para o futuro e não somente vultos negativos que infelicitam a sociedade. De minha parte, agradeço a satisfação que você me está dando com tal desempenho na Doutrina Espírita. Deus o abençoe! Eu não dizia que você seria exaltado depois da humilhação e que outrem decepcionaria, com testemunhos negativos? E você venceu curvado sobre o trabalho do Senhor! Muitos já estão reconhecendo isso, embora os fanáticos continuem contemplando ilusões. E o Anuário Espírita^[40] deste ano fez justiça publicando uma reportagem a seu respeito. Parece que a minha pergunta ao representante, no ano passado, surtiu efeito...

Que você continue na sua linha de humildade do coração, sentindo e compreendendo a própria responsabilidade de espírita e intérprete do Alto é o meu sincero desejo de amiga que muito o admira e estima.

Recomendo-me à sua querida mãe e aos irmãos que o cercam no santo labor da Fraternidade. Os de casa enviam abraços do coração. E o mesmo faz a irmã em

Jesus e amiga de sempre,

Yvonne.

P.S.: Penso que você já conhece as últimas “novidades” ... Elas não foram surpresas para mim. Há mais de 5 anos que eu as sentia no ar ...

*

A notícia sobre a cirurgia que precisava fazer nos conduziu uma vez mais à necessidade de humanizar os médiuns, embora Yvonne fosse, neste aspecto, alguém bem singular, pois não se comprazia nem se permitia elogios e enaltecimentos, reconhecendo o quanto isto era prejudicial ao exercício da mediunidade sob a orientação espírita.

Quando “coisificamos” os médiuns e eles também se permitem coisificar, deixamos de respeitar-lhes a intimidade e os entronizamos como “funcionários” dos Espíritos e do Movimento Espírita. Então tudo deles exigimos em termos de testemunhos, negando-lhes, inclusive, o direito de ser quem são e viver como desejam.

Nada disso é o que aprendemos com o Espiritismo.

É a nossa imaturidade espiritual, são as imperfeições ainda não corrigidas que nos levam a agir assim e, muitas vezes, graças à essa invigilância nos tornamos também instrumentos do Mundo espiritual inferior, dificultando ainda mais a caminhada desses medianeiros.

Além de dar notícias sobre a sua vida, Yvonne não se esquece de estimular o amigo no prosseguimento de seus labores de divulgação. Faz isso com o equilíbrio necessário, reconhecendo em seus esforços uma contribuição significativa para a disseminação da mensagem espírita pela

América do Sul.

Sempre atenta e vigilante, não fazendo concessões a nenhuma distorção que surgisse para descaracterizar o Espiritismo, menciona fanatismos e surpresas no Movimento Espírita.

Lamentava certas ocorrências, mas nunca deixava de fazer o que podia no campo da exposição doutrinária, dos livros, com os artigos que publicava e com conversas que entretinha com os confrades que a procuravam.

Agia sempre como uma verdadeira espírita!



Tendo em vista que Yvonne não era apenas crítica, mas também era portadora de excelente autocrítica, sua postura nos remete ao item XV do capítulo XXXI de *O Livro dos Médiuns*. Vejamo-lo:

“Todos os médiuns são, incontestavelmente, chamados a servir à causa do Espiritismo, na medida da sua faculdade, mas há bem poucos deles que não se deixem prender nas armadilhas do amor-próprio. É uma pedra de toque, que raramente deixa de produzir efeito. Assim é que, sobre cem médiuns, um, se tanto, encontrareis que, por muito ínfimo que seja, não se tenha julgado, nos primeiros tempos da sua mediunidade, fadado a obter coisas superiores e predestinado a grandes missões. Os que sucumbem a essa vaidosa esperança, e grande é o número deles, se tornam inevitavelmente presas de Espíritos obsessores, que não tardam a subjugar-los, lisonjeando-lhes o orgulho e apanhando-os pelo seu fraco. Quanto mais pretenderem eles elevar-se, tanto mais ridícula lhes será a queda, quando não desastrosa.

As grandes missões só aos homens de escol são confiadas e Deus mesmo os

coloca, sem que eles o procurem, no meio e na posição em que possam prestar concurso eficaz. Nunca será demais eu recomende aos médiuns inexperientes que desconfiem do que lhes podem certos Espíritos dizer, com relação ao suposto papel que eles são chamados a desempenhar, porquanto, se o tomarem a sério, só desapontamentos colherão nesse mundo, e, no outro, severo castigo.

Persuadam-se bem de que, na esfera modesta e obscura onde se acham colocados, podem prestar grandes serviços, auxiliando a conversão dos incrédulos, prodigalizando consolação aos aflitos. Se daí deverem sair, serão conduzidos por mão invisível, que lhes preparará os caminhos, e serão postos em evidência, por assim dizer, a seu mau grado.

Lembrem-se sempre destas palavras: “Aquele que se exaltar será humilhado e o que se humilhar será exalçado.”

O Espírito de Verdade.

Sugestão de leitura:

A mensagem transcrita abaixo teve grande repercussão por ocasião da sua publicação e foi amplamente estudada em inúmeros grupos espíritas pelo alerta que ela trouxe acerca de deturpações e desvios dentro das casas e do Movimento Espírita, frutos, naturalmente, da nossa invigilância e ignorância. Reflitamos em torno dela.

CAMPEONATO DA INSENSATEZ

Quando o conhecimento libertava-se da grilheta soez da ignorância e as ciências adquiriam cidadania cultural, alargando os horizontes do pensamento e facultando melhor entendimento em torno da finalidade existencial, em meado do século XIX, surgiu o Espiritismo como um sol

para a Nova Era, que deveria iluminar a humanidade a partir de então.

Era a resposta dos Céus às rogativas dos sofrimentos que se espalhavam pela Terra. Conforme Jesus houvera prometido, tratava-se de *O Consolador*, que chegava para atender às múltiplas necessidades humanas.

Sintetizando o idealismo filosófico com as conquistas da experimentação científica moderna, ao tempo em que a ética do Evangelho se fazia restaurada, essa incomparável Doutrina propunha-se a oferecer os instrumentos hábeis para a aquisição da felicidade.

O obscurantismo ancestral cedia lugar a novas conquistas libertadoras, enquanto Espíritos de escol encarregavam-se de promover o progresso material, social e intelectual no orbe terrestre, sacrificando-se fiéis aos anseios de iluminação.

Os objetivos da liberdade alcançada desde os dias sangrentos de 1789, com a queda da Bastilha e os movimentos que a seguiram, facultavam o florescimento da verdadeira fraternidade entre todos, igualando-os em relação aos direitos e aos deveres que lhes diziam respeito, pelo menos teoricamente.

Respiravam-se novos ares sem os tóxicos dos preconceitos e da intolerância religiosa, que cedia ante o vigor das conquistas incomparáveis da evolução que diariamente chegavam às massas sofridas...

A arrogância de Napoleão III, em França, refletindo a dominação clerical, que teimava em prosseguir soberana, graças aos vínculos com Roma, que apoiava governos usurpadores e perversos na Europa, assinalava o declínio do Velho Mundo de ostentação e privilégios, a fim de que os vexilários^[41] do amor e da paz abrissem clareiras na imensa noite

amedrontadora.

Os Espíritos, considerados mortos, romperam o apavorante silêncio a que foram relegados e proclamaram os lídimos ensinamentos do Cristo como fundamentais à vida, bem como à própria imortalidade, restaurando a pulcritude do Evangelho que houvera sido gravemente adulterado, desse modo despertando as consciências para a vivência da concórdia, do bem e da caridade...

Os paradigmas científicos do Espiritismo revestiam-se do vigor indispensável ao enfrentamento com o materialismo de Friedrich Engels e de Schopenhauer, de Marx e de Nietzsche, revitalizando a ética centrada na Boa-nova, conforme Jesus e os Seus primeiros discípulos a haviam vivido.

Era um renascimento da Palavra e um reencontro com a Verdade, que houvera perdido o brilho, empanada pelos dogmas ultramontanos e a Teologia partidária, elaborada apenas para atender aos interesses mesquinhos e subservientes aos poderosos que, às vezes, eram também submetidos ao talante do seu atrevimento.

Permitindo-se investigar até a exaustão, os imortais confabularam com as criaturas terrestres, oferecendo-lhes explicações seguras sobre a vida, seus objetivos, os problemas do sofrimento, do destino, do ser humano...

Nunca, até então, uma Doutrina abrangia tantos temas e questões porque, afinal, não procedia de uma pessoa, mas de uma equipe de pensadores como João Evangelista, Paulo, o Apóstolo, Santo Agostinho, Descartes, Lacordaire, Cura d'Ars, São Luís de França, Joana d'Arc, Henri Heine, Fénelon, para citar apenas alguns poucos, todos sob a inspiração de Jesus Cristo...^{42}.

Essa trilogia sintetizada num bloco monolítico — Ciência, Filosofia e Religião - deveria enfrentar o futuro, acompanhando o progresso, aceitando todas as suas conquistas, mas as interpretando com discernimento apurado, porque *estuda as causas, enquanto as ciências estudam os seus efeitos*.

Um século e meio quase transcorrido, após o surgimento de *O Livro dos Espíritos*, em Paris, a 18 de abril de 1857, a Doutrina resistiu a todas as investidas da cultura científica, tecnológica, filosófica, permanecendo vigorosa e insuperável como no instante da sua consolidação.

O Movimento Espírita espalhou-se por diversas nações terrestres, apresentou escritores, médiuns, oradores e conferencistas, pedagogos, psicólogos, médicos e advogados, juizes e desembargadores, entre muitos outros profissionais, todos incorruptíveis, que deixaram um legado honorável, mas que, infelizmente, em alguns dos seus bolsões, não está sendo dignamente preservado.

Os atavismos ancestrais, em diversos espíritas, que se elegeram ou foram eleitos líderes por si mesmos, no entanto, não têm suportado o peso da responsabilidade pela execução do trabalho que lhes diz respeito, e, preocupados injustamente com o labor organizacional, vêm-se desviando dos conteúdos inofensíveis da Doutrina, qual fizeram ontem em relação à Mensagem cristã, que transformaram em romanismo...

Às preocupações em torno da caridade fraternal em referência aos infelizes de todo porte, entregam-se à conquista de patrimônio material e de projeção social, vinculando-se a políticos de realce, nem sempre portadores de conduta louvável, para partilharem das migalhas do mundo em detrimento das alegrias do Reino dos Céus.

Substituem a simplicidade e a espontaneidade dos fenômenos mediúnicos por constrictões e diretrizes escolares que culminam, lamentavelmente, com a diplomação de médiuns e de doutrinadores, que também alcançam os patamares teológicos da autofascinação.

Exigências descabidas e vaidosas agridem a simplicidade que deve vigor nas sociedades espíritas, antes desvestidas de atavios ditos tecnológicos e atuais, que eram vivenciados pela tolerância e bondade entre os seus membros.

Ao estudo sério dos postulados doutrinários, sucede-se a chocarrice e o divertimento em relação ao público que busca as reuniões, em atitudes mais compatíveis com os espetáculos burlescos do que com a gravidade de que o Espiritismo se reveste.

O excesso de discussões em torno de questões secundárias toma o tempo para análise e reflexão em relação aos momentosos desafios sociais e humanos aos quais o Espiritismo tem muito a oferecer.

A presunção e a soberba elegem delineamentos e condutas que recordam aqueles formulados pelos antigos sacerdotes, e que ora pretendem se encarreguem de definir os rumos que devem ser tomados pelo Movimento, após reuniões tumultuadas com resíduos de mágoas e animosidades maldisfarçadas.

Ouvem-se as mensagens dos benfeitores espirituais, comovendo-se com as suas dissertações, e logo as abandonando, dominados pela alucinação da frivolidade.

Apegam-se ao poder, como se fossem insubstituíveis, esquecidos de que as enfermidades e a desencarnação os desalojam das funções que

pretendem preservar a qualquer preço.

O tecnicismo complicado vem transformando as instituições em empresas dirigidas por executivos brilhantes, mas sem qualquer vínculo com os postulados doutrinários...

Divisões que se vão multiplicando por setores, por especializações, ameaçam a unidade do corpo doutrinário, olvidando-se daqueles que não possuem títulos terrestres, mas que são *pobres de espírito, simples e puros de coração*, em elitismo injustificável.

Escasseiam o amor, a compaixão e a caridade...

Críticas sórdidas, perseguições públicas, malquerenças grassam, onde deveriam vicejar o perdão, o bem-querer, a compreensão fraternal, a caridade sem jaça.

Não se dispõe de tempo, consumido pelo vazio exterior, para a assistência aos sofredores e necessitados que aportam às casas espíritas, relegados a segundo plano, nem para a convivência com os pobres e desconhecedores da Doutrina, que são encaminhados a cursos, quando necessitam de uma palavra de conforto moral urgente...

Os corações enregelam-se e a fraternidade desaparece.

O Cristianismo resistiu bravamente a trezentos anos enquanto perseguido e odiado, até o momento em que o imperador Constantino o vilipendiou, no dia 13 de junho de 313, mediante o Édito de Milão, que o tornou tolerado em todo o império romano, descambando posteriormente para *religião do Estado*, em olvido total às lições de Jesus Cristo, passando, depois, de perseguido a perseguidor...

O Espiritismo ainda não completou o seu sesquicentenário de

surgimento na Terra e as mesmas nuvens borrascosas ameaçam-no de extermínio, por invigilância de alguns dos seus profitentes...

É hora de estancar-se o passo na correria desenfreada em busca das ilusões, a fim de fazer-se uma análise mais profunda em torno da Doutrina Espírita e dos seus objetivos, saindo-se das brilhantes teorias para a prática, a vivência dos ensinamentos libertadores.

Não é momento para escamotear-se a realidade, em face do anseio para conseguir-se, embora rapidamente, o brilho momentâneo dos holofotes, como se blasona com certa mofa, em relação aos que disputam as glórias terrestres.

Menos competição e mais cooperação, deve ser a preocupação de todos espíritas sinceros, a fim de transferir a Doutrina para as futuras gerações, conforme a receberam do codificador e dos seus iluminados trabalhadores das primeiras horas.

Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos obreiros da última hora, conforme proclamou o Espírito protetor Constantino, em O Evangelho segundo o Espiritismo ^{43}

Não vos esqueçais!

Estais comprometidos, desde antes da reencarnação, com o Espiritismo que agora conheceis e vos fascina a mente e o coração.

Tende cuidado!

Evitai conspurcá-lo com atitudes antagônicas aos seus ensinamentos e imposições não compatíveis com o seu corpo doutrinário.

Retornar às bases e vivê-las qual o fizeram Allan Kardec e todos aqueles que o seguiram desde o primeiro momento, é dever de todo espírita

que travou contato com a Terceira Revelação judaico-cristã, porque o tempo urge e a hora é esta, sem lugar para o campeonato da insensatez.

Vianna de Carvalho e outros Espíritos-espíritas. ^{44}

DÉCIMA SEGUNDA CARTA

O culto religioso é uma legítima homenagem prestada à Onipotência; é a elevação da alma em direção ao seu Criador, a relação natural e essencial do homem com Deus. As práticas desse culto são úteis; as aspirações que elas suscitam, a poesia consoladora que daí emana, são um sustentáculo para o homem, uma proteção contra suas paixões. No entanto, para falar ao espírito e ao coração do crente, o culto deve ser discreto em suas manifestações; deve renunciar a um aparato de riqueza material sempre nocivo ao recolhimento e à prece. Não deve deixar nenhum lugar para as superstições pueris. Simples e grande em suas formas, ele deve dar a impressão da divina majestade.

Léon Denis

(Cristianismo e Espiritismo - Cap. VII)

Rio, 06 de setembro de 1967.

Querido amigo e irmão Divaldo:

Paz e saúde é o que desejo a você e seus entes queridos.

Recebi sua atenciosa carta de 18.6, e apesar de ser resposta à que eu escrevera anteriormente, decidi escrever novamente a fim de trocarmos mais algumas ideias. Nos dias atuais, quando tantas tristezas amarguram os nossos corações, o convívio com os irmãos de crença torna-se um verdadeiro bálsamo, grato refúgio que nos reconforta de algum modo.

Sua carta é muito interessante, pois as notícias do que você presenciou aí, nos ambientes espíritas, confirmam os avisos que os guias me concederam em 1959. Estou solidária com você e aqui deponho o meu apoio moral na medida tomada por você. Embora drástica, essa medida era a única acertada. A bem do decoro da Doutrina Espírita, não é mais possível aos espíritas dignos e sinceros condescenderem com as displicências, os abusos que os fariseus e os falsos profetas transportaram do mundo decadente para os cenáculos que devem ser sagrados. Não creia, Divaldo, que a sua atitude, suspendendo as reuniões, fosse exagerada. No tempo em que os espíritas respeitavam os Centros onde se praticava a comunhão com o Alto, os próprios Guias Espirituais tomavam essa medida por motivos muitíssimos menores. Creio até que você foi inspirado no modo de agir, e se os demais orientadores imitassem o seu gesto, em breve estariam moralizados os nossos ambientes. Os jovens dizem, sim, que os velhos são “quadrados”, ignorantes, antiquados, ultrapassados, retrógrados. Mas, com toda a “sapiência” deles, ainda não foram capazes de compreender que os velhos depuseram nas mãos deles o Consolador imaculado, conforme foi recebido do Alto, uma moral divina, o respeito e a veneração, e eles tudo têm deturpado porque o que desejam não é a verdade divina que receberam, mas sim os gozos do mundo. É o conceito que faço deles, com algumas exceções onde você é uma delas. No Espiritismo sempre existiram jovens trabalhando de boa vontade, mas somente os atuais têm levado para o seio da Doutrina o abastardamento e a decadência que temos visto. Faço votos, portanto, Divaldo, para que você, com a autoridade que todos lhe reconhecem, não esmoreça na sua atitude, porque condescender com o que se passa é um crime perante os postulados da Doutrina dos Espíritos. Conversei com o Newton Boechat a respeito da sua carta. Ele louvou a sua atitude, e como está fazendo, agora, uma série de

palestras no Sul de Minas, disse que procurará combater esses hábitos infelizes que transformaram os ambientes espíritas em clubes de arte barata e antro de politicagem e subversão. Quanto a mim, você sabe qual tem sido a minha atitude. Por muito conhecer a Doutrina, pelos 41 anos de trabalhos consagrados a ela e por conhecer profundamente a opinião dos Guias Espirituais sobre esses fatos, sou absolutamente contrária a toda e qualquer inovação (artimanhas obsessoras, dos inimigos da Luz) que tenda a transformar os nossos cenáculos de amor, de trabalho e de luz em picadeiro de circo. Disso não faço mistérios, e minha atitude é tal que não visitarei sequer os núcleos onde tais profanações se realizam. É a “corrupção no seio dos santuários”, Divaldo, de que nos preveniu Jesus. Resta-me o consolo de nunca ter incentivado essa corrupção. Minha consciência está tranquila.

Agora uma consoladora notícia para você: tenho um irmão, o mais velho de todos, que está gravemente doente, hospitalizado aqui no Rio. Por pouco ficaria sem as duas pernas, as quais, atacadas pela arteriosclerose, seriam amputadas, se não fosse a misericórdia divina. Esse irmão, têm sido ímpio, tais os erros que já cometeu, não obstante o bem que também já praticou. Não queria saber de Doutrina, criticava abertamente, e muito já sofri com ele. Agora, no entanto, hospitalizado, Amália levou um livro seu, o último que você ofereceu a ela, com o retrato de Kardec na capa. Não me lembro o nome, porque ainda não o li. A mulher dele faz a leitura desse livro para ele ouvir, porque ele não pode ler. Está encantado com as lições, acha-as sublimes e é em lágrimas que ouve a leitura. Note-se que esse meu irmão é muito culto, jornalista, escritor, com três livros publicados (regionalismo fluminense) orador, etc., muito, muito lido! Como você vê, tudo tem o seu dia... e o seu livro é que está guiando esse homem para as verdades espirituais. Louvado seja Deus!

Li a comunicação do Dr. Bezerra em Reformador,^[45] Não há nada como um

dia após o outro. Muito boa e bela a comunicação, duplamente consoladora para todos nós. Que Deus abençoe as suas faculdades e o seu trabalho, caro irmão, multiplicando as suas possibilidades para os serviços do Bem.

Tinha ainda muito a dizer. Mas esta já vai longa e não desejo tomar o seu tempo.

Amália, César e filhos agradecem as recomendações e as retribuem com a estima de sempre. Recomenda-me aos seus familiares queridos e aceita o abraço fraterno e a constante estima da irmã de sempre,

Yvonne.



Bastante crítica quanto ao modo com que a arte chegava nas casas espíritas, Yvonne denuncia a existência de uma profanação a elas e não via beleza nem presença de conteúdos espíritas em certas apresentações feitas por alguns grupos jovens. Via nisto uma decadência e decerto não ignorava o quanto a arte feita com critérios, embasamento doutrinário e engajamento de jovens estudiosos poderia fazer pela divulgação do Espiritismo.

Afirma-se decepcionada, pois os mais velhos eram rotulados de quadrados, antiquados, ultrapassados e retrógrados, enquanto os mais novos não se mostravam valorizando a dádiva de ter o Consolador em suas vidas.

Diz que Newton Boechat concordava com ela e pretendia tomar atitudes mais viris como a que Divaldo havia tomado, de modo a evitar, segundo Yvonne, que centros espíritas se transformassem *em clubes de arte barata e antro de politicagem e subversão*. Para tal, alega os seus 41 anos de trabalho e dedicação ao ideal espírita e menciona o quanto a sua opinião era convergente com a dos guias espirituais.

Diz também que o Centro Espírita não é um picadeiro de circo e que tudo isso era resultado de artimanhas das trevas.

Menciona o quanto seu irmão resistente aos princípios espíritas estava sendo beneficiado pela leitura de uma obra mediúnica de Divaldo.

Ressalta a importância da Mensagem enviada por Dr. Bezerra e publicada na revista *Reformador*. Vê nisso um gesto de reconhecimento à sua produção mediúnica à luz da Doutrina Espírita.

Nesta mensagem a que alude Yvonne, Dr. Bezerra, num primeiro momento, nos faz refletir sobre o uso que antes fazíamos do conhecimento religioso e do nome de Jesus, muitas vezes para oprimir, dominar e obter vantagens pessoais. Em seguida, ressalta a importância de bem divulgarmos o Espiritismo, não poupando quaisquer recursos pessoais para que a Doutrina Espírita vá ao encontro de todos os que precisam conhecê-la.

Para isso, *o médico dos pobres* chega, inclusive, a mencionar a tribuna, a pena, a página espírita, o rádio, a televisão e até o cinema. Afirma, ainda, que ontem os templos que erguíamos atendiam ao nosso desejo de projeção, ostentação e vaidade, mas que o templo que naquele momento se planificava em Brasília tinha outros propósitos, como servir à causa da educação, da evangelização, do amor à luz da Terceira Revelação e tudo isso sob o pátio de Jesus.

Encerra abraçando a todos e refere-se a si próprio como o servidor humílimo.



No cap. XXIX de *O Livro dos Médiuns*, item 350, Allan Kardec menciona os efeitos esperados do conhecimento espírita que vamos

adquirindo e internalizando, deixando claro que não basta apenas e tão somente conhecermos, é preciso que tal conhecimento opere em nós uma transformação moral. Vejamo-lo:

“Se o Espiritismo, conforme foi anunciado, tem que determinar a transformação da Humanidade, claro é que esse efeito ele só poderá produzir melhorando as massas, o que se verificará gradualmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não faz que aquele que a tem se torne melhor, mais benigno e indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se se conserva cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja. Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar estacionária.”

Sugestão de leitura: *Obsessão/Desobsessão* — Suely Caldas Schubert
— Editora FEB.

DÉCIMA TERCEIRA CARTA

Há mil maneiras de se tornar útil, de vir em socorro de seus irmãos. O ouro não tarifa todas as lágrimas e não pensa todas as feridas. Há males para os quais uma amizade sincera, uma ardente simpatia, uma efusão da alma farão mais do que as riquezas.

Léon Denis

(Depois da morte, quinta parte - Cap. XLVII.)

*Rio, 13 de dezembro de 1968. Caríssimo
irmão Divaldo: Paz!*

*N*essa época tão comovente do Natal de Jesus, nosso amado Mestre, não era possível deixar de enviar-lhe o meu abraço de Boas-Festas e os sinceros votos para que o Ano-Novo seja portador de novas forças para o seu coração abnegado, votado ao serviço do Senhor.

Muita paz para o seu lar, muitas bênçãos e proteção dos Guias Espirituais é o que desejo a você, votos extensivos à sua veneranda mãe e todos os que lhe são caros ao coração.

Tenho recebido os postais que a sua gentileza me envia de toda parte, onde o chamam os labores do Consolador. O último, de 23.11.68, de Belo Horizonte, me sensibilizou também, levantando do coração as recordações da sua primeira visita. Lembro-me até de que você foi ao meu “tugúrio” com D. Dolores, e levou-me um ramalhete de flores, que você havia recebido na véspera dos irmãos que o ouviram

falar.

Deus o abençoe, Divaldo, pela bondade, pela sua dedicação aos amigos, pelo seu devotamento à sublime tarefa que o Céu confiou ao cuidado do seu grande coração.

Tenho acompanhado, comovida, a sua viagem de propaganda e instrução doutrinária aos iniciantes, necessitados de pão espiritual. E tudo feito discretamente, sem propagandas nos jornais, sem fotografos nem televisões, é mais valoroso, meu filho, e chega ao Céu mais depressa. Obrigada pelos postais e as notícias. Não tenho respondido porque não sabia ao certo o seu paradeiro, você, certamente, não receberia a correspondência.

O Zalmino^[46] pediu-me sua biografia e noticiário da sua obra aí na Bahia e por toda a parte, para a enciclopédia. Escrevi à Lygia a respeito.

Aqui tudo bem. Faço o que minhas forças permitem. Os livros, porém, ainda não foram para o prelo, mas já estou fazendo o 4º.

Muitas saudades e abraços de todos nós a você, querido irmão. Paz, saúde e bênçãos é o desejo da irmã de sempre,

Yvonne.



Sempre reconhecida e igualmente carinhosa, Yvonne não deixa de retribuir a atenção e a solicitude de que é objeto. E, como sempre, não deixa de enviar votos de estímulo para que o amigo não se detenha nos obstáculos, mas os supere, perseverando diligentemente.

Ressalta que a ausência da publicidade e dos holofotes é uma bênção, pois permite ao tarefeiro atuar no anonimato, sem os obstáculos e espinhos colocados por aqueles que, desejando ajudar, muitas vezes atrapalham.

Entre estes, encontram-se os bajuladores, que adulando de forma parasitária, esperam usufruir privilégios e benefícios com semelhante conduta.

Há também os que ao invés de *arregaçar as mangas* e fazerem o que lhes compete, ficam a distância invejando, censurando e procurando detalhes para criticar, intencionando desfigurar a bela sementeira que outros tentam fazer.

E o que dizer daqueles companheiros frios e indiferentes que preferem ignorar qualquer esforço alheio, qualquer destaque dado a esta ou àquela pessoa, pois já concluíram, falaciosamente, que são eles e mais ninguém as únicas e saudáveis referências de bons trabalhadores.

Quanto maior o destaque involuntariamente adquirido, maior será a soma de testemunhos que o trabalhador será chamado a dar.

Naturalmente, terá também alguns amigos sinceros que estarão a postos para ajudá-lo a triunfar, apoiando-o nas lutas de crescimento, sem, contudo, poupá-lo do cálice amargo que precisa sorver por servir ao Senhor.

Saudosa, recorda contente o primeiro encontro dos dois que se deu em Belo Horizonte e o ramalhete gentilmente ofertado por Divaldo naquela ocasião.

“Tenho recebido os postais que a sua gentileza me envia de toda parte, onde o chamam os labores do Consolador. O último, de 23.11.68, de Belo Horizonte, me sensibilizou também, levantando do coração as recordações da sua primeira visita.”

Menciona aspectos do seu trabalho com os livros e envia votos para que o amigo prossiga em seu caminho espalhando luzes aqui e acolá, sem deixar de acendê-las em si mesmo.

Ao mencionarmos as diferentes posturas dos que mais espalham do que ajuntam e mais depreciam do que estimulam, fizemo-lo com o fito de nos acautelarmos em relação a estes irmãos e simultaneamente verificarmos com atenção se não estamos incluídos nesta mesma postura.

E um equívoco concluir que o problema esteja apenas nos outros.

E preciso termos cuidado para não nos colocarmos no lugar de vítimas, julgando-nos incompreendidos o tempo todo, perseguidos, atacados injustamente e concluindo, desse modo, que estamos no caminho certo.

Também precisamos de uma autoanálise minimamente isenta para apreciar o que dizem as críticas equilibradas que nos são dirigidas, até para aprender com elas, revendo o que possa e deva ser revisto.

Em *O Livro dos Médiuns*, cap. III, item 28, primeira parte, Allan Kardec nos apresenta as classes de espíritas: *espíritas experimentadores, espíritas imperfeitos, espíritas cristãos ou verdadeiros espíritas e espíritas exaltados*. Reflitamos em torno desta categorização proposta pelo codificador:

“28. Entre os que se convenceram por um estudo direto, podem destacar-se:

1º Os que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos. Chamar-lhes-emos espíritas experimentadores.

2º Os que no Espiritismo veem mais do que fatos; compreendem-lhe a parte filosófica; admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. Insignificante ou nula é a influência que lhes exerce nos caracteres. Em nada alteram seus hábitos e não se privariam de um só gozo que fosse. O avaro continua a sê-lo, o orgulhoso se conserva cheio de si, o invejoso e ocioso sempre hostis. Consideram a caridade

cristã apenas uma bela máxima. São os espíritas imperfeitos.

3º Os que não se contentam com admirar a moral espírita, que a praticam e lhe aceitam todas as consequências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar pela senda do progresso, única que os pode elevar na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e coibir seus maus pendores. As relações com eles sempre oferecem segurança, porque a convicção que nutrem os preserva de pensarem em praticar o mal.

A caridade é, em tudo, a regra de proceder a que obedecem. São os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos.

4º Há, finalmente, os espíritas exaltados. A espécie humana seria perfeita, se sempre tomasse o lado bom das coisas. Em tudo, o exagero é prejudicial. Em Espiritismo, infunde confiança demasiado cega e frequentemente pueril, no tocante ao mundo invisível, e leva a aceitar-se, com extrema facilidade e sem verificação, aquilo cujo absurdo, ou impossibilidade a reflexão e o exame demonstrariam. O entusiasmo, porém, não reflete, deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. (...)"



Sugestão de leitura:

Recordações da mediunidade — Yvonne do A. Pereira — Editora FEB.

DÉCIMA QUARTA CARTA

A maioria dos homens diz amar o estudo e objeta que lhe falta tempo para a isso se dedicar. Entretanto, muitos dentre eles, consagram noites inteiras ao jogo, às conversações ociosas. Replica-se, também, que os livros custam caro e, entretanto, despende-se em prazeres fúteis e de mau gosto mais dinheiro do que seria necessário para se compor uma rica coleção de obras. E, além disso, o estudo da Natureza, o mais eficaz, o mais reconfortante de todos, não custa nada.

Léon Denis

(Depois da morte, quinta parte - Cap. LIII)

*Rio, 25 de maio de 1970. Querido
irmão Divaldo: Paz!*

E spero que, ao receber esta carta, você esteja completamente recuperado da enfermidade que ultimamente o atingiu. A Celeste esteve aqui anteontem e disse-me da gravidade do mal. Que Jesus o ampare, caro Divaldo, fortalecendo sua preciosa saúde, a bem de todos nós. Você não pode adoecer, Deus há de permitir que tal não aconteça mais.

Recebi sua carta de 11 do corrente, a qual, como sempre, foi uma satisfação para todos nós. Fico à sua espera para as conversações programadas. Estimo que você tenha novas obras em preparo. A obsessão é assunto muito complexo mesmo, não há dois casos parecidos, ou antes, iguais, e a sua cura depende também muito

do merecimento do paciente. Às vezes, este, assim sofrendo, está se redimindo mais rapidamente. Outro escolho para a cura é a qualidade dos médiuns. O modo pelo qual hoje os médiuns são desenvolvidos como que anula em oitenta por cento as suas possibilidades de transmissão. Enfim, é assunto que requer muita prática, muita experiência vivida pessoalmente, que só os médiuns poderão esclarecer um pouco melhor. Você tem razão. Há tanta displicência na prática do Espiritismo, hoje em dia, que chega a entristecer! O melhor é seguir o conselho de Dr. Bezerra: Fazer a nossa parte o mais perfeitamente possível.

Mas... espero sua próxima visita para conversarmos melhor.

Recebi também o “Lampadário Espírita” que sua gentileza me ofereceu. Muito obrigada, Divaldo, Deus o abençoe! O livro está muito bom, doutrina legítima, muito bem escrito, excelente para os estudos em o “Culto do Evangelho no Lar”. Dou-lhe os parabéns, esperando que Jesus o ilumine sempre para novas produções. Creio que a sua publicação pela FEB agradou muito. As pessoas com quem conversei a respeito mostraram-se muito satisfeitas. Entreguei à Amália o exemplar endereçado a ela. Ficou muito sensibilizada e vai escrever a você. Também ela está gostando muito e vai utilizá-lo nas reuniões do nosso culto.

Estamos programando a sua temporada aqui. Celeste está se desdobrando com todo empenho e carinho. Creio que dará tudo certo, a contento de todos.

Divaldo, não se acanhe de vir conversar comigo. Eu não me ocupo em nada mais, a não ser em Doutrina. Estarei, portanto, ao seu dispor. Aos domingos é que não convém. Os filhos passam o dia todo aqui, a criançada faz barulho e não se consegue ter sossego. Mas de segunda-feira a sexta é silencioso e calmo.

Finalizo enviando abraços a você e aos caros irmãos que o cercam. Não desejo tomar o seu precioso tempo. Fico, pois, aguardando a sua presença. Venha

passar o dia todo. Amália é uma edição de “Marta”, saberá tratá-lo bem.

Deus o abençoe, Jesus o inspire sempre, é o desejo da irmã que lhe deseja todo o bem do céu e da Terra,

Yvonne.



Vemos neste comentário de Yvonne sobre a saúde de Divaldo e também quando comenta sobre sua própria condição o quanto a mediunidade não nos isenta de problemas de saúde.

O médium está na Terra sujeito às mesmas leis e condições que qualquer outra criatura, sem privilégio algum. No entanto, dependendo da dedicação consagrada ao estudo, a seriedade e a firmeza com que atue mediunicamente e também os esforços sinceros que empreenda para se transformar e ser útil, naturalmente se credencia a receber um suporte de energias que lhe permitam dar conta dos seus compromissos com equilíbrio.

Em muitos casos, pode receber até “moratória”, que em síntese é uma dilatação do seu tempo de vida encarnado, em virtude da natureza da tarefa que exerça, do modo como a exerça e da importância desta junto à coletividade.

Mas o fato é que a mediunidade e a assistência espiritual não substituem a necessidade de comer, dormir, tomar remédios, fazer exercícios, realizar exames periódicos, ter horas de lazer etc.

Yvonne menciona o livro *Lampadário Espírita*, escrito pelo Espírito Joanna de Angelis e publicado pela FEB. Ressalta a sua qualidade doutrinária, afirmando que pretendia utilizá-lo também no culto do evangelho no lar.

Um “lâmpadário” é uma espécie de suporte ou candelabro no qual se pode colocar várias velas ou lâmpadas para que a iluminação do ambiente seja maior. Podemos dizer que a Doutrina Espírita é um grande lâmpadário e que os bons livros, de encarnados e desencarnados, são luzes preciosas ajudando-nos a enxergar melhor os caminhos por onde andam nossos pés.

Esta obra, publicada em 1970, contém 60 capítulos, todos nos remetendo ao estudo de *O Livro dos Espíritos* e de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Também em 1970 foi publicado o livro *Nos bastidores da obsessão*, de autoria do Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Aliás, dos 14 livros mediúnicos de Divaldo publicados pela FEB até o presente momento, cinco deles são deste Espírito que se especializou em atuar em processos obsessivos.

Estudiosa e atenta, ressalta a singularidade dos processos obsessivos dizendo que muitas vezes, nesses processos breves ou longos, encontra-se a necessidade de reajustamento tanto de quem sofre o assédio quanto daquele que o deflagra, pois quem hoje persegue normalmente ontem foi perseguido. Ambos, portanto, obsessor e obsidiado, necessitam transformar-se, e o auxílio da terapêutica espírita, que é a desobsessão, deverá ser direcionado aos dois. Porém, sem o empenho do encarnado em se melhorar de verdade e com sinceridade, dificilmente se logra êxito nesse tentame.

Lamenta o modo como o chamado desenvolvimento mediúnico se processa em boa parte das casas espíritas que conhecia, afirmando que “o modo pelo qual hoje os médiuns são desenvolvidos como que anula em oitenta por cento as suas possibilidades de transmissão””

Muito criteriosa, sempre questionou as exigências muitas vezes absurdas de tempo de estudo para que alguém pudesse um dia praticar a mediunidade. Para ela, isso, muitas vezes, desanimava qualquer candidato. E nunca defendeu o abandono do estudo, mas simultâneo a este, o exercício preliminar, as tentativas, para que a teoria fosse sendo verificada e validada a partir da prática consciente e bem-orientada por dirigentes maduros e, sobretudo, pelas páginas luminosas de *O Livro dos Médiuns*.

A este respeito, há um comentário de Divaldo muito interessante na obra *Em nome do Amor - A mediunidade com Jesus*, 1ª ed., páginas 33 e 34, livro também da FEB, vejamos:

“O gabinete da mediunidade é um gabinete de substâncias químicas muito perigosas, é necessário adestrar, informar o indivíduo a respeito daquilo que vai enfrentar. Mas tem ocorrido um pouco de exagero, quando se diz que é necessário fazer o curso de quatro anos e, naturalmente, quase diplomar a pessoa em mediunidade.

Não temos, é obvio, nada contra essa exigência, somente lamentamos que alguns levam muito ao pé da letra a necessidade de um currículo de quatro anos. Enquanto isso, a pessoa enlouquece, vai para o eletrochoque, para os barbitúricos, porque ninguém consegue controlar essas forças apenas estudando a primeira fase, a segunda fase, a terceira fase, a quarta fase.

É claro que os cursos são necessários. Mas o que era feito dos médiuns no começo? Como é, qual foi o curso frequentado por Chico Xavier, por Yvon ne do Amaral Pereira e por milhares e milhares de médiuns?

Então, nós deveremos, quando as pessoas têm mediunidade caracterizada, perfeitamente definida, orientar, levar aos cursos, mas também ao exercício, à

prática, ao desenvolvimento, à educação da faculdade. Enquanto está estudando os valores da mediunidade, também deve exercitá-la, para poder disciplinar e ter cabeça para entender o curso. (...) É necessário que transformemos o Centro Espírita numa escola, mas não numa academia, nem numa universidade, a ponto de em alguns lugares dar-se diploma e dar-se também anéis de conclusão de curso de médiuns. Onde vamos parar? É uma deturpação, sem dúvida, dos postulados da Doutrina Espírita. (...)”

Encerra sua missiva com o convite fraterno para que Divaldo lhe faça uma visita, prometendo, inclusive, que sua irmã Amália, uma versão moderna da figura evangélica, estaria a postos para bem servi-lo. E desejava tanto esta visita que diz: “venha passar o dia todo”.

Enquanto pôde e como pôde, Yvonne não fez apenas a sua parte, fez o melhor que podia para desincumbir-se com disciplina, respeito e amor da tarefa que lhe foi confiada. E tão bem a fez, que se tornou uma referência positiva no trato com a mediunidade, no estudo do Espiritismo e na vivência evangélica dos seus postulados.

Como em sua carta há um questionamento sobre o modo como se processa o chamado desenvolvimento ou educação mediúnica e também se levando em conta os comentários de Divaldo que inserimos neste capítulo, vale a pena relermos um trecho de *O Livro dos Médiuns*, logo na sua introdução.

“Enganar-se-ia igualmente quem supusesse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. Se bem cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que a ninguém é dado

conseguir se verifiquem à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não fazem que se tornem poetas, pintores, ou músicos os que não têm o gênio de alguma dessas artes. Apenas guiam os que as cultivam, no emprego de suas faculdades naturais. O mesmo sucede com o nosso trabalho. Seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um, e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de modo útil, quando ela exista. Esse, porém, não constitui o fim único a que nos propusemos. ”

E depois, no capítulo XVII da segunda parte, deparamo-nos com o tópico *Desenvolvimento da Mediunidade*.

Temos assim bastante material para estudo. Só nos resta então dedicação, tempo, prioridade, disciplina e não só estudos e reflexões individuais, mas também coletivas, reflexões oportunizadas pelos grupos de estudos existentes nos centros espíritas. É no aprendizado coletivo facultado pelo estudo sistematizado que diminuímos a nossa margem de equívocos, diminuímos apenas...



Sugestão de leitura:

Nos domínios da mediunidade — Francisco Cândido Xavier/André Luiz
(Espírito) - Editora FEB.

DÉCIMA QUINTA CARTA

Graças aos estudos psíquicos, aos fenômenos telepáticos, estamos pelo menos aptos a compreender, desde agora, que nossas faculdades não estão limitadas aos nossos sentidos. Nosso espírito pode irradiar além do nosso corpo; pode receber as influências dos mundos superiores, as impressões do pensamento divino. O apelo do pensamento humano é ouvido pelo pensamento divino; a alma, rompendo as fatalidades da carne, pode lançar-se na direção desse mundo espiritual que é sua herança, seu domínio futuro.

Léon Denis

(O grande enigma: Deus e o Universo, primeira parte - Cap. VIII)

Rio, 29 de dezembro de 1971.

Querido amigo e irmão Divaldo:

Feliz Ano-Novo!

*E*spero em Deus que você tivesse um bom Natal e que o ano de 1972 seja portador de muita paz, saúde e recompensas felizes ao esforço que você sempre faz por bem servir a Doutrina.

Há muito tempo estou para escrever-lhe, pois creio que você não recebeu a carta que mandei logo após seu regresso da África⁽⁴⁷⁾. No dia em que você telefonou, eu havia saído, estava fazendo um tratamento no Centro Fabiano. Mas Amália disse-me das novas amarguras que o fazem sofrer, com essa inqualificável perseguição. Penso, caro Divaldo, que tudo isso, em sendo obra das trevas, é

também glória para você e por isso você não se deve acabrunhar. Ninguém persegue uma coisa que não tenha valor. Eu gostaria muito de conversar com você a respeito disso. Parece que envolveram meu nome nesse caso. Mas eu repeli com veemência a quem me procurou e nada mais fiz do que justiça, pois sinceramente afirmo que nenhum livro seu é parecido com algum meu. Recebi, com efeito, correspondência nesse sentido e também visitas, mas você sabe que eu uso sempre de franqueza e respondi o que era necessário, como fiz das outras vezes. Não se incomode, pois, com essas intrigas das trevas e continue trabalhando conforme Deus o inspirar, pois o seu trabalho é sagrado e muito belo, e você deve colocá-lo acima de tudo. Agora quiseram também indispor a FEB comigo. Eu fui diretamente a Dr. Armando^{48} e esclareci tudo. Não acolho intrigas de quem quer que seja. Não escrevi há mais tempo a você porque venho lutando contra um esgotamento nervoso, que me surpreendeu, que descambou até para a neurastenia.^{49} Fiquei incapaz até de escrever uma carta, parei com os trabalhos, nada podia ler. Agora estou melhor, mas nem de casa posso sair, tenho medo dos ônibus e das pessoas. Estou necessitada é de morrer, Divaldo, preciso de uma renovação em regra.

Aqui fica, pois, a minha solidariedade a você nesse infeliz caso, assim como de todos os meus. Acredite em nossa lealdade, pois é sincera, e não se importe com os uivos das trevas. Prossiga em seu trabalho, caro irmão, pois Jesus ainda precisa de você.

Que Deus lhe conceda paz no decorrer de 1972 são os nossos votos. Aceite o abraço amigo da irmã de sempre que muito o considera,

Yvonne.

*

Divaldo informa a Yvonne, por intermédio de Amália, sua irmã, de

novas perseguições em torno da sua pessoa, do seu trabalho no campo psicográfico.

Yvonne deixa claro ao amigo o repúdio que sempre deu e seguirá dando a esse tipo de comportamento da parte de quem quer que seja. Que não adota nem chancela esse tipo de conduta leviana. Afirma ter ido conversar com o presidente da FEB, externando a este o que pensava.

Exorta o amigo a prosseguir e a enxergar nesses ataques estímulos para a continuidade do seu trabalho, pois se este fosse destituído de valor, certamente passaria despercebido por parte de encarnados e desencarnados, o que nunca ocorreu. Por esta razão as incompreensões, a inveja e o despeito, a indiferença e a crítica ferina, tudo como parte do “pacote” de provas e expiações capazes de lapidar Divaldo, que sempre se viu um Espírito com dívidas a serem saldadas principalmente com a sua própria consciência.

Em sua singularidade, nunca se enxergou melhor nem pior do que ninguém, sempre se reconhecendo um Espírito em evolução, com erros e acertos, virtudes e imperfeições.

E segue dando o melhor que pode e possui, ainda hoje sem agradar a todos como ocorre com qualquer um de nós.

Yvonne menciona mais uma vez o quanto estava esgotada e prostrada, sem energia para fazer nada, chegando a dizer que seria melhor partir caso assim permanecesse.

Sabia, porém, que não era a chegada a hora, mas talvez não soubesse que ainda iria produzir por mais de uma década.

Vivia o desgaste, o enfado, as dificuldades de uma *ex-suicida* em dar

prosseguimento a sua tarefa e já com uma idade avançada para aquela época. E mesmo combatida ainda conseguia dizer para o companheiro mais novo que não parasse: “(•••) *não se importe com os uivos das trevas. Prossiga em seu trabalho, caro irmão, pois Jesus ainda precisa de você.*”

E por ouvir Dona Yvonne, Joanna de Angelis e outros Espíritos amigos, Divaldo tem prosseguido em seu labor altruísta e humanitário, mesmo sendo perseguido, mesmo sem agradar a todos e à revelia disso tudo, espelhando-se em Francisco de Assis e Jesus.

Em *O Livro dos Médiuns* vamos encontrar Allan Kardec analisando no capítulo XXIV, item 268, como devemos proceder para identificar a natureza de um Espírito comunicante, mas ousaríamos dizer que em muitos momentos é perfeitamente possível aplicar certos critérios de análise propostos pelo codificador também para o que nos dizem certos Espíritos encarnados.

“1ª Por que sinais se pode reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?

Pela linguagem, como distinguis um doidivanas de um homem sensato. Já dissemos que os Espíritos superiores não se contradizem nunca e só dizem coisas aproveitáveis. Só querem o bem, que lhes constitui a única preocupação.

Os Espíritos inferiores ainda se encontram sob o influxo das ideias materiais; seus discursos se ressentem da ignorância e da imperfeição que lhes são características. Somente aos Espíritos superiores é dado conhecer todas as coisas e julgá-las desapaixonadamente.”

Como é difícil a qualquer um de nós julgar qualquer fenômeno, comportamento, ideia, livro, comunicação mediúnica, música, arte, etc.

desapaixonadamente.

Não digo ser neutro, pois neutralidade é uma utopia, mas procurar analisar os fatos com mais equilíbrio, reunindo maiores evidências, detalhes e certezas que somente a experiência e o amadurecimento podem trazer, pois muitas vezes não basta apenas o conhecimento. E preciso dar a esse conhecimento um toque de sensibilidade.

Não estamos proibidos de expressar um juízo, mas devemos fazê-lo com cuidado para não sentenciarmos o companheiro sem direito a nenhum recurso ou apelação. Precisamos fazê-lo analisando como gostaríamos de que fosse o procedimento alheio conosco caso estivéssemos no lugar de quem estamos avaliando.

Um juízo provisório é quase que inevitável de ser feito em relação a tudo: um lugar, uma comida, um livro, uma viagem, uma música e por aí vai. O problema é quando cristalizamos uma primeira impressão ou endossamos de maneira a crítica e infundada o que ouvimos de alguém. Achamos tudo isso muito normal e natural, mas quando o fazem conosco, indignamo-nos, vitimamo-nos e às vezes até agredimos verbalmente os demais.

Não é nada fácil autoanalisarmo-nos de maneira desapaixonada, pois, via de regra, julgamo-nos irrepreensíveis e acima de qualquer suspeita quando o assunto é conhecimento doutrinário, exercício mediúnico e vivência evangélica, o que já evidencia a presença do chamado “orgulho de ser humilde”.

Esse orgulho muitas vezes se veste de modéstia, mas oculta certa presunção. Afirma amar o anonimato, mas aspira por visibilidade e

projeção.

São as máscaras que nos ocultam daqueles com os quais convivemos, mas não nos ocultam de nós mesmos nem dos Espíritos que nos conhecem e sabem quem verdadeiramente somos.

Não temos o direito de depreciar ninguém sem conhecer o caráter, as lutas e as intenções de quem se encontra na berlinda dos nossos e dos comentários alheios.

É assim que o Evangelho à luz do Espiritismo nos ensina e nos propõe.

Sugestão de leitura:

Allan Kardec e o Centro Espírita — Adilton Pugliese - Editora LEAL.

DÉCIMA SEXTA CARTA

Através da verdadeira prece, a prece improvisada, a que não comporta fórmulas, a alma atira-se em direção às regiões superiores; ela aí haure forças, luzes; ela aí encontra um sustentáculo que aqueles que menosprezam Deus e a comunhão com ele não podem conhecer nem compreender. Orar, é voltar-se para o Ser eterno, é expor-lhe nossos pensamentos e nossas ações, para submetê-los à sua lei e fazer da sua vontade a regra de nossa vida; é obter, por isso mesmo, a paz do coração, a satisfação da consciência, numa palavra, esse bem interior que é o maior, o mais imperecível de todos os bens!

Léon Denis

(O grande enigma: Deus e o Universo, primeira parte - Cap. VIII)

Rio, 1º de janeiro de 1975.

Caro irmão Divaldo:

Paz em Jesus!

***E**stou agradecendo os votos de Boas-Festas e o belo postal que sua bondade entendeu enviar-me.*

Espero que você tivesse um excelente Natal e que o Ano Novo lhe seja propício em bênçãos do Alto, favorecendo-o em novas realizações na seara do Mestre.

Como sempre, não o esquecemos em nossas preces e o temos sempre no coração com muito carinho.

De saúde é que não vou muito bem. Tenho estado desanimada, e o coração parece que não está bem, assim acusou o eletrocardiograma de que precisei; e em setembro até fracturei uma perna, o que me levou a passar 45 dias engessada. Mas graças a Deus estou bem, tendo sido amparada pela bondade dos amigos espirituais.

Nosso Natal não foi muito bom, querido Divaldo. Imagina que o marido de minha sobrinha Beatriz morreu afogado na Barra da Tijuca, no próprio dia de Natal. Ainda saiu com vida das águas, mas não se recuperou. Foi uma dor muito grande para nós. Ele foi sempre um sofredor, coitadinho. Peço a caridade de suas preces por ele, deve ser muito necessitado. Chama-se José Carlos Fernandes de Oliveira e deixa a filhinha com 2 anos e meio de idade.

As novidades são muitas, mas não cabem numa carta. A Maria Lúcia, de Volta Redonda, esteve aqui ontem, com o marido, transmitindo-me o seu abraço, que agradeço. O caso está sanado, tudo em paz... e não é verdade que ela quisesse o suicídio, houve muitas intrigas em torno do assunto.

Amália, César e os demais familiares enviam abraços de Boas-Festas, com sinceros votos de felicidades e paz no decorrer de 1975.

Despede-se fraternalmente a irmã de sempre que o estima e considera sinceramente,

Yvonne Pereira.

** Grata pela linda mensagem “Alegrias do Natal”.*

Ainda que com a saúde abalada e a perna que estivera engessada, nossa companheira informa a Divaldo que se sentia amparada.

Esse amparo ela teve por toda a vida, em momentos difíceis e delicados, em instantes de solidão e dor, nos quais se viu tendo que dar testemunho da sua fé. Testemunhos silenciosos, banhados em lágrimas que

precisou verter a fim de se aprimorar e se corrigir das culpas que lhe pesavam na consciência.

A dor foi uma companheira permanente em sua jornada e com ela se redimi de inúmeros equívocos, pautando sua vida dentro de um padrão de retidão, disciplina e amor.

Perseverante, porfiou confiante até o fim.

Mesmo com a saúde comprometida e o humor tantas vezes abalado, não se deteve e seguiu carregando a cruz dos compromissos assumidos na vida espiritual. Prosseguiu exemplificando os ensinamentos espíritas que tanto defendia com palavras, artigos, livros e exemplos.

Essa mesma assistência que ela possuía, todos nós temos, embora nem sempre percebamos. E se fazemos o registro, é importante que externemos gratidão, sobretudo amparando a quem sofre, levando consolo e esperança a quem precisa.

Em *O Livro dos Espíritos* há uma questão que nos recorda muito bem a dimensão dessa assistência, vejamo-la:

“963. Com cada homem, pessoalmente, Deus se ocupa? Não é Ele muito grande e nós muito pequeninos para que cada indivíduo em particular tenha, a Seus olhos, alguma importância?”

Deus se ocupa com todos os seres que criou, por mais pequeninos que sejam. Nada, para Sua bondade, é destituído de valor. ”

O Pai ocupa-se com cada um de nós também por intermédio de nossos irmãos mais experientes e amadurecidos, que são os Espíritos protetores que nos estimulam a crescer de dentro para fora em conhecimentos e virtudes.

Nossa irmã menciona a desencarnação do sobrinho, expressando seu pesar e mesmo o chamando de “coitadinho”.

Certamente sabia o porquê dele desencarnar desse modo. A questão é

que, mesmo sabendo o que sabia, tinha compaixão, era sensível e se comovia com as dores alheias.

Muitas vezes, em nome de uma racionalidade ou pureza doutrinária, corremos o risco de nos tornar frios e tudo analisar sem sentimentos em nome de um conhecimento considerado libertador. Sim, libertador, mas nunca estimulador de frieza e indiferença. Ninguém demonstra superior compreensão de um fato mantendo-se alheio ao sofrimento dos outros.

Às vezes chegamos ao cúmulo de censurar espíritas que choram no velório do corpo de um amigo ou parente.

Que impedimento há em consternar-se, derramar lágrimas, sentir a partida de alguém, mesmo reconhecendo que este segue vivo na Pátria espiritual? Onde está escrito que essa postura é antidoutrinária ou contrária aos ensinamentos cristãos?

Há quem queira ser um *superespírita* (não sei se você conhece algum), nada o abala, tudo ele compreende, paira sempre acima da sensibilidade humana e crê que haja muito sentimentalismo no Movimento Espírita.

O que é isso? No que essa pessoa se transformou?

Por outro lado, o desespero e o descontrole podem sim ser expressões de um conhecimento não internalizado ou ainda em vias de se dar, algo que está sendo processado e que em algum momento se fixará, produzindo a devida transformação.

Termina solicitando preces pelo sobrinho e, como sempre, demonstrando carinho pelo amigo que tanto admirava.



Em *O Livro dos Médiuns*, segunda parte, capítulo IX, *Dos lugares assombrados*, o codificador enaltece a importância da prece, desde que ela seja verdadeira, sincera e sentida por aquele que a profere.

“8ª Preferem os Espíritos frequentar os túmulos onde repousam seus corpos?”

O corpo era uma simples vestidura. Do mesmo modo que o prisioneiro nenhuma atração sente pelas correntes que o prendem, os Espíritos nenhuma experimentam pelo envoltório que os fez sofrer. A lembrança das pessoas que lhes são caras é a única coisa que para eles tem valor.

d) São-lhes mais agradáveis, do que quaisquer outras, as preces que por eles se façam junto dos túmulos de seus corpos?

A prece, bem o sabes, é uma evocação que atrai os Espíritos. Tanto maior ação terá, quanto mais fervorosa e sincera for. Ora, junto de um túmulo venerado, sempre se está em maior recolhimento, do que algures, e a conservação de estimadas relíquias é em testemunho de afeição dado ao Espírito e que nunca deixa de o sensibilizar. O que atua sobre o Espírito é sempre o pensamento, e não os objetos materiais. ”

Também no cap. XIV, *Dos médiuns*, item 176, na abordagem sobre os médiuns curadores, encontramos um destaque ao valor da prece:

“9ª Haverá para isso algumas fórmulas de prece mais eficazes do que outras?

Somente a superstição pode emprestar virtudes quaisquer a certas palavras e somente Espíritos ignorantes ou mentirosos podem alimentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. Pode, entretanto, acontecer que, em se tratando de pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o uso de determinada fórmula contribua para lhes infundir confiança. Neste caso, porém, não é na fórmula que está a eficácia, mas na fé, que aumenta por efeito da ideia ligada ao uso da fórmula. ”



Sugestão de leitura:

Correnteza de Luz — José Raul Teixeira/Camilo (Espírito) - Editora Fráter.

DÉCIMA SÉTIMA CARTA

Não, a missão do Cristo não era a de resgatar pelo seu sangue as faltas da Humanidade. O sangue, mesmo de um Deus, não poderia resgatar ninguém. Somos nós mesmos que devemos nos resgatar da ignorância e do mal; nada de exterior a nós o poderia. Eis o que os Espíritos, aos milhares, afirmam em todos os pontos do mundo.

Léon Denis

O Cristianismo e Espiritismo — Cap. VII)

Rio, 18 de abril de 1976.

Querido irmão Divaldo:

Paz em Jesus!

*F*oi uma grata satisfação receber sua carta de 11 do corrente, data da desencarnação do nosso querido Dr. Bezerra. Agradeço a sua gentileza, lembrando-se da sua humilde irmã da Piedade...^{50} e faço votos ao nosso Deus para que as bênçãos do Alto não cessem de ampará-lo na missão encantadora que tem sido a sua. Estou a par dos seus trabalhos, querido irmão Divaldo, e sinto grande conforto em pensar que nossa Doutrina é servida por dedicações como a sua... Deus o abençoe e que Jesus o ilumine sempre. O carreiro do amor ao bem, que tem sido o seu.

Quanto a mim, ainda vou fazendo alguma coisa, consoante as forças que ainda me restam. Receituário, mensagens conselheiras aos que sofrem, auxílios

materiais e como ainda conservo alguns livros inéditos, trato, atualmente, de revê-los e melhorá-los a fim de ver se os aproveito. Mas não recebo mais nenhum. A tarefa, ao que parece, foi cumprida. No entanto, meu filho, tenho a satisfação de desdobramentos perfeitos. Revejo os amigos, tenho surpresas enormes. Há dias “encontrei-me” com o nosso Chopin. Foi um reconforto imenso, e surpresa. Mas só pessoalmente poderei contar-lhe. Desde esse dia tenho estado emocionada, sentindo uma alegria que não é deste mundo.

Satisfaz-me saber que breve terei a sua visita. Espero-a gratamente. Ultimamente não tenho podido assistir às suas palestras. O coração não anda bom, é difícil uma companhia, e por isso raramente saio. Mas sei que são sempre lindas e substanciosas, agradando e confortando a todos.

Os de casa vão bem, nas lutas diárias. Amália agora está em plena atividade doutrinária, setor assistência social, no Centro Espírita Léon Denis, de Bento Ribeiro, um dos melhores do Rio.

Todos enviam abraços e muitas saudades a você. Sua pessoa é sempre lembrada com amor e muito carinho e também orações, para que o Alto o ajude sempre, nos serviços do Senhor.

Aceite, caro irmão, a gratidão e o afeto sempre leal e fraterno da irmã em Jesus.

Yvonne

**Recomendações ao Nilson. Muito grata por se lembrarem dos meus livros na distribuição do “Círculo de Leitura Espírita”.*

Com o carinho sincero e com toda a verdade com que costumava expressar o que pensava e o que sentia, nossa amiga chancelou a missão espiritual de Divaldo

numa época em que muitos, dentro do Movimento Espírita, questionavam a sua idoneidade.

Esta carta, como todas as outras, não apenas contém desabaços, narrativas familiares e comentários sobre o Movimento Espírita daquele tempo, são sempre portadoras de estímulos e encorajamento, amizade e ternura. Da mesma forma, as cartas escritas por Divaldo eram também repletas de um delicado sentimento por aquela amiga tão cheia de lucidez quando pensava e refletia sobre as questões palpitantes do Espiritismo e do nosso movimento doutrinário.

Diz sentir grande conforto em pensar no irmão e amigo Divaldo como um servidor leal da Doutrina. Confia igualmente no orador, no médium psicógrafo e no ser humano que por diversas vezes teve o prazer de receber em sua casa.

Narra como passava os dias, enumerando suas tarefas e perspectivas: receituário, mensagens conselheiras para os que sofrem, revisão de livros inéditos, etc.

Era incansável na arte de melhorar “seus escritos” sob a inspiração dos benfeitores que a assistiam. Não escreveu muito, se compararmos sua produção quantitativamente com a de outros médiuns, mas produziu com extrema qualidade livros que permanecem e permanecerão iluminando consciências por diversas gerações.

Não tinha pressa em publicar e, como um jardineiro paciente que cuida do broto para que haja flor e fruto, melhorava seus próprios escritos, por entender que uma doutrina de qualidade pede qualidade naquilo que a apresenta e a representa.

Muitas vezes teve a sensação de conclusão de tarefas, e, ainda assim, ao contrário do que imaginava, sempre produzia e servia um pouco mais. Estivesse no corpo ou fora dele em desdobramento, sempre aproveitava para trabalhar, estudar, aprender e ensinar, tornando úteis as suas horas.

Menciona as dificuldades para sair, de modo a poder assistir às preleções do amigo, mas diz saber o quanto eram substanciosas e belas, repletas de esclarecimento e consolo para todos.

Faz um elogio ao Centro Espírita Léon Denis, localizado no bairro de Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro, informando que sua irmã estava engajada em tarefas assistenciais junto a essa casa séria, acolhedora e fiel ao pensamento dos Espíritos superiores.



Tendo em vista que Yvonne fala do trabalho de Divaldo e algo também das suas tarefas, nunca é demasiado recorrer ao pensamento do codificador contido em *O Livro dos Médiuns*, cap. III, *Do método*, item 30. Nesse trecho da obra, Allan Kardec define de modo claro e objetivo qual é a nossa missão enquanto espíritas, qual deve ser o nosso foco sem que percamos de vista a necessidade de nos transformamos continuamente para melhor.

“Dirigi-vos, portanto, aos de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo de suas conversões, multiplicando-se, mais do que simples palavras, vencerá as resistências. O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem. Lenir corações aflitos, consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais, essa a sua missão. E nisso também que encontrará satisfação real

Esses dois amigos sempre procuraram lenir corações aflitos, acalmar

desesperos e operar transformações morais, principalmente em si mesmos.

Ao mesmo tempo, são uma inspiração perene para os que procuramos mais acertar que errar em nossa trajetória terrena.

Sugestão de leitura:

Missionários da Luz— F. C. Xavier/André Luiz (Espírito) - Editora FEB.

DÉCIMA OITAVA CARTA

Nas esferas superiores à Terra, a matéria tem menos império. Os males que engendra atenuam-se à medida que o ser progride e terminam por desaparecer. Aí, o homem não se arrasta penosamente sobre o solo, acabrunhado sob a atmosfera pesada; desloca-se com facilidade. As necessidades corporais aí são quase nulas, e os rudes trabalhos, desconhecidos. A existência, mais longa que a nossa, desenrola-se no estudo, na participação nas obras de uma civilização aperfeiçoada, que tem por base a moral mais pura, o respeito aos direitos de todos, a amizade e a fraternidade.

Léon Denis (*Depois da morte* - Cap. XXXV)

1º de setembro de 1977.

Caro irmão Divaldo:

Paz!

Recebemos seu belo postal de Coimbra,^{51} o qual muito nos sensibilizou ao vermos que você não esqueceu as suas humildes irmãs da Piedade, embora de tão longe.

Enviamos os nossos sinceros parabéns pelo belo trabalho missionário que você tem realizado em terras estrangeiras, lembrando os tempos apostólicos. Deus o abençoe, caro irmão, e que Jesus recompense os seus esforços e boa vontade em servir, iluminando sempre mais os seus passos e o seu coração nessa caminhada sublime de preparar o reino de Deus sobre a Terra.

Receba o raminho de flor que esta menina leva^{52} como símbolo da nossa

admiração e da homenagem do nosso coração.

Abraços de suas irmãs em Jesus Cristo.

Yvonne e Amália

*

*

Quando pensamos nestes mais de 60 anos de viagens para divulgação do Espiritismo, dentro e fora do Brasil, visto que as viagens internacionais iniciaram-se no ano de 1962, não temos como deixar de lembrar de Paulo, o apóstolo, que também percorreu inúmeras cidades e visitou diversos países, levando a mensagem do Evangelho.

Não há como olvidar a viagem espírita de 1862, encetada por Allan Kardec, por todo o território francês, nem as outras quatro viagens que foram devidamente registradas pelo codificador nas páginas da Revista Espírita.

Essas excursões para propaganda doutrinária, aprendizado com os espíritas da primeira hora, verdadeira troca de experiências e impressões que resultavam na criação de elos de simpatia e amizade sincera, estão detalhadas também na obra *Viagem Espírita em 1862 e outras viagens de Kardec*, uma bela compilação e organização de Evandro Noleto Bezerra, publicada pela FEB.

Vemos Paulo de Tarso, Allan Kardec e Divaldo empenhados em viver e disseminar os ensinamentos de Jesus.

Os três em épocas específicas, com personalidades distintas e com estaturas espirituais também singulares e diferentes, imbuídos de um mesmo desejo: ensinar e aprender, amar e instruir.

Léon Denis realizou várias viagens de divulgação doutrinária, e no Brasil e no mundo, pessoas anônimas e conhecidas não medem esforços para levar o conhecimento doutrinário aos mais diferentes rincões.

No caso específico de Divaldo, segundo Washington L. N. Fernandes, [\[53\]](#) se fôssemos contabilizar a quilometragem percorrida pelo médium baiano até o ano 2008, ele teria, nessas idas e vindas pelos cinco continentes, atingido a marca de algo equivalente a mais de 2.500.000 km, o correspondente a 59 voltas ao redor da Terra ou quatro viagens de ida e volta até a Lua (a circunferência equatorial do planeta é de 40.075 km; a distância até a Lua é de 334.400 km).

Sempre viajando, e nunca se esquecendo dos amigos, pois encontrava e encontra tempo para responder ao correio virtual e nos bons tempos ainda enviava um cartão repleto de afeto a alguns corações amigos.

O médium José Raul Teixeira, amigo de Divaldo, contou-nos que uma vez, ao visitar a Irmã Dulce em sua obra social na Bahia, deparou-se em seu quarto com um cartão e verificou que era de felicitações pela passagem de mais um aniversário daquela freira missionária. Buscando o autor daquele singelo presente, constatou admirado: Divaldo Pereira Franco.

A amizade doce e pura de Yvonne do A. Pereira e Divaldo, repleta de admiração e respeito mútuos, remete-nos a uma dissertação do Espírito Fénelon, inserida em *O Livro dos Médiuns*, no cap. XXXI, item 22, quando este nos alerta para os cuidados que devemos com a rivalidade entre médiuns e grupos espíritas.

“Perguntastes se a multiplicidade dos grupos, em uma mesma localidade, não seria de molde a gerar rivalidades prejudiciais à Doutrina. Responderei que os que se

acham imbuídos dos verdadeiros princípios desta Doutrina veem unicamente irmãos em todos os espíritas, e não rivais. Os que se mostrassem ciosos de outros grupos provariam existir-lhes no íntimo uma segunda intenção, ou o sentimento do amor-próprio, e que não os guia o amor da verdade. Afirmo que, se essas pessoas se achassem entre vós, logo semeariam no vosso grupo a discórdia e a desunião.

O verdadeiro Espiritismo tem por divisa benevolência e caridade. Não admite qualquer rivalidade, a não ser a do bem que todos podem fazer. Todos os grupos que inscreverem essa divisa em suas bandeiras estenderão uns aos outros as mãos, como bons vizinhos, que não são menos amigos pelo fato de não habitarem a mesma casa.

Os que pretendam que os seus guias são Espíritos melhores que os dos outros deverão prová-lo, mostrando melhores sentimentos. Haja, pois, luta entre eles, mas luta de grandeza da alma, de abnegação, de bondade e de humildade. O que atirar pedra a outro provará, por esse simples fato, que se acha influenciado por maus Espíritos. A natureza dos sentimentos recíprocos que dois homens manifestem é a pedra de toque para se conhecer a natureza dos Espíritos que os assistem. ”

Fénelon.

Sugestão de leitura:

*Diretrizes de segurança -Divaldo Pereira Franco/José Raul Teixeira -
Editora Fráter.*

DÉCIMA NONA CARTA

Aos médiuns que seriam levados a atribuir a si mesmos o mérito exclusivo das comunicações obtidas, assinalaremos o seguinte fato, relatado pelo capitão Bloume, em sua carta ao Sr. L. Gardy, publicada pelo *Le Messenger*, de Liége, de 15 de abril de 1900:

“Num grupo de oficiais do 57° de linha, um subtenente, homem muito comum como espírito e inteligência, pouco instruído, mas bom médium, imaginava tirar de sua cabeça belíssimas comunicações morais e começava a acreditar-se, pessoalmente, extremamente talentoso como escritor, quando, um belo dia, na reunião semanal, no meio de uma bela frase, ele para, simplesmente. Impossível continuar; seu cérebro se recusa absolutamente a reproduzir qualquer coisa. Durante esse tempo, um outro médium explicava que, sem que o tivessem pedido, os Espíritos davam uma lição de humildade a esse médium presunçoso.”

Léon Denis

{*No invisível*, segunda parte - Cap. XVIII)

Rio, 26 de setembro de 1978.

Amado irmão Divaldo:

Paz!

Recebi seu generoso postal da Itália, o qual muito me edificou, principalmente por ver que fui lembrada pelo seu coração fraterno em meio aos sublimes trabalhos que vem realizando a prol de nossa amada Doutrina. Muito obrigada, generoso irmão!

Agora peço-lhe aceitar o meu sincero abraço de felicitações e gratidão pelo apostolado abençoado que vem realizando pelo mundo a serviço do Cristo de Deus e para o bem dos homens. Deus o abençoe, respeitável irmão, e centuple as suas forças e a sua inspiração a fim de prosseguir nesse mandato sublime. E que o Senhor o abençoe pelo esforço, a dedicação, a abnegação que o têm impelido nessa estrada luminosa. Temosorado por você e nunca o afastamos do nosso pensamento, acompanhando-o sempre com muito respeito e carinho.

Agradeço a referência feita à minha mediunidade frente a uma assistência tão seleta. Foi bondade sua, meu filho, não mereço tanta honra; minha mediunidade é simples, modesta. Continuo trabalhando, agora em receituário e atendimento a sofredores e artigos para Reformador. Livros não recebo mais, estou cansada e doente do coração, o fim terreno está próximo, graças ao Pai.

Na primeira oportunidade irei revê-lo e abraçá-lo, quando você falar aqui no Rio. Gostaria de poder falar-lhe, mas sei que isso não é possível. Quem tem o seu apostolado não pode deter-se junto a um só.

Os daqui agradecem as suas recomendações e as retribuem com afeto e admiração. São todos seus amigos.

O postal é lindo! Todos o admiraram, Amália teve lágrimas nos olhos ao contemplá-lo.

Recomendações ao Nilson, com muito carinho fraterno.

Deus o abençoe, irmão Divaldo, e que o Alto proteja todos os seus passos.

São os humildes e sinceros votos da sua irmã em Jesus Cristo e admiradora.

Yvonne

Derramando seu afeto em forma de estímulos e amizade, agradece o

gesto de carinho do amigo em viagem de divulgação doutrinária pela Itália. Menciona a sua e a emoção da irmã Amália ao receberem o lindo postal.

Afirma seguir orando para que não faltem recursos ao amigo que sempre procurou ser útil à causa do bem, fosse no subúrbio de Salvador, nas pequenas cidades do seu estado ou nas grandes metrópoles do mundo globalizado.

Temos orado por você e nunca o afastamos do nosso pensamento, acompanhando-o sempre com muito respeito e carinho.

Incansável em seu carinho e enfrentando as dificuldades que fizeram dela uma *heroína silenciosa*, na expressão de Pedro Camilo, um dos seus biógrafos, afirma mais uma vez que sua mediunidade era simples e modesta.

Yvonne era a personificação do próprio desprendimento e desapego das veleidades e vaidades humanas.

Mesmo acreditando estar quase findada a sua tarefa, viveria mais alguns anos e nestes seguiria ativa com as atividades possíveis, realizando o que estava ao alcance de suas forças.

Ainda que a vida terrena já lhe causasse certo enfado, sabia que precisava findá-la de modo diferente daquele que houvera utilizado em algumas vidas anteriores. Sabia que devia levar adiante o seu fardo e conseguiu com coragem, renúncias silenciosas e muito amor.

No capítulo XX, item 229 de *O Livro dos Médiuns*, os temas da modéstia, da consciência e do amadurecimento emocional são abordados quando Kardec menciona o modo como os médiuns modestos lidam com a própria faculdade e a facilidade de receber certas comunicações.

“A par disto, ponhamos em evidência o quadro do médium verdadeiramente bom, daquele em que se pode confiar. Supor-lhe-emos, antes de tudo, uma grandíssima facilidade de execução, que permita se comuniquem livremente os Espíritos, sem encontrarem qualquer obstáculo material. Isto posto, o que mais importa considerar é de que natureza são os Espíritos que habitualmente o assistem, para o que não nos devemos ater aos nomes, porém à linguagem. Jamais deverá ele perder de vista que a simpatia que lhe dispensam os bons Espíritos estará na razão direta de seus esforços por afastar os maus. Persuadido de que a sua faculdade é um dom que só lhe foi outorgado para o bem, de nenhum modo procura prevalecer-se dela, nem apresentá-la como demonstração de mérito seu. Aceita as boas comunicações, que lhe são transmitidas, como uma graça, de que lhe cumpre tornar-se cada vez mais digno, pela sua bondade, pela sua benevolência e pela sua modéstia. O primeiro se orgulha de suas relações com os Espíritos superiores; este outro se humilha, por se considerar sempre abaixo desse favor. ”

Sugestão de leitura:

Transtornos mentais — Suely Caldas Schubert - Minas Editora

VIGÉSIMA CARTA.[{54}](#).

Os apóstolos, escolhidos por Jesus para lhe continuarem a missão, muito bem o tinham sabido compreender; haviam recebido o impulso da sua vontade e da sua fé. Mas seus conhecimentos eram restritos e eles não puderam senão conservar piedosamente, pela memória do coração, as tradições, os pensamentos morais e o desejo de regeneração que lhes havia ele depositado no íntimo.

Léon Denis

{Cristianismo e Espiritismo — Cap. II}

Rio, 16 de junho de 1979.

Caro amigo e irmão Divaldo:

Paz!

*E*stou duplamente faltosa com você: devo-lhe uma resposta de carta desde dezembro e os agradecimentos pela oferta do seu belo livro “Sublime Expição”.[{55}](#) Muito obrigada, querido irmão, por ter se lembrado de mim com uma dádiva tão significativa e bela! Deus o recompense. Devido aos muitos afazeres doutrinários, só agora posso iniciar essa leitura, que promete ser brilhante como as demais produzidas por suas mãos generosas e incansáveis.

Tenho acompanhado suas atividades nos campos da amada Doutrina. Que o céu o fortaleça e inspire sempre, meu filho, para que o facho de luz que Jesus colocou em suas mãos e, principalmente, em seu coração rebrilhe até o fim,

instruindo e consolando os sedentos de amor e de conhecimentos redentores. Daqui, do meu silêncio, envio-lhe o meu abraço de felicitações pela tarefa tão bela que você desenvolve com tanta dignidade. Deus o abençoe!

Quanto a mim, caminho consoante as minhas possibilidades. Agora, porém, volto-me para os serviços de beneficência e consolo aos que sofrem. Ainda tenho livros para sair, para principiantes, mas não sei se a nossa... se disporá a publicá-los. Seja o que Deus quiser. O trabalho de receituário, conselhos, instrução doutrinária, etc., conforta-me muito. Vivo em boa companhia espiritual, completamente desarvorada para este mundo...

Tenho admirado muito a “Presença Espírita”, é uma boa revista. Mas não sei onde vocês descobriram aquele retratinho meu estampado no último número. Eu não o conhecia. Mas, uma foto minha ao lado da sua é honra para mim.

Deus o abençoe, Divaldo, e a sua obra e aos seus sacrifícios. Recomendações a todos.

Um fraterno abraço da Irmã em Jesus Cristo,

Yvonne.

Agradecida e reconhecida, menciona o presente recebido e o quanto se lembrava de Divaldo com carinho. Via nele um filho e nele identificava um coração dedicado ao bem e aos elevados princípios propostos pelo Evangelho à luz do Espiritismo.

Vale a pena reproduzir um trecho da sua singela carta, no qual sobra ternura dela para ele:

“Que o céu o fortaleça e inspire sempre, meu filho, para que o facho de luz que Jesus colocou em suas mãos e, principalmente, em seu coração rebrilhe até o fim,

instruindo e consolando os sedentos de amor e de conhecimentos redentores. Daqui, do meu silêncio, envio-lhe o meu abraço de felicitações pela tarefa tão bela que você desenvolve com tanta dignidade. Deus o abençoe!”

Menciona os muitos afazeres doutrinários com os quais se mantinha ativa, apesar das dores e sofrimentos que sempre carregava: receituário, cartas, instrução doutrinária, percebendo nessas tarefas o quanto elas lhe traziam conforto, alegria e paz.

Salienta os livros não publicados pela ... e a incerteza de que eles viriam a lume algum dia.

Fechando as reflexões em torno desta carta simpática e amiga e tendo em vista os sublimes objetivos do mundo espiritual, dotando certas criaturas com a mediunidade, e, em nosso caso específico, Divaldo e Yvonne, vejamos o que nos diz *O Livro dos Médiuns* em seu capítulo XX:

“5ª Nas lições ditadas, de modo geral, ao médium, sem aplicação pessoal, não figura ele como instrumento passivo, para instrução de outrem?”

Muitas vezes, os avisos e conselhos não lhe são dirigidos pessoalmente, mas a outros a quem não nos podemos dirigir senão por intermédio dele, que, entretanto, deve tomar a parte que lhe caiba em tais avisos e conselhos, se não o cega o amor-próprio.

Não creias que a faculdade mediúnica seja dada somente para correção de uma ou duas pessoas, não. O objetivo é mais alto: trata-se da humanidade. Um médium é um instrumento pouquíssimo importante como indivíduo. Por isso é que, quando damos instruções que devem aproveitar à generalidade dos homens, nos servimos dos que oferecem as facilidades necessárias. Tenha-se, porém, como certo que tempo virá em que os bons médiuns serão muito comuns, de sorte que os bons

Espíritos não precisarão servir-se de instrumentos maus. ”

Sugestão de leitura:

Libertação — F. C. Xavier/André Luiz (Espírito) - FEB.

VIGÉSIMA PRIMEIRA CARTA

Muitas pessoas temem a morte por causa dos sofrimentos físicos que a acompanham. Sofremos, é verdade, na doença que acaba pela morte, mas sofremos também nas doenças de que nos curamos. No instante da morte, dizem-nos os Espíritos, quase nunca há dor; morre-se como se adormece. Essa opinião é confirmada por todos aqueles a quem a profissão e o dever chamam frequentes vezes para a cabeceira dos moribundos.

Léon Denis

(O problema do ser, do destino e da dor, primeira parte - Cap. X — A morte)

Rio, 05 de fevereiro de 1984. Querido irmão

Divaldo: Paz!

R*ecebi sua carta de 18 de janeiro com muita alegria do coração. Muito grata pelo seu interesse em saber da minha saúde, foi um conforto para mim, pois ultimamente tenho sofrido muito e as palavras fraternas de um irmão de crença consolam-me muito.*

Tenho estado muito doente, há muito tempo, com poucas melhoras nos últimos dias. Não posso fazer mais nada, até mesmo escrever uma carta é difícil para mim. Estou, portanto, aguardando a chamada para a verdadeira pátria. Mas o maior sofrimento é moral. Desliguei-me da ...! Fui alijada de lá com uma desconsideração

que me feriu muito, pois eu amava-a realmente. Retirei os livros que estavam com ela e nunca publicavam. Mas em que estado os recebi. Destruíram os livros⁽⁵⁶⁾, rabiscaram tanto que foi um verdadeiro desacato. Se não gostaram, por que não devolveram? Ficaram lá durante 10 anos. Agora os médiuns têm que ser universitários, e eu não o sou. Mas estou reconstituindo os mesmos, e se Deus me ajudar, publicarei em São Paulo. Só pessoalmente poderei explicar o lamentável caso. Enfim, os livros foram destruídos por um examinador incompetente.

Perdoa o meu desabafo, a... mudou muito, não há lugar mais para mim.

Divaldo, nós mudamos de casa, agora estamos no Méier, Rua Vilela Tavares — 91 — Méier — CEP: 20721. Na ocasião que mudamos, eu passava tão mal que não pude escrever. Mas agora espero a sua visita e na primeira oportunidade quero vê-lo aqui, pois não desejo morrer sem vê-lo ainda uma vez.

Amália agradece e retribui o seu abraço, com muito afeto fraternal. Temos lutado muito com doença depois que mudamos para aqui, mas vamos indo com a misericórdia de Deus.

Reiterando meus agradecimentos pela carta, envio-lhe um saudoso abraço rogando as bênçãos do Pai para você e amparo de Jesus para o seu abençoado trabalho na Seara Divina.

Da irmã de sempre,

Yvonne.

**Não repara o desalinhavo da escrita, não sei mais escrever.*

Depois de um intervalo sem correspondência mais longa, apenas agradecimentos por cartões enviados por Divaldo de diferentes partes do mundo, Yvonne faz um desabafo sobre a sua decepção com...

Elegante, não a denigre; não demonstra ingratidão, mas externa, sim, uma grande insatisfação em face do encaminhamento dado por ela aos livros que havia enviado para avaliação.

Difícil saber o que se passou.

Somente quem viveu esse período e teve acesso aos livros poderia explicar melhor o que se sucedeu. O fato é que dez anos é tempo suficiente para se ler, dar um parecer e se responder a um autor se a sua obra é ou não viável para ser publicada dentro da linha estabelecida pela editora, seja ela qual for.

Não sabemos se este triste episódio fazia parte também do “pacote” de provas que Yvonne ainda tinha que passar. O fato é que isso trouxe experiências importantes para o seu crescimento e aprendizado.

Todos os seus livros anteriores mereceram crédito, respeito e pareceres favoráveis. Foram publicados e muito bem-aceitos pelo Movimento Espírita. E disso Yvonne não se esqueceu, pois sua crítica é pontual, objetiva e contextual.

Confessa seu amor a essa respeitável instituição, e sabemos o quanto defendia o trabalho realizado por ela, inclusive encaminhando praticamente toda a sua produção mediúnica para lá. Só por este período é que muda seu proceder, mas o faz como decorrência da própria mudança desta consigo.

As instituições são falhas e se equivocam por intermédio daqueles que as representamos e que também temos inúmeras limitações.

As instituições também mudam, na medida em que o tempo passa e novos trabalhadores chegam e novas necessidades surgem.

Mais uma vez afirma estar continuamente adoecida e só aguardando a

chamada para a verdadeira pátria, o que de fato ocorreria dentro de mais ou menos um mês, pois desencarnaria no dia 9 de março de 1984.

Pressentia a partida e esta se daria pouco tempo depois desta penúltima carta endereçada ao amigo.

Partiria deixando uma lacuna no Movimento Espírita, lacuna de quem pensava criticamente, porém sem acidez, a Doutrina, o Centro Espírita, a literatura espírita e o comportamento dos espíritas.

Ela pensava e não apenas reproduzia.

Lacuna pelos excelentes livros que produziu e pela grande trabalhadora que foi e que agora segue sendo na Vida espiritual.

Pensando nos Espíritos protetores de Yvonne, amigos espirituais que aprendemos a gostar e a admirar lendo a farta e profunda literatura legada por ela, perguntamo-nos como será que eles se colocaram nesse período em que ela se encontrava tão angustiada com esta questão dos livros.

O que lhe aconselhavam?

Mantiveram-se em silêncio, de modo a verificarem como ela se sairia?

A leitura sempre fecunda de *O Livro dos Médiuns* nos remete ao capítulo XXVI, *Das perguntas que se podem fazer aos Espíritos*, item 291, 19ª pergunta, e na resposta dela recortamos um trecho da *nota* para ilustrar nossa análise.

“Os nossos Espíritos protetores podem, em muitas circunstâncias, indicar-nos o melhor caminho, sem, entretanto, nos conduzirem pela mão, porque, se assim fizessem, perderíamos o mérito da iniciativa e não ousaríamos dar um passo sem a eles recorrermos, com prejuízo do nosso aperfeiçoamento. Para progredir, precisa o homem, muitas vezes, adquirir

experiência à sua própria custa. Por isso é que os Espíritos ponderados nos aconselham, mas quase sempre nos deixam entregues às nossas próprias forças, como faz o educador hábil com seus alunos. Nas circunstâncias ordinárias da vida, eles nos aconselham pela inspiração, deixando-nos assim todo o mérito do bem que façamos, como toda a responsabilidade do mal que pratiquemos. ”

Sugestão de leitura:

Seareiros de Volta - Waldo Vieira (Diversos autores espirituais - FEB).

VIGÉSIMA SEGUNDA CARTA

Aprende a sofrer. Não te direi: procura a dor. Mas, quando ela se erguer inevitável em teu caminho, acolhe-a como uma amiga. Aprende a conhecê-la, a apreciar-lhe a beleza austera, a entender-lhe os secretos ensinamentos. Estuda-lhe a obra oculta. Em vez de te revoltares contra ela ou de ficares acabrunhado, inerte e fraco debaixo de sua ação, associa tua vontade, teu pensamento ao alvo a que ela visa, procura tirar dela, em sua passagem por tua vida, todo o proveito que ela pode oferecer ao espírito e ao coração. Esforça-te por seres a teu turno um exemplo para os outros; por tua atitude na dor, pelo modo voluntário e corajoso por que a aceites, por tua confiança no futuro, torna-a mais aceitável aos olhos dos outros. Numa palavra, faze a dor mais bela.

Léon Denis

(*O problema do ser, do destino e da dor* — Cap. XXVII - *Revelação pela dor*)

Rio, 13 de fevereiro de 1984.

Caro irmão Divaldo:

Paz!

Com muita alegria recebi o livro “Painéis da Obsessão”,^[57] as mensagens e demais folhetos que você bondosamente nos mandou. Amália e eu ficamos muito gratas pela preciosa dádiva e pela generosa dedicatória, que agradecemos efusivamente, rogando ao Alto que novas bênçãos lhe sejam concedidas para a

felicidade do leitor. O tema vem muito a propósito, pois a obsessão é o flagelo do século, ela se apresenta de todas as formas e em todos os setores, e ninguém quer se convencer disso. Muito obrigadas somos ao seu coração, que não nos esquece na solidão do nosso viver humilde e apagado. Deus o abençoe e às suas mãos, que vêm espalhando tanto benefício nesta época de dores e perplexidade.

Querido irmão, esta carta tem dupla finalidade. Conforme relatei na carta anterior, tenho uns livros para publicar, porque retirei os que estavam com ..., a qual em 10 anos não os publicou! Três deles estão sendo reconstituídos por mim e dois amigos da própria ... Mas outros três estão perfeitos para a publicação. Lembrei-me então da sua Editora Alvorada e pergunto a você se a dita Editora publica livros de outrem ou se apenas os seus. Eu daria preferência, no último caso, à sua Editora para publicar os meus, caso você os aceitasse. Segundo os examinadores da própria ..., eles são bons e estão perplexos porquê... não os publicou. Eu faria doação deles à Mansão do Caminho sem nada exigir, passaria os direitos autorais, pois sempre foi meu desejo ofertar meus livros a uma instituição de caridade. São três: “Cânticos do coração”^[58] (clássico), “Páginas campestres” e “O Livro de Eneida” (Memórias). Você os leria e, se agradassem, publicaria para a própria Mansão, seriam propriedades suas. Assim, pois, peço sua resposta para ver o que hei de fazer. Os outros três que estou reconstituindo verei depois o que fazer com eles. Pessoalmente conversaremos melhor.

Caso você não aceite a proposta, não me aborrecerei. Seremos os mesmos irmãos de sempre.

Infelizmente continuo passando muito mal. Espero regressar a Pátria Espiritual ainda este ano.

Sem mais, queira aceitar os nossos abraços muito fraternos e carinhosos.

Deus o abençoe. Jesus o assista.

Da irmã sempre devotada,

Yvonne do A. Pereira.

*

Aqui temos a derradeira carta de Yvonne para Divaldo.

Agradece mais um livro, fala sobre a obsessão como um flagelo de grandes proporções, cita os livros que gostaria de ver publicados, chegando até a oferecê-los ao amigo que não teve tempo suficiente para lhe responder, pois logo no início do mês seguinte ela viria a desencarnar no Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro.

Partiu deixando um legado de esforços, sacrifícios e renúncias silenciosas em benefício de si mesma, de sua própria redenção espiritual e em prol da Doutrina Espírita.

Passou pela Terra experimentando as provas e expiações de que necessitava, mas deixou um rastro de luz, de como podemos suportar com estoicismo tudo quanto nos acicata, exigindo testemunhos de fé e de coragem.

Não é possível conhecer algo da sua biografia e continuarmos a ser os mesmos.

Um pouco das suas lágrimas se insculpe em nós, dizendo-nos que é possível fazer algo mesmo que estejamos sofrendo. Que dá para estender a mão em direção a quem precisa, mesmo quando precisamos receber um abraço, um sorriso, uma palavra, um olhar sequer de ternura que venha de um coração sincero e amigo.

Para encerrar as despretensiosas análises feitas às suas cartas, não

finalizaremos com outro trecho de *O Livro dos Médiuns*, exhaustivamente citado nesta obra, nem sugeriremos outro livro, mas concluiremos com o autor cujo nome apareceu em todas as epígrafes das cartas: *Léon Denis*. Foi ele que, desdobrando o pensamento de Allan Kardec, muito a ajudou a entender melhor a Doutrina Espírita, auxiliando-a, inclusive, a concluir o livro *Memórias de um Suicida*, tornando-o uma obra doutrinária, aliás, uma excelente obra doutrinária.

Foram seus escritos, sempre muito inspirados, que lhe deram a base para evangelizar num período da vida em que se dedicou à semelhante tarefa e foi também chamado por ela como “o grande esquecido”.

Não poderíamos encerrar estas páginas sem mencioná-lo mais uma vez, utilizando-nos de um trecho de *O problema do ser, do destino e da dor*, capítulo 12 da primeira parte, que diz muito do que foi a vida de Yvonne e do que tem sido a vida de Divaldo Franco em sua jornada terrena.^{59}

“Nas horas de atribulações, é para esses Espíritos, para meus Guias bem-amados que voam meus pensamentos e meus apelos; é deles que sempre me têm vindo o amparo moral e as consolações supremas.

Subi a custo os atalhos da vida; dura foi a minha infância. Cedo conheci o trabalho manual e os pesados encargos de família. Mais tarde, em minha carreira de propagandista, muitas vezes me feri nas pedras do caminho; fui mordido pelas serpentes do ódio e da inveja. E agora chegou para mim a hora crepuscular; vão subindo e rodeando-me as sombras; sinto que minhas forças declinam e os órgãos se enfraquecem. Nunca, porém, me faltou o auxílio de meus amigos invisíveis; nunca minha voz os evocou em vão. Desde meus primeiros passos neste mundo, a sua influência envolveu-me. E às suas inspirações que devo minhas melhores páginas e

minhas expressões mais vibrantes. Compartilharam minhas alegrias e tristezas e, quando rugia a tempestade, eu sabia que eles estavam firmes ao meu lado, no meu caminho. Sem eles, sem seu socorro, há muito tempo que eu teria sido obrigado a interromper a minha marcha, a suspender o meu labor; mas suas mãos estendidas têm me amparado e dirigido na áspera via. Às vezes, no recolhimento do entardecer ou no silêncio da noite, suas vozes me falam, embalam, confortam; ressoam na minha solidão como vaga melodia. Ou, então, são sopros que passam, semelhantes a carícias, sábios conselhos ciciados, indicações preciosas sobre as imperfeições de meu caráter e os meios de remediá-las. Então esqueço as misérias humanas para comprazer-me na esperança de tornar a ver um dia os meus amigos invisíveis, de reunir-me a eles na luz, se Deus me julgar digno disso, com todos aqueles que tenho amado e que, do seio dos Espaços, me ajudam a percorrer a via terrestre. Ascenda para todos vós, Espíritos tutelares, entidades protetoras, meu pensamento agradecido, a melhor parte de mim mesmo, o tributo de minha admiração e de meu amor. ”

BIBLIOGRAFIA

BAUMARD, Claire. **Léon Denis na intimidade.**

Tradução de Albertina Escudero Seco. Rio de Janeiro: Edições CELD, 2011.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário técnico de psicologia.** 11^a edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

CAMILO, Pedro. **Devassando a mediunidade.** São Paulo: Lachâtre, 2009.

CAMILO, Pedro. **Pelos caminhos da mediunidade serena.** São Paulo: Lachâtre, 2007.

CAMILO, Pedro. **Yvonne Pereira: uma heroína silenciosa.** São Paulo: Lachâtre, 2005.

DENIS, Léon. **Cristianismo e Espiritismo.** 10^a edição. Rio de Janeiro: LEB, 1994.

DENIS, Léon. **Depois da morte.** 3^a edição. Rio de Janeiro: CELD, 2007.

DENIS, Léon. **Espíritos e médiuns.** 3^a edição. Rio de Janeiro: CELD, 2001.

DENIS, Léon. **O gênio céltico e o mundo invisível.**

3ª edição. Rio de Janeiro: CELD, 2008.

DENIS, Léon. **O grande enigma: Deus e o Universo.** 2ª edição: Rio de Janeiro: CELD, 2008.

DENIS, Léon. **O mundo invisível e a guerra.** Rio de Janeiro: CELD, 2008.

DENIS, Léon. **No invisível.** 17ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

DENIS, Léon. **O problema do ser, do destino e da dor.** 16ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

FILFIO, Luciano Klein. **Recordações de um Apóstolo.** Fortaleza: FEEC, 2011.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Em nome do amor - A mediunidade com Jesus.** Pelo Espírito Bezerra de Menezes. (Org.) Antonio Cesar Perri de Carvalho; Marta Antunes Oliveira de Moura e Geraldo Campetti Sobrinho. 2ª edição. Brasília: FEB, 2014.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Celeiro de Bênçãos.** Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 2. ed., Salvador: LEAL, 1984.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Espírito e vida.** Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 7. ed., Salvador: LEAL, 2007.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Filigranas de Luz.** Pelo Espírito Rabindranath Tagore. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Spiritus, 1965.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Lampadário Espírita.** Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Rio de Janeiro: FEB, 1971.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Messe de Amor.** Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 7ª edição. Salvador: LEAL, 2010.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Portugal e as vozes do além.** Coordenação de Washington L. N. Fernandes. São Paulo: Madras, 2005.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Roteiro de Libertação.**

Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Rio de Janeiro: Capemi, 1981.

FREITAS, Augusto Marques de. **Yvonne do Amaral Pereira: o voo de uma alma.** Rio de Janeiro: CELD, 1999.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo.** Tradução de Guillon Ribeiro. 131. ed., 1. imp. (Edição Histórica) - Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos.** Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed., 1. imp. (Edição Histórica) - Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns.** Tradução de Guillon Ribeiro. 81. ed., 1. imp. (Edição Histórica) - Brasília: FEB, 2013.

LUCE, Gaston. **Léon Denis, o apóstolo do Espiritismo.** Tradução de José Jorge. Rio de Janeiro: Edições CELD, 1989.

MACHADO, Leopoldo. **Cruzada do Espiritismo de Vivos.** Matão: O Clarim, 1948.

MARTINS, Jorge Damas; MARTINS, Pedro Silveira. **Paulo e Herodes: a palavra vibrante de Newton Boechat.** Rio de Janeiro: Novo Ser, 2011.

PEREIRA, Yvonne do A. **À Luz do Consolador.** 3ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

PEREIRA, Yvonne do A. **Cânticos do Coração.** 3ª edição, vol. 1. Rio de Janeiro: CELD, 2012.

PEREIRA, Yvonne do A. **Dramas da Obsessão.** Pelo Espírito Bezerra de Menezes. 8ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

PEREIRA, Yvonne do A. **Recordações da mediunidade.** 8ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

PEREIRA, Yvonne do A. **Um caso de reencarnação: eu e Roberto de**

Canalejas. 6ª edição. Rio de Janeiro: Lorenz, 2009.

SCHUBERT, Suely Caldas. **O Semeador de Estrelas**. 7ª edição. Salvador: LEAL, 2010.

SCHUBERT, Suely Caldas. **Testemunhos de Chico Xavier**. 3ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

SESTINI, Gerson. **Yvonne, a médium iluminada**. Rio de Janeiro: CELD, 2008.

SOARES, Sylvio Brito. **Páginas de Léon Denis**. 4ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritos do Brasil**. 3ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1990.



Cezar Braga Said atua profissionalmente como educador e psicólogo clínico, atendendo terapeuticamente e fazendo palestras, no Brasil e no exterior, sobre temas que normalmente se relacionam: Espiritismo, Psicologia e Educação. Sua trajetória é marcada por experiências na educação infantil, ensino fundamental, médio e na educação superior.

Dentre os vários livros e DVDs de palestras publicados, destaca-se a mais recente e completa biografia de Joanna de Ângelis, lançada pela Federação Espírita do Paraná, sob o título *Joanna e Jesus: uma história de amor*.

Maiores informações sobre o autor e seus trabalhos podem ser obtidas no Site: www.cezarsaid.com

Contracapa

A mediunidade exercida por Yvonne do Amaral Pereira é aquela que denominamos "mediunidade com Jesus", a mesma - diga-se de passagem - praticada pelo médium Divaldo Pereira Franco ao longo de muitos anos. Daí a perfeita identificação entre ambos na bendita seara do Espiritismo sob a luz e as bênçãos do Evangelho de Jesus.

A relação fraterna entre Yvonne e Divaldo desvela-se nas mensagens dessas cartas de linguagem simples que os dois trocaram ao longo dos anos. Nelas, a equilibrada e humilde médium nos oferece excelente material de análise doutrinária, além de revelar o árduo caminho que trilhou para exercer a mediunidade com altruísmo e dignidade, convertendo assim o seu sofrimento e sua expiação numa fecunda missão.

Muitas mensagens de incentivo, de estímulo, Divaldo recebeu de Yvonne, encorajando-o a prosseguir firme na sua trajetória como médium, enfrentando as injustiças e as maledicências dos inimigos da Doutrina Espírita. Nesse particular, ambos se incentivaram mutuamente, visto que Yvonne também sofria os ultrajes dos acusadores de plantão.

Vale a pena conhecer todas essas correspondências que nos passam lições valiosas, facultando-nos a oportunidade de direcionar nossas vidas no caminho do bem e do Amor.

`Súmula

[Esclarecimentos](#)

[PERFIL DE YVONNE](#)

O PRIMEIRO CONTATO

1 PRIMEIRA CARTA

2 SEGUNDA CARTA

3 TERCEIRA CARTA

4 QUARTA CARTA

5 QUINTA CARTA

6 SEXTA CARTA

7 SÉTIMA CARTA

8 OITAVA CARTA

9 NONA CARTA

10 DÉCIMA CARTA

11 DÉCIMA PRIMEIRA CARTA

12 DÉCIMA SEGUNDA CARTA

13 DÉCIMA TERCEIRA CARTA

14 DÉCIMA QUARTA CARTA

15 DÉCIMA QUINTA CARTA

16 DÉCIMA SEXTA CARTA

17 DÉCIMA SÉTIMA CARTA

18 DÉCIMA OITAVA CARTA

19 DÉCIMA NONA CARTA

20 VIGÉSIMA CARTA

21 VIGÉSIMA PRIMEIRA CARTA

22 VIGÉSIMA SEGUNDA CARTA

BIBLIOGRAFIA

- {1}. Nota digital: ajuste a frase: “eu **ta** devolvo”
- {2}. — Cidade francesa onde viveu esta alma doce, fraterna e inspirada.
- {3}. — Alguns destes trabalhos começaram a ser publicados pela FEB - Federação Espírita Brasileira no ano de 2013.
- {4}. Publicado pela FEB desde a década de 50 do século passado, este livro em janeiro de 2013 já se encontrava na 27a edição, tendo sido traduzido para o esperanto, espanhol, francês e inglês.
- {5}. Daniel-Rops (1901-1965) foi um escritor e historiador francês cujo verdadeiro nome era Henri Petiot. Foi professor de História e diretor da revista *Ecclesia* (Paris). Tornou-se mundialmente famoso pelas obras de historiografia que publicou, entre elas a coleção *História Sagrada*, que abrange os volumes: *O povo bíblico* (1943), *Jesus no seu tempo* (1945) e os onze tomos da *História da Igreja de Cristo* (1948-65). Foi eleito para a Academia Francesa em 1955
- {6}. - Esta obra foi lançada pela FEB em agosto de 2013 com o título de *Evangelho aos simples*.
- {7}. Nota digital: muitas alegrias trouxeram.
- {8}. Legião da Boa Vontade
- {9}. De acordo com Zêus Wantuil, Inácio era português de nascimento (1862-1943) e muito jovem veio para o Brasil, tornando-se espírita aos 22 anos e não mais parando de trabalhar no bem. Dentre as suas inúmeras iniciativas, destaca-se a fundação em 1912 da revista *Aurora*-, em 1919 criou o Abrigo Teresa de Jesus, colaborou com a Cruzada Espírita Suburbana, foi um dos diretores do Asilo Legião do Bem, foi vice-presidente da FEB - Federação Espírita Brasileira durante dois anos e foi também articulista da revista *Reformador*. Médiun receitista, foi processado algumas vezes por exercício ilegal da medicina, mas sempre absolvido dada a lisura do seu caráter.
- {10}. César Gonçalves (1858 - 1914).
- {11}. - Anália Franco (1856 — 1919).
- {12}. - Deolindo Amorim (1906-1984) nasceu na Bahia, era sociólogo, escritor, jornalista e conferencista erudito. Foi um dos grandes defensores da Codificação Espírita, admirador de Léon Denis e portador de um grande bom senso. Seus livros, apesar do tempo, permanecem atuais pela profundidade de seus estudos e reflexões.
- {13}. O mesmo que *Rock*.
- {14}. Alusão a Antonio Wantuil de Freitas (1895-1974), mineiro e farmacêutico de profissão, foi um dos mais notáveis presidentes que a Federação Espírita Brasileira já teve, presidindo-a por 27 anos. Foi em sua gestão que se assinou a Ata da Unificação, chamada de Pacto Áureo, proposta que todo espírita dedicado deveria tentar fazer valer em seu espaço de atuação, reunindo e unindo os companheiros do Movimento Espírita em torno dos ideais propostos por Jesus e Allan Kardec.
- {15}. Referência ao extraordinário músico polonês Frédéric François Chopin (1810-1849), que muitas vezes lhe aparecia em Espírito e com ela conversava, consolando-a e sendo por ela também consolado. Para maiores detalhes, consultar a obra *Devassando o invisível*, publicada pela FEB.
- {16}. *Yvonne Pereira: uma heroína silenciosa*, p. 120.
- {17}. Esta proposta ele apresentou no ano de 1948 em seu livro *Cruzada do Espiritismo de Vivos*, publicado pela editora O Clarim.

{18}. União Espírita Mineira.

{19}. Grande trabalhador espírita (1928-1990), excelente expositor, viajou pelo Brasil e pelo exterior divulgando de maneira exemplar o Espiritismo. Para maiores informações consultar o livro: *Paulo e Herodes: A palavra vibrante de Newton Boechat*, de Jorge Damas Martins e Pedro Silveira Martins.

{20}. Livro publicado pela FEB, em 1960.

{21}. Yvonne refere-se ao movimento deflagrado para desacreditar a mediunidade de Divaldo, ocorrido no ano de 1962. Para maiores detalhes sobre este fato, basta consultar os livros: *A anti-história das mensagens copiadas*, de Luciano dos Anjos, publicado pela Editora Leymarie, e *Amigos para sempre*, de Divaldo Franco e Cezar Said, publicado pela EBM - Editora Bezerra de Menezes.

{22}. - A escrita inicial desta obra do Espírito Camilo Castelo Branco, publicada pela FEB, foi concluída em 1926 e ela só foi publicada no fim de 1955 e princípio de 1956, ou seja, 30 anos depois e somente após ter recebido a revisão e fundamentação doutrinária dada pelo Espírito Léon Denis.

{23}. - Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. Após o processo de fusão-unificação desta instituição, sediada na cidade de Niterói, com a antiga USEERJ - União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, nasceu o CEERJ - Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro que no momento coordena os esforços unificacionistas no Estado.

{24}. Esta declaração de Yvonne não foi literalmente cumprida, pois em 1963 seria publicada a obra *Devassando o invisível*, verdadeiro marco em termos de estudo doutrinário da mediunidade e de autorrevelação feita por uma médium. Na sequência, em 1964, viriam a lume os livros *Ressurreição e Vida* e *Dramas da Obsessão*. Em 1967, outro marco da produção de Yvonne, o livro *Recordações da mediunidade*. É possível que ela desconhecesse naquele instante o planejamento dos guias espirituais em relação ao que ainda escreveria, psicografia. E mesmo que soubesse de algo, sua intenção era acalmar Divaldo, de modo que este não tivesse pressa, tanto para apresentar algum livro quanto para publicar alguma mensagem psicografada nas revistas e jornais espíritas da época. Pressa que ela mesma não teve, considerando que em torno dos seus 55 anos é que publicou seu primeiro livro. Calejada por difamações e críticas ferinas, Yvonne agiu como uma amiga querida e experiente, tentando orientar o amigo-irmão mais novo. Justamente por ser criterioso, o primeiro livro psicografado por Divaldo, *Messe de Amor*, do Espírito Joanna de Angelis, só foi publicado em 1964, portanto, dois anos após esse triste episódio.

{25}. *A mensagem a que alude Dona Yvonne é de autoria do Espírito Vianna de Carvalho e está publicada no livro Recordações de um Apóstolo, de Luciano Klein Filho, publicado pela Federação Espírita do Estado do Ceará e também na obra Amigos para sempre, já citada anteriormente.*

{26}. Filho de Wantuil de Freitas, já desencarnado, assim como seu pai. Foi pesquisador de fôlego e autor de obras de referência na boa literatura espírita, todas publicadas pela Federação Espírita Brasileira.

{27}. Liev Tolstói (1828-1910), genial escritor russo, pensador social e pacifista, contemporâneo de Gandhi a quem influenciou. Escreveu *Guerra e Paz*, uma visão épica da sociedade russa do século XVIII, e *Ana Karenina*, ambos são considerados marcos da literatura universal.

{28}. Belíssima obra publicada pela FEB em 1963.

{29}. Primeiro livro mediúnico, ditado pelo Espírito Joanna de Ângelis, publicado por Divaldo, em 1964, com o auxílio de Carlos Torres Pastorino.

{30}. Cremos que Yvonne se refira aos romances verdadeiramente doutrinários edificantes, que passam pelo crivo da universalidade dos ensinamentos e nos ajudam, inclusive, a entender melhor certos conceitos espíritas.

{31}. O que não significa dizer que todos os espíritos ligados à Umbanda ou a qualquer outro movimento que não seja aquele inspirado pelo Espiritismo, sejam destituídos de esclarecimento. Há também no Movimento Espírita encarnados e desencarnados carentes de melhor embasamento doutrinário. Em seu livro *Recordações da mediunidade*, a própria Yvonne revela o respeito e carinho que nutria por Entidades ligadas ao movimento da Umbanda, tinha, inclusive, amigos espirituais que se apresentavam com as características daquelas almas que se encontram vinculadas a este movimento sincrético. Ela ainda ressalta, numa entrevista inserida no livro *Pelos Caminhos da Mediunidade Serena*, de Pedro Camilo, a importância dos Espíritos ligados a este movimento em seu resgate espiritual, ocorrido numa região obscura, por ocasião de um dos suicídios que cometeu.

{32}. - Mineiro de Santos Dumont (1912-1984), foi radialista e o responsável pela transformação da Rádio Rio de Janeiro, 1440 AM, numa rádio espírita.

{33}. *Citação inserida por Yvonne no cabeçalho da carta.*

{34}. Consultemos a resposta da pergunta 495 de *O Livro dos Espíritos*, ampliando a reflexão em torno da proteção dispensada por um Espírito protetor a um encarnado para aquela que temos a convicção seja igualmente dada a uma instituição espírita.

{35}. Sobre uma possível perda ou suspensão temporária da mediunidade, consultar o cap.

XVII da segunda parte, item 220, de *O Livro dos Médiuns*.

{36}. Em 1966, Yvonne estava com 66 anos e viveria até os 84(1900-1984). Mesmo com esta declaração de cansaço, ainda teria mais 18 anos pela frente e publicaria alguns livros, além de artigos para a revista *Reformador* da FEB, perfazendo um período de aproximadamente 20 anos de colaboração ativa (1960-1980) com este periódico. Nesta fecunda colaboração, usava o nome de Frederico Francisco, pseudônimo com o qual homenageava o amigo Chopin. Tais artigos estão hoje publicados no excelente livro *A Luz do Consolador*, da mesma Federação Espírita Brasileira.

{37}. *Filigranas de Luz*, p. 13, 1ª edição, Editora LEAL.

{38}. Como veremos na carta seguinte, ela se refere ao livro *Recordações da mediunidade* (1967), verdadeira joia doutrinária, obra rica de relatos sobre as experiências mediúnicas vividas por

Yvonne. Nesta obra ela narra suas dificuldades, alegrias e tristezas, é uma espécie de diário da sua vida e da sua mediunidade.

{39}. A primeira viagem internacional de Divaldo para fazer palestras fora do Brasil ocorreu em 1962, quando visitou a Argentina. Sua primeira ida a um país europeu se deu em 1967, quando esteve em Portugal e Espanha.

{40}. A reportagem foi elaborada por Nilson de Souza Pereira, dirigindo a Divaldo várias perguntas em torno do seu trabalho de divulgação doutrinária na Europa e na América do Sul.

{41}. Nota digital: Entre os antigos romanos aquele que levava uma insígnia.2-O mesmo que portabandeira.

{42}. Pequenas e sintéticas notas biográficas sobre alguns destes vultos podem ser encontradas no livro *Personagens da Boa Nova*, elaborado por Maria Helena Marcon e publicado pela Federação Espírita do Paraná.

{43}. (Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na reunião mediúnica da noite de 17 de julho de 2006, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

{44}. Nota do autor espiritual: Capítulo XX, item 2 — *Os trabalhadores da última hora*.

{45}. Trata-se de uma mensagem do Espírito Bezerra de Menezes recebida por meio da psicofonia de Divaldo, em 24/04/1967, na sede provisória da FEB, em Brasília, e que tem como título *Ante o novo Santuário de Ismael*.

{46}. Devotado e digno trabalhador espírita, autor da obra *Perispírito*, publicada em 2006 pela Editora Allan Kardec, Campinas (SP), cujo prefácio é do pesquisador Hernani Guimarães Andrade.

{47}. *A primeira viagem feita por Divaldo à África ocorreu no ano de 1971 e nesta oportunidade ele percorreu várias cidades de Moçambique e Angola.*

{48}. Paulista da cidade de Piracicaba, Armando de Oliveira Assis (1911- 1988) foi o 18º presidente da FEB.

{49}. Espécie de prostração física resultante da perturbação funcional do sistema nervoso.

{50}. Bairro do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro.

{51}. Em torno das atividades de Divaldo em Portugal, vale a pena conhecer a obra organizada por Washington Luiz Nogueira Fernandes, colaborador da Mansão do Caminho, cujo título é *Portugal e as vozes do além*. Trata-se de uma coletânea de mensagens que em geral foram recebidas por Divaldo durante as atividades de divulgação doutrinária àquele país, todas de autoria de Espíritos que viveram em solo português e que pautaram suas vidas nos princípios do Evangelho. Publicado em 2005, o

livro assinala, até esse ano, cerca de 51 cidades visitadas sempre a serviço do Espiritismo

{52}. Na singela cartinha, escrita em papel de carta (muito comum entre meninas ainda não seduzidas pelas redes sociais), há o desenho de um raminho repleto de flores

{53}. (http://www.oconsolador.com.br/47/washington_fernandes.html) 16 de março de 2008.

{54}. Esta carta traz no topo da página o versículo 11 do Salmo 103, escrito em alemão. A tradução é a seguinte: *Pois como os céus se elevam acima da terra, assim é grande o seu amor para com os que o temem*

{55}. Livro publicado pela FEB

{56}. Nota digital: o autor deixou de incluir ou a Editora retirou a nota da rodapé

{57}. Livro de autoria do Espírito Manoel Philomeno de Miranda, psicografado por Divaldo e publicado pela Editora LEAL

{58}. Obra em dois volumes publicada pelas Edições CELD.

{59}. Já nos utilizamos deste trecho também para homenagear José Raul Teixeira na obra *Um*

homem no mundo, publicada pela Editora Fráter.